This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

UC-NRLF
$B 318 107

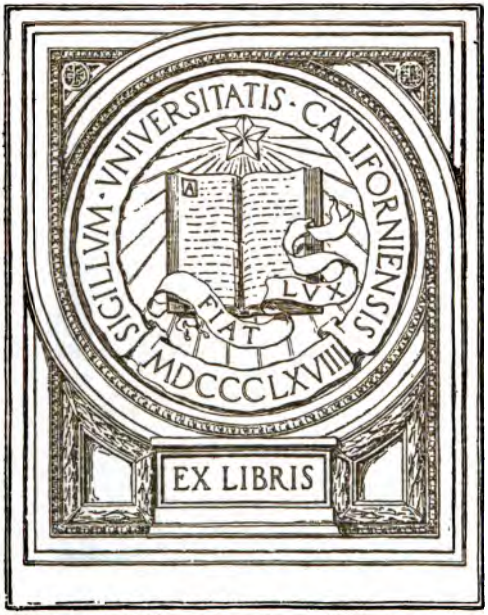
Alberto Pimentel

Espelho de Portuguezes

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Edição popular das suas principaes obras em 80 volumes

GIFT OF
Portuguese consulate



795
P644
v.1

— Co
— As
3 — A
4 — Do
5 — O
6 — O
7 — O
8 — An
9 — A
10 — Ca
11 e 12 - tol
13 — Di
14 — A
15 — Du
16 — Fa
17, 18 e
20 e 21 -
22 — Ag
23 — O
24 — An
25 — Os
26 — A
27 — Ca
28 — Qu
29 — As
30 — A
31 — Es
32 — A
33 e 34 -
35 — O
36 — A
37 — A
38 — De
39 — On
40 — Un
41 — Me An
42, 43 e bos
45 e 46 - Dii
47 e 48 -
49 — Du
50 — Estrellas funestas.
51 — Lagrimas abençoadas.

bre.
na-
po-
er-
ne-
ões
de
de
di-
Es-
to-
ga-
— O
so.
en-
m-
se
a e
is-

Homem. — A Morgadinha de Val-d'Amores.

CAMILLIANA

Camillo Castello Branco — *Notas a margem em varios livros da sua bibliotéca,* recolhidas por Alvaro Neves. — 1 vol.

Camillo Castello Branco — *Tipos e episodios da sua galeria,* por Sergio de Castro. — 3 vols., contendo inumeras transcrições da obra de Camillo.

Poesias dispersas de Camillo Castello Branco — 1 vol. de 247 pags. em papel de linho nacional. Tiragem 48 exemplares.

Hosanna! Por Camillo Castello Branco. Fiel reprodução zincografica da 1.ª edição de 1852, hoje rarissima. Tiragem 60 exemplares.

Os pundonores desagravados, por Camillo Castello Branco. Reprodução como acima da 1.ª edição de 1845. Tambem rarissima. Tiragem 60 exemplares.

Prefacio da 1.ª edição do Diccionario de Azevedo, por Camillo Castello Branco.

COLLECÇÃO ECONOMICA

VOLUMES PUBLICADOS

1 — Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon, seguidas de Tartarin nos Alpes, por A Daudet.
2 — Esgotado.
3 — Sergio Panine, por Jorge Ohnet.
4 — Esgotado.
5 — Esgotado.
6 — Esgotado.
7 — Esgotado.
8 — Esgotado.
9 — Esgotado.
10 — Esgotado.
11 — Esgotado.
12 — Esgotado.
13 — Um coração de mulher, por Paul Bourget.
14 — Esgotado.
15 — Esgotado
16 — Esgotado
17 — Esgotado.
18 — O ultimo amor, por Ohnet.
19 — Um bulgaro, por Ivan Tourgueneffe.
20 — Memorias d'um suicida, por Maxime du Camp.
21 — Esgotado.
22 — Esgotado.
23 — Camilla, por G. Ginisty.
24 — Trahida, por Maxime Paz.
25 — Sua Magestade o Amor, por A. Belot.
26 — Esgotado.
27 — Esgotado
28 — Esgotado.
29 — Mentiras, por Paul Bourget.
30 — Marinheiro, por Pierre Loti.
31 — Esgotado.
32 — A Evangelista, por Daudet

33 — Aranha vermelha, por R. de Pont Jest.
34 e 35 — Esgotado.
36 — Parisienses!... por H. Davenel.
37 — Ao entardecer!... por Iveling Rambaud.
38 — A confissão de Carolina, trad. de J. Sarmento.
39 — Esgotado.
40 — Esgotado.
41 — O abbade de Faviéres, por J. Ohnet.
42 — Esgotado.
43 — Esgotado.
44 — A nihilista, por C. Mendés.
45 — Esgotado.
46 — Morta de amor, por Delpit.
47 — João Sbogar, por C. Nadier.
48 — Viagem sentimental, por Sterne.
49 — O milhão do tio Raclot, por Emile Richebourg.
50 — A confissão de um rapaz do seculo, por Musset.
51 — Esgotado.
52 — O castello de Lourps, por J. K. Huysmans.
53 — Amor de Miss, por J. Blain.
54 — A sogra, por Laforest.
55 — Colomba, por P. Merimée.
56 — Katia, por L. Tolstoï.
57 — Alma simples, por Dostoiewsky.
58 — Duplo amor, por Rosny.
59 — Esgotado.
60 — A princeza Maria, por Lermontoff.
61 — Rosa de maio, por Armand Silvestre.
62 — Esgotado.
63 — O romance do homem amarello, pelo general Tcheng-Ki-Tong.
64 — A dama das violetas, por F. Guimarães Fonseca.
65 e 66 — Nemrod & C.ª, por Jorge Ohnet.
67 — Prisma de amor, por Paul Bonnhome.
68 — Historia d'uma mulher, por Guy de Maupassant.
69 e 70 — Educação sentimental, por G. Flaubert.
71 — Depois do amor, por Ohnet.
72 — A fava de Santo Ignacio, por Alexandre Pothey.
73 e 74 — O herdeiro de Redclyffe, por Mrs. Yongue.
75 — Uma ondina, por Theuriet.
76 — A familia Laroche, por Marguerite Sevray.
77 — As grandes lendas da humanidade, por d'Humive.
78 e 79 — A filha do Dr. Jaufre, por Marcel Prevost.
80 — A dama das camelias, por A. Dumas, Filho.
81 — Dezeseis annos..., por F. C. Philips.
82 e 83 — O Desthronado, por A. Ribeiro.
84 — Ninho d'amor, por A. Campos.
85 — Bodas Negras, por Almachio Diniz.
86 — Do amor ao crime, por Alphonse Karr.
87 — A ilha revoltada, por Ed. Lockroy

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA — N.º 40

ESPELHO DE PORTUGUEZES

(VOLUME I)

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

ALBERTO PIMENTEL

Espelho de portuguezes

...huma imitação de vida: espelho de costumes, e imagem do que nos negocios passa: per estilo humilde, e chegado á prosa, qual vos ora pretendemos mostrar.

JORGE FERREIRA DE VASCONCELLOS—Prologo da comedia *Ulyssippo*.

UNIV. OF CALIFORNIA

VOLUME I

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
(LIVRARIA EDITORA)
Rua Augusta—50, 52, 54
1901

PRESERVATION
COPY ADDED
mlf 1/14/90

Sept 4 Portuguese Consulate

UNIV. OF
CALIFORNIA

Typ. da Parceria Antonio Maria Pereira.—Rua dos Correeiros, 70, 1.º—LISBOA

RAZÃO DO TITULO

UNIV. OF CALIFORNIA

Corre na literatura portugueza uma boa meia duzia de livros com o titulo de «espelhos». Alguns d'elles são mysticos; dos outros, o que me dá mais que pensar é o *Espelho nupcial*, nas bodas do duque de Cadaval, D. Jayme de Mello, com a princeza Henriqueta de Lorena. Não sou capaz de atinar com a razão d'aquelle titulo, pois que o «espelho» não reflecte todos os actos nupciaes, o que seria realmente muito interessante, sobretudo em relação a uma epoca que não tinha dado ainda voga ao «realismo».

Mas por que chamei ao meu livro *Espelho de portuguezes*, sei eu. É porque só trata de

678674

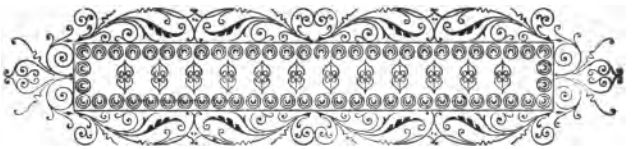
coisas portuguezas, tradições e crenças nossas, costumes e usos que têm vindo de paes a filhos, e que são como que o retrato da alma de um povo passando através das gerações e dos tempos.

Se o leitor, vendo-se n'este «espelho», reconhecer algum traço da sua physionomia moral, do caracter nacional que herdou de seus antepassados e ha de transmittir aos seus successores, ficará plenamente justificado o titulo do livro, como espero.

Lisboa — Novembro — 1900.

AMPOLIAD

ALBERTO PIMENTEL.



I

CHÁ E TORRADAS

Li com muito prazer um livro agora publicado pelo sr. Adolpho Loureiro: *No Oriente. De Napoles á China.*

Gosto immensamente d'este genero de livros, diarios ou impressões de viagem, que levam a gente pelo mundo fóra nas azas do espirito alheio, sem comtudo nos obrigarem ao trabalho de fazer as malas e as despedidas — que são duas grandes sécas.

Logo no primeiro capitulo da obra, em que o auctor descreve a sua passagem por Napoles, parei um momento, preso nas considerações que estas poucas linhas me despertaram:

«Foi uma noite agradabilissima, a qual, para nada lhe faltar, até terminou pelo chá e torradas, o bello chá caseiro de Portugal, que não se conhece lá fóra.»

Acudiu logo ao meu espirito a vaga recordação

de ter lido algures, certamente n'um jornal, uma affirmação identica por occasião da viagem em que o principe real D. Carlos, hoje reinante, foi acompanhado por Antonio Augusto d'Aguiar.

Se estou bem lembrado, o caso passou-se no castello de Hohenzollern-Sigmaringen com a sr.ª infanta D. Antonia, tia paterna d'el-rei.

Aguiar tinha visitado esta princeza, que desde 1861 está ausente de Portugal, e que o recebeu com a effusiva alegria com que, longe da patria, se avista um compatriota.

Como era natural, a conversação incidiu a breve trecho sobre assumptos portuguezes, e a sr.ª infanta D. Antonia, interrompendo-se de subito, disse que ia mandar preparar, em honra do seu hospede, uma refeição que lembrasse os costumes de Portugal.

— O que ha de ser? monologou sua alteza.

E após um momento de reflexão:

— Ah! já sei! Chá com torradas.

D'onde eu, que não viajei nunca na Allemanha, conclui que posto o chá fosse uma bebida divulgada em toda a Europa, o chá com torradas era uma tradição accentuadamente portugueza.

O livro do sr. Adolpho Loureiro veiu agora provar-me que não errei a conclusão, pois que categoricamente affirma: «o bello chá caseiro de Portugal, *que não se conhece lá fóra.*»

A nossa nacionalidade está tão abalada por tantas e tão destruidoras alavancas, os nossos costumes estão tão corrompidos pelo espirito de imitação que sempre tivemos e que nos ultimos annos

tem refinado, que é hoje um caso para jubilo encontrar ainda de pé alguma velha tradição, algum costume ainda resistente e solidamente nacional.

Por isso, lendo o livro do sr. Loureiro, fiz logo tenção de compôr um hymno patriotico em honra do chá com torradas,

E' certo, porém, que se tem restringido muito entre nós o dominio d'esta refeição, mas não é comtudo menos certo, o sr. Adolpho Loureiro o affirma, que é um costume genuinamente portuguez, caracteristicamente nosso.

N'uma antiguidade aliás pouco remota, não se ia ao theatro todas as noites como hoje se faz. Havia poucos theatros, e os que então havia impunham uma certa solemnidade, que obrigava a *toilette* especial, como actualmente acontece com S. Carlos.

O serão em familia era a maneira mais agradavel de passar as noites. Jogava-se quasi sempre; algumas vezes dançava-se. A palavra *soirée* não tinha entrado ainda em circulação. Nem era precisa, porque a nosso vocabulario dispunha de varios synonymos. Tinhamos a portuguezissima palavra — serão — ainda hoje usada nas colonias rusticas da provincia — que é o baluarte do puritanismo. Tinhamos ademais os vocabulos — partida — e — assembléa.

No *Theatro Novo,* de Garção, encontra-se uma referencia, que já tem as honras de historica, á synonymia d'aquellas duas palavras:

Braz Carril

Entendes, Gil Fustote, o que te digo?

Gil Fustote

Entendo, entendo: dizes que *partida*
Hoje em casa terás *ou assembléa.*

Finalmente, tinhamos um quarto vocabulo para exprimir a mesma ideia. Era a «sucia». O sr. Ramalho Ortigão, referindo-se ao Porto da sua infancia, diz textualmente:

«Nas casas particulares as reuniões tinham o nome de «sucias», e havia-as de convivio selecto e fino trato».

Moraes, no seu excellente *Diccionario*, define pelo modo seguinte a palavra *Sucia:*

«Sociedade, companhia, convivencia; diz-se de commum dos tafues, funcionistas, e até dos vadios e ladrões».

Ha meio seculo apenas a palavra sucia corria entre gente de boa sociedade, e representava um facto por ella praticado em suas relações de primorosa convivencia.

Ouvia-se dizer a pessoas de qualidade, a respeito de outras que o não eram menos:

— Fulano deu uma sucia; fulano vae dar uma sucia.

Mas n'um curto lapso de tempo a palavra abandalhou-se, tornou-se chula a tal ponto, que seria hoje uma grave offensa dizer de alguem:

— Em casa de fulano houve hontem uma sucia.

Toda a gente comprehenderia que se visava apenas a ultima parte da definição dada por Moraes: sociedade de vadios e ladrões.

O vocabulo assembléa ainda subsiste em algumas terras de provincia, como synonymo portuguez do anglicismo *club*. Mas em Lisboa apenas se emprega para designar a reunião de todos os accionistas de um banco ou companhia.

«Partida» diz-se unicamente de jogo; seria corrido á tróça pelos contrabandistas do vocabulario aquelle jornalista que ouzasse dizer hoje caturramente: «Em casa do sr. Fulano de tal houve hontem uma brilhante partida de dança».

Nas modestas partidas de jogo o regalo aos hospedes limitava-se apenas ao chá com torradas, sendo para recordar a modestia com que o dono da casa se referia ao seu proprio chá. Chamava-lhe «a chicara de agua morna». Nas partidas de dança, o serviço do chá constava ordinariamente de duas bandejas: uma com torradas e bolachas; outra com bolos finos.

Nas partidas intimas, como eram ordinariamente as de jogo, o chá era servido pela dona da casa aos hospedes, que faziam circulo á banquinha.

Tolentino deixou n'uma das suas satyras memoria escripta d'este velho costume portuguez:

Cantada a vulgar modinha,
Que é a dominante agora,
Sai a moça da cozinha,
E deante da senhora
Vem desdobrar a banquinha:

Na farpada mesa, logo
Bandeja, e bule apparece;
Que mordais os beiços rogo;
Pois são trastes, que parece
Que escaparam de algum fogo;

Em bule chamado inglez,
Que já para pouco serve,
Duas folhas lança, ou trez
De cansado chá, que ferve,
Com esta, a setima vez:

De fatias, nem o cheiro,
Por mais que ás vezes as quiz;
Que o carrancudo tendeiro,
Cansado de gastar giz,
Já não dá pão sem dinheiro.

De facto, estes serões em familia eram ás vezes comicamente esmaltados por episodios ridiculos, taes como a falta de fatias, e ainda outros.

Lembro-me de um, passado n'uma praia não longe de Lisboa.

Trez ou quatro familias tinham dado fundo em casa de uma outra, depois de haverem passado a tarde em commum á beira mar. Havia senhoras, e creanças. A's dez horas da noite serviu-se o chá com torradas. As creanças, esfomeadas, devoraram rapidamente as torradas todas.

A dona da casa chamou a criada:

— O' Maria, traga mais torradas.

A criada desappareceu, mas as torradas não vieram.

— O' Maria, traga mais torradas.

— Sim, minha senhora.

Passaram dez minutos. Todas as pessoas iam demorando o chá, bebido a pequenos golos, para dar tempo a que as torradas chegassem.

— O' Maria! então não ouviu dizer que trouxesse as torradas?!

— Oh! minha senhora!

— Diga! O que é?!

— Não posso trazer as torradas, porque a manteiga acabou.

Era a rasão da polvora...

Hoje, transformados os costumes e com elles as palavras, adeus, partida! adeus, assembléa! Temos a *soirée* e a *sauterie* á franceza; temos á ingleza o *raout*. Quanto á palavra — sucia — essa, coitada! foi parar aos botequins de lepes do Arco do Marquez de Alegrete. Cahiu em desgraça.

O chá que, segundo o bom costume antigo de Portugal, era á noite, passou a ser britannicamente ás 5 horas da tarde, por elegancia, aliás mal entendida, porque em Inglaterra é um costume burguez.

Lá o diz Max O'Rell: «Quasi toda a classe burgueza (em Inglaterra) toma ainda chá ás cinco horas e faz d'isso uma refeição».

O inglez gosta do chá tanto como nós ou mais ainda, e tambem o acompanha com pão com manteiga ou torradas. Mas na *tea party* ha mais do que isso, ha o doce de calda e o bolo secco, porque o inglez é guloso de lambarices e... colonias.

A bandeja de chá com o bule, o assucareiro, o pratinho de torradas loiras, e um guardanapo muito alvo, todo este conjuncto modesto e patriarchal,

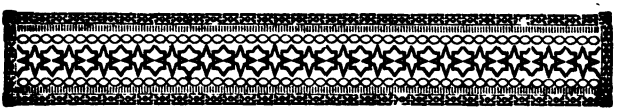
é chá como em Inglaterra, é pão com manteiga ou torradas como na Inglaterra tambem, mas tem um cunho de portuguezice, de tradição patriotica e nacional, que chega a commover pela saudade os portuguezes expatriados, sejam principes ou não.

E' chá, como em toda a parte, são torradas como as pode haver onde quer que haja pão, lume e manteiga, mas é mais do que isso e melhor do que isso: é ainda uma nacionalidade viva.

Tambem o Garrett notou que o *drawingroom*, visto em Inglaterra, não era a sala de visitas portugueza, nem o *salon* francez, mas uma casa de recepção muito caracteristica, cheia de nacionalidade britannica.

Pois ao nosso chá com torradas acontece coisa similhante: é nosso em toda a parte.

Resta-nos ao menos isso: bebamol-o com respeito; engulamol-o com veneração.



II

O PALITO

Tive a consolação de saber, por intermedio de um relatorio do sr. visconde de Santo Thyrso, que um producto da industria portugueza, o palito, encontrava grande consumo no mercado do Mexico.

E' consolador! Sequer ao menos, n'estes desgraçados tempos em que somos tão contrariados economicamente pela concorrencia extrangeira, chega a ser grato saber que, alem-mar, n'um estado americano, o nosso commercio se mantém ainda firmado n'um palito, como se fosse uma sandwich.

Não pode dizer-se que seja um ponto de apoio muito solido, mas, emfim, melhor é ter um palito para vender do que não possuir cousa nenhuma. E nós, felizmente, ainda fazemos, graças a Lorvão, uma tal ou qual figura economica nos paliteiros do Mexico.

E' em Lorvão, aldêa que demora ao nascente de

Coimbra, que a industria dos palitos portuguezes tem a sua principal séde.

Lorvão fica n'um valle profundo, cavado entre montanhas alpestres. Um riacho corta o valle. N'uma das margens do riacho assenta o mosteiro, que primeiro foi de frades ostentosos e depois de freiras que, pela abolição dos dizimos, chegaram á extrema miseria; na outra margem agrupa-se, em frente do mosteiro, o burgo cuja principal industria é a manufactura dos palitos.

Do mosteiro, onde tiveram sepultura duas filhas de Sancho I, D. Theresa e D. Sancha, fala Garrett no seu phantasioso poema, que da heroina tomou o titulo:

> A real *Branca*, de Lorvão senhora,
> Alli despiu do seculo as grandezas
> Na solidão do claustro...

Em 1853, Alexandre Herculano, n'uma carta que ficou celebre, implorou a caridade publica em favor das ultimas freiras de Lorvão, que a esse tempo, expoliadas por varios modos, estavam reduzidas a não ter pão para matar a fome.

Um dos modos de expoliação era exercitado por cinco egressos bernardos, que, administrando os rendimentos das freiras no tempo em que ellas ainda eram ricas, viviam á larga n'um palacete contiguo ao mosteiro.

Nas contas annuaes que elles davam, para lançar poeira aos olhos da communidade feminina, figuravam verbas escandalosas, taes como esta: palitos, 600$000 réis.

A historia do palito portuguez tem esta pagina negra: o roubo torpe de 600$000 réis por anno, perpetrado na propria localidade onde o palito podia ser adquirido directamente da mão do manufactor e, portanto, muito mais barato do que depois de entrar no commercio intermediario.

Deviam chorar lagrimas como punhos as pobres freiras de Lorvão ao tomarem conhecimento da orçamentalogia dos cinco fradalhões bernardos, que escripturavam 600$000 réis de palitos em cada anno.

Foi desde então, supponho, que começaram a entrar palitos nos orçamentos em Portugal. Os frades foram-se embora, mas os palitos ficaram, especialmente no orçamento do estado.

Alexandre Herculano, referindo-se aos habitantes da aldeia de Lorvão, escreve que «N'aquellas casas de telha-van, negras, gretadas, desaprumadas, com o aspecto miseravel da maior parte das aldeas da Beira, vive uma população laboriosa, que até certo ponto se pode chamar abastada, e a que, pelo menos, não falta o pão nem a alegria.»

Ora este bem-estar provém principalmente da industria dos palitos, ali exercida por creanças, adultos e velhos, de ambos os sexos.

As raparigas constituem talvez o maior numero na população que se entrega áquella manufactura. Diz um correspondente de Coimbra que são typicas de bellesa e dotadas de mãos extremamente delicadas.

O salgueiro branco, de que se fabricam os palitos, é tambem, por sua parte, madeira delicada, que lhes não arranha os dedos, nem golpea a pelle.

Assim como as mulheres de Peniche e de Villa do Conde tecem renda sentadas na soleira das portas, cantando para aligeirar o trabalho, as raparigas de Lorvão, em logar e posição identicos, fazem os palitos sobre o joelho, com uma presteza admiravel, entoando, durante a tarefa, canticos religiosos, que reboam docemente na profundesa do valle.

Tudo é delicado na industria dos palitos: a materia prima, as mãos das operarias, a perfeição do córte, o arrendado dos ornatos, e o papelinho de côr em que os palitos são embrulhados para irem correr mundo até ao Mexico, onde o sr. visconde de Santo Thyrso os encontrou com o prazer com que sempre se avista no extrangeiro um patricio, seja pessoa ou palito.

O que é certo é que em paizes distantes nós devemos aos palitos de Lorvão o favor de nos tornar commercialmente conhecidos. No Mexico desconhece-se, seguramente, o poema de Garrett e a carta de Alexandre Herculano, que falam de Lorvão, mas conhece-se o palito portuguez, pequenino, branco e bem feito.

Em França o *cure dent* não é de pau, mas de marfim, o que importa menos aceio, apesar de todas as lavagens por que passa, visto que um só «palito» serve, no decorrer dos tempos, a centenas de boccas, umas doentes, outras sãs.

Palitos de prata e oiro apenas os tivemos, como excepção, em algumas casas nobres, mas serviam sempre ás mesmas pessoas — como ostentação de sua riqueza.

Em Portugal, ordinariamente, gasta-se um palito,

pelo menos, em cada refeição, salvo o caso em que os velhotes, de habitos patriarchaes, guardam o mesmo palito, durante o dia, atraz da orelha.

Mas os costumes patriarchaes estão por um fio, até na vida singela da provincia. E os velhotes jarretas, que eram d'antes pessoas de honrada e portuguezissima barba de passa-piolho, sempre munidos da caixa de rapé na algibeira e de palito na orelha, deram em pintar-se ou tosquiar-se, e em deitar fóra o palito e o rapé, para dissimuladamente enverdecerem de arrebiques e retoques.

O ultimo portuguez de barba de passa-piolho, que eu conheci, foi o conselheiro José de Mello Gouveia, bonissimo homem e estadista modesto, de habitos simples, vivendo pobremente na maior sobriedade e com a maior economia.

Morreu com elle o ultimo portuguez antigo.

O espirito de poupança, n'outro tempo dominante entre nós, denunciava-se até certo ponto pelo palito atraz da orelha. Depois perderam-se os bons costumes, o exemplo dos cinco bernardos de Lorvão lançou raizes, e os palitos passaram das orelhas para os orçamentos.

O do estado é um paliteiro.

A proposito de paliteiros, vem o lembrar que os antigos, o Boi, a Pomba e quejandos monos ingenuamente modelados e rudemente coloridos, eram de barro. Ainda hoje restam, como *specimens*, os das Caldas da Rainha, mas já alguns, como o *Perú* e a *Perua*, evolucionaram na ceramica artistica de Bordallo Pinheiro.

O luxo investiu com os paliteiros, que entraram

a ser de prata, e até de oiro, com figurações mythologicas, especialmente a de Cupido.

E aqui está como a historia do palito e do paliteiro pode servir de indicação para estudarmos as phases, a progressão e desenvolvimento do luxo em Protugal.

A raça forte dos portuguezes antigos degenerou com os costumes. Ao passo que o portuguez de outros tempos conservava por economia o palito atraz da orelha, um estadista moderno, já fallecido, que sempre padeceu da neurasthenia do talento, entretinha-se, nas suas horas de melancolia, a quebrar quantos palitos o criado ia hasteando e renovando successivamente no paliteiro collocado sobre a mesa de jantar.

O palito, com ser um objecto de pouca monta, *pausinho aguçado* lhe chama o famoso padre Bacellar no seu não menos famoso *Diccionario,* forneceu locuções tropologicas ao vocabulario nacional.

Servir de palito significa, na linguagem familiar, servir de divertimento ou zombaria a alguem, talvez pela comparação de que ao palito se dá muitas voltas na bocca triturando-o entre os dentes até que se retraça.

Antonio Feliciano de Castilho, na interessante lista de synonymos de janota que teve a paciencia de colleccionar, esqueceu-se de um que ainda no seculo passado tinha muita voga. Refiro-me a «palito das secias», como quem diz — debique das damas.

No antigo jogo do truque, uma das peças, que se collocava defronte da barra, chamava-se palito.

Nas provincias do norte algumas vezes ouvi, quando era pequeno, chamar palitos aos «lumes promptos» de pau, que precederam os phosphoros de cera.

Não sei de outras accepções que haja tido a palavra palito entre nós.

Voltando a Lorvão, lembrarei que já ali se tentou introduzir na fabricação dos palitos os processos mechanicos. Mas a tentativa abortou, e a população d'aquella aldêa continua a possuir, pode bem dizer-se, o monopolio da industria dos palitos, com que abastece o mercado do reino e das duas Americas.

Ah! pobre gente de Lorvão! Qualquer dia vem um ministerio que faz concessão d'essa industria a uma companhia, a qual funccionará vigiada por vinte fiscaes do governo com os respectivos auxiliares.

E então será um dia de luto em Lorvão, porque as lindas operarias, de mãos delicadas, deixarão de trabalhar de conta propria, alegremente, trabalhando e cantando.

Pouco depois, por dá cá aquella palha, rebentará uma *grève*, a primeira de Lorvão.

E a gente, antes ou depois da *grève*, depois principalmente, ha de servir-se de maus palitos, porque a elevação dos salarios obrigará a companhia a futricar o genero.

Tambem, se perdermos o bom nome dos palitos, o que nos ficará ainda!

O sr. visconde de Santo Thyrso, se fôr vivo a esse tempo, poderá tornar a visitar o Mexico, mas

querendo achar palitos, procurará agulha em palheiro.

Nem palitos já exportaremos.

O palito, tão fragil e tão pequenino, será a ultima tabua de salvação... partida.

Restará apenas o *Palito Metrico* como padrão de um povo que *in illo tempore* teve graça... macarronica.

III

TRADIÇÃO DE UM OFFICIO

Convem fixar a tradição da antiga industria do barbeiro nacional, porque é um dos officios que teem passado por maiores transformações entre nós.

Ainda nas provincias se encontra, é certo, o typo primitivo d'essa profissão. Mas o progresso alterou-o profundamente nos principaes centros do paiz, e é de suppôr que a evolução vá irradiando, ainda que lentamente, das cidades civilisadas para as mais remotas povoações montezinhas.

No logar de Pousafolles, concelho de Melgaço, havia uma loja de barbeiro com a seguinte taboleta estralejante de cacophatons:

Aqui móra mestre Zé que amola, que afia, que aguça.

Está ainda viva a pessoa que leu esta taboleta e me contou que no Alto Minho é costume, nas lojas

de barbeiro, haver, pendente da parede, uma crina de burro, que serve para limpar o pente miudo depois de ter servido.

Em geral a loja do barbeiro, pequena e infecta, denunciava-se no exterior pela porta de vidros e pelas cortinas azues; pelo frasco das bichas de sangrar, pendurado á hombreira; e pela bacia de latão em meia lua, emblema do officio. Muitas vezes o barbeiro não tinha loja, trabalhava ao ar livre, o que ainda hoje não deixou de acontecer em certos arredores saloios de Lisboa, incluindo o Campo Grande, quando ali se realiza o mercado dos moços de lavoira.

N'outras povoações, que ficam affastadas da egreja parochial, o barbeiro, se não reside na freguezia, chega ao domingo antes da «missa das almas», assenta arraial junto ao adro, e tange uma buzina para dar signal aos habitantes que desejem barbear-se para ir á missa, o que aliás é do estilo.

Na Povoa de Varzim, onde tem penetrado a civilisação do Porto, a symbolica bacia de latão, pendurada sobre a porta da loja, foi substituida por enormes tesoiras doiradas, abertas em X.

O barbeiro antigo não tinha as mais das vezes official, porque os seus escassos lucros lh'o não consentiam, mas tinha sempre um aprendiz, que fazia tirocinio ensaboando as faces dos freguezes, e cuidava da hypothetica limpeza da loja.

A operação de *ensaboar* requeria grande destreza de movimentos, que se não podia adquirir de um dia para o outro. A mão manobrava agil sobre a cara do padecente, sendo o dorso dos dedos que

ia distribuindo a espuma n'uma fricção rapida, quasi sempre contundente.

O freguez, ajoujado dentro de uma toalha folhuda, muito recalcada no pescoço, soffria ainda o supplicio de uma semi-colleira de barro: era a bacia de louça branca, em forma de crescente musulmano, com ornatos azues.

No fôlho da toalha consistia o luxo unico admittido n'esta industria pela tradição; mas a mesma toalha servia para uma longa serie de dias e de queixos, salvo o caso de apparecer na loja algum forasteiro graúdo, o que raras vezes acontecia.

O *panninho da barba*, hoje substituido nas cidades pelo livrete de papel, que perde uma folha depois de servido cada freguez, ficava atravessado no hombro direito da victima á laia de dragona pendente sobre o omoplata.

Emquanto o aprendiz manobrava com o tradicional sabão amarello, gordo e pegajento, o mestre dando trela aos freguezes, porque não havia melhor soalheiro, passava a navalha sobre o assentador, que era ordinariamente um pau de piteira.

A mão calosa do rapaz, roliça de frieiras no inverno, punha de tal modo arrepiada a face do freguez, se não contundida, que bem pode ser que viesse d'ahi o chamar-se «ensaboadela» a qualquer reprimenda aspera, que deixa uma pessoa de cara á banda.

O que não padece duvida, porém, é que a palavra «barbeiro», na accepção de vento fino e cortante, proveio da brutalidade com que o mestre-escama fazia a barba aos freguezes, não obstante o previo

simulacro de assentar o fio á navalha e experimental-o golpeando a unha do dedo pollegar mais de uma vez.

Tambem ficou em uso a locução «fazer a barba» para significar que se deixou qualquer pessoa bem castigada.

Terminada a «ensaboadela» pelo aprendiz, preparava-se o mestre para entrar em funcções; e se não estava bem certo nos habitos do freguez, perguntava-lhe:

— Quer dedo ou noz?

Metter o dedo dentro da bocca do padecente era requisito indispensavel para dar-lhe relevo á face, de modo que a navalha pudesse correr melhor, levando coiro e cabello.

Se, porém, ao padecente repugnava a unha negra do barbeiro, tinha de fugir de Scylla para ir naufragar em Charybdis, acceitando a noz, natural ou artificial, que devia conservar na bocca emquanto fosse barbeado.

Este simples facto revela ao mesmo tempo o atrazo de uma industria e da hygiene publica em Portugal; milhões de microbios, pneumococcus e quejandos, passariam de bocca em bocca transportados pelo dedo do barbeiro ou pela noz que o substituia.

Para se evitar o contagio que pode transmittir-se pela navalha, não havia precaução nenhuma; e comtudo seria tão facil como barato desinfectal-a ao fogo.

O barbeiro, quando tinha a loja cheia de gente, o que ordinariamente acontecia aos sabbados á

noite e aos domingos pela manhã, ainda mais abreviava o trabalho, deixando ás vezes varios gilvazes na cara do freguez.

Tambem acontecia perder a tramontana, com prejuizo dos queixos alheios, quando algum garotote lhe gritava á porta:

—O' mestre! tem obra feita?

Estas chalaças do rapazio a determinadas industrias foram desappareeendo lentamente, e estão quasi perdidas na tradição.

Não ha *gavroche* em Lisboa que se lembre agora de arreliar um carvoeiro perguntando-lhe:

—Já deu meio dia em S. Paulo?

O Figaro portuguez sempre teve veia politica, por isso os assumptos da governação publica são de preferencia discutidos nas suas lojas. Na provincia o barbeiro contenta-se de tornear os negocios do estado, commentando-os; mas em Lisboa os barbeiros dos ministros teem a pretenção de fazer parte da engrenagem burocratica, e não são já poucos os que estão empregados em secretarias e repartições como continuos e serventes.

Appareceram outr'ora alguns barbeiros com veia poetica: o mais illustre d'esta especie foi o nosso Quita, de arcadica memoria; mas tambem merece especial menção Antonio Joaquim de Carvalho, auctor de poesias sérias e jocosas, pertencendo a este ultimo genero o estimado poema heroe-comico *Os Touros*.

Proseguindo afanosamente na tarefa, levando coiro e cabello, ou deixando o cabello e levando o coiro, como do seu barbeiro dizia Nicolau Tolen-

tino, chegava o momento do mestre-escama proceder á ultima operação da barba: a lavagem da cara ao freguez, com o dorso dos dedos molhados em agua fria, na bacia de meia lua.

Vinha certamente do ceu essa ligeira ablução refrigerante, para acalmar o incendio das faces irritadas.

Nem borla de amido, nem irrigador de agua de Colonia, nem pedra de alúmen; tudo isso veio com o tempo, a pouco e pouco.

Havia um vocabulario de classe, por exemplo: *escamar um cachucho* era fazer uma barba difficil.

Mas cada barbeiro tinha expressões propriamente suas, para se distinguir como bem falante.

No Porto havia um, afreguezado com estudantes, que costumava perguntar:

— Deseja á contra?

Era um circumloquio de «escanhoado ao arrepio.»

Durante seculos, e ainda hoje succede algumas vezes, o barbeiro accumulou com as funcções do seu officio as de deitar sanguesugas, applicar mézinhas, dar sangrias [1], cortar callos e tirar dentes.

D'esta ultima aptidão reza ainda o proverbio que diz: «Quem lhe doe o dente é que vai ao barbeiro».

---

[1] Para este effeito era habilitação o livro *Pratica de barbeiros em quatro tractados, em os quaes se tracta de como se ha de sangrar, e as cousas necessarias para a sangria*, etc., de que foi auctor Manuel Leitão, mestre em artes e cirurgia, professor no Hospital de Todos os Santos de Lisboa, ahi pelos fins do seculo XVI.

Costa e Silva, nas suas *Poesias*, recorda o tempo em que as camaras municipaes davam carta de curão ou curandeiro aos barbeiros dos respectivos concelhos, antes da reforma da Universidade pelo marquez de Pombal:

O Cirurgião da Aldeia
He tambem Mestre Barbeiro,
Sabia a vida de todos,
E era grande Novelleiro.

Sangrava, tirava dentes,
Tinha carta de Curão [1].

Alem d'isto, era o epistológrapho-mór da localidade, sempre prompto a fazer a correspondencia dos seus conterraneos; e famoso tangedor de viola ou guitarra, o que lhe dava uma indiscutivel supremacia nas aventuras amorosas.

Camillo escreveu nos *Narcoticos* (1.º vol.): «A guitarra em Portugal ha de acabar com o ultimo fidalgo ou com o ultimo barbeiro.»

Por todas estas circumstancias, qualidades e mais partes era uma pessoa altamente cotada na parochia.

Trabalhada a cara, passava o nosso Figaro a operar na cabeça do freguez. Raspava-a com o *pente dos bichos*, pente miudo, feito de chifre; raras vezes o padecente deixava de estremecer sa-

[1] Devem consultar-se, a este respeito, as Provas da *Deducção Chronologica e Analytica*, por José Seabra da Silva.

cudido pelo violento raspão d'essa especie de almofaça.

Depois seguia-se o penteado. Os cosmeticos em uso eram o oleo de macassar e a banha de cheiro, feita de sebo de carneiro e tutano de vacca, levemente aromatisada de espirito de lima e carminada pela cochonilha.

As caixinhas de cartão para conter a banha constituiam uma industria muito generalisada no paiz; os presos da Relação do Porto fabricavam todos os mezes grozas d'ellas.

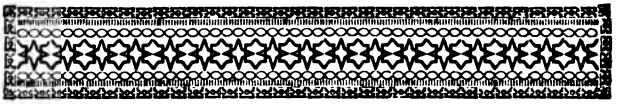
Quando o freguez sahia, finalmente, das mãos do barbeiro, sentia-se alforriado de uma escravidão terrivel. Respirava a plenos pulmões, satisfeito. E esportulava um vintem ou trinta réis, se não estava contratado ao anno por um alqueire de milho ou ao mez por dois patacos, na razão de uma barba cada semana.

Hoje o arsenal do barbeiro acha-se completamente transformado nos grandes centros de população e já em algumas villas mais importantes. Os dedos foram substituidos na ensaboadela pelo macio pincel, que depois de humedecido se embebe em pó de sabão. A' bacia de meia lua succedeu o lavatorio de marmore. A navalha é polida com esmeril e desinfectada com acido phenico. Os assentadores de correia, que substituiram o pau de piteira, teem sido quanto possivel aperfeiçoados no extrangeiro. Ha jornaes que os freguezes vão lendo emquanto esperam: o *Seculo* é de rigor. As lojas estão montadas com decencia; algumas com luxo. Abundam os grandes espelhos e candelabros e so-

bre a prateleira de mogno, corrida ao longo da parede, agglomeram-se os pentes de massa, marfim e tartaruga; as escôvas, os sabonetes, os cosmeticos e elixires. Não faltam penteadores e toalhas, algumas de renda. Ha ferro para frizar o bigode e brilhantina para o lustrar; machina para cortar o cabello; lampada de alcool e bico de gaz para aquecer a agua e o ferro. Tambem ha navalhas mechanicas, de origem americana, que substituem o barbeiro.

O proprio barbeiro deixou de chamar-se assim. E' cabelleireiro ou *coiffeur*. Mas ainda subsiste o costume de tratal-o por *mestre*, unico vestigio do passado que a evolução não apagou.

As barbas subiram de cotação — a 60 réis cada uma; foram subindo á medida que os fundos publicos desceram.



IV

ZÉ PREIRA

Janeiro é santeiro.

Muitos dos santos d'este mez são festejados no paiz com ruidosos arraiaes e pittorescas romarias populares.

A São Gonçalo de Amarante seguem-se Santo Amaro, os Santos Martyres de Marrocos, S. Sebastião e S. Vicente — santos de fama e polpa, muito queridos do nosso povo.

A respeito de Santo Amaro li n'um jornal do districto de Aveiro:

«No visinho logar de Paredes festeja-se hoje a imagem de Santo Amaro, havendo de tarde arraial. Por esse motivo andou hontem e hoje pelas ruas da villa (Agueda) a atormentar os ouvidos a todos os habitantes o tradicional *Zé Preira*, que, para bem de nós todos, devia ser banido.

«Uma velharia retrógrada e incómmoda. Que se deixasse ao menos ficar lá pelo logar de Paredes.»

Não estou de accordo com esta objurgatoria contra o popularissimo zabumba, vulgarmente chamado *Zé Preira*, tão caracteristico das nossas festas populares e, porventura, da antiga virilidade de uma raça que teve forças para o tocar e para o ouvir.

Mas fique este assumpto demorado por alguns instantes.

Vamos ás romarias de janeiro.

O mesmo jornal, em outro numero, fala da festa dos Santos Martyres em Travassô. O vasto largo da egreja esteve apinhado de romeiros, apesar de não ser dia de guarda, e o arraial teve tamanha animação, que foram ali vendidas «centenas de arrobas de figos».

E' ainda a forte gente da provincia a que, por divertimento, pode comer n'um só dia varias arrobas de figos.

A nós então, cá em Lisboa, rebenta nos a bocca!

S. Sebastião talvez não mettesse tantos figos em sua festa, mas deu logar a diversos fogos de artificio e descantes populares.

—O que?! exclamará, incredulo, o constipadiço leitor alfacinha. Ao sereno, em janeiro, só os gatos... Pode lá haver quem esteja n'uma noite fria e humida a cantar ao ar livre! Atchi, atchi... Já estou constipado só de o pensar!

Pois ha, senhores de *cache-nez* e casacão, que ides sahindo de S. Carlos ou do Gremio, levando deante dos olhos o espectro da bronchite ou o minotauro da pneumonia.

Ha, sim; ha arraiaes em janeiro, com descantes

amorosos, *à la belle etoile*, porfias namoradas em que os versos fazem de algum modo o papel de gatos aluados.

Houve um d'esses arraiaes sabbado passado em Coimbra—terra de encantos, do Mondego alegre flôr.

Pensam então os senhores que tudo é Lisboa, e que todos andam aterrados com o convenio!

Ora façam favor de ler, para desenganar-se, esta noticiasinha do *Tribuno Popular*, *folha* da arvore que tem por *flôr* a cidade de Coimbra:

«Realisa-se no proximo domingo a costumada romaria a S. Sebastião da Maia, proximo de Santo Antonio dos Olivaes.

«Na vespera á noite queimar-se-ha um bonito fogo de vistas.

«Esta romaria costuma ser muito concorrida, devido á amenidade do local da ermida, ao bonito passeio d'esta cidade até lá, e ainda á grande affluencia de ranchos que em alegres descantes ali vão dos povos visinhos».

Ahi estão os descantes, junto á ermida, n'um sitio aprazivel, onde n'uma noite de janeiro a humidade do ar deveria ir cahindo sobre os corações quentes — sem os constipar!

Fortes corações da provincia! só comparaveis aos robustos ouvidos dos aldeões do arraial, que não sentem cócegas no tympano quando o Zé Preira passa através da multidão ribombando como uma trovoada!

Em Guimarães, S. Sebastião não daria pretexto

para descantes, mas apanhou, em compensação, duas procissões... politicas.

O leitor talvez não tivesse reparado n'este telegramma do *Diario de Noticias,* de ante-hontem:

«Sahe hoje da egreja de S. Damaso a procissão de S. Sebastião regeneradora, que este anno vae simplesmente acompanhada por uma philarmonica.

«Domingo faz-se na egreja do antigo convento das Carmelitas a procissão de S. Sebastião progressista, sendo abrilhantada no couce por uma forte guarda d'honra e banda de musica de infantaria, dando-se as tres descargas do estylo, tudo como affirmação do valor local do partido ao governo».

A politica dos Santos ou a proposito d'elles não é facto novo, porque no tempo de Garrett havia no Porto o S. João da Cedofeita, que era republicano; o da Lapa, que era *malhado;* e o do Bomfim, que era realista.

Mas o telegramma de Guimarães surprehendeu-me, porque de todo o ponto desconhecia essa caturreira partidaria dos vimaranenses.

Que S. João Franco... perdão! que S. Sebastião de Guimarães não apanhe n'este momento mais do que uma philarmonica, comprehende-se. O Santo está na opposição, não tem regedores que vistam opas, nem cabos de policia que empunhem tochas.

Mas, pergunto eu agora, se o sr. José Dias Ferreira voltar ao poder, quem faz a procissão?

Terá o Santo de ficar roubado?

Ah! quem faz a procissão? Que ingenuidade a minha! Serão os «amigos da situação», que hão de apparecer em barda, a reclamar tochas, a pedir opas, e a offerecer os hombros partidarios ao andor do Santo.

Serão esses, e mais alguns.

O' milagroso S. Sebastião de Guimarães! podeis contar com uma procissão cada anno, que está tão certa como um passaro na mão.

Não hajaes medo, rico S. Sebastião governamental, de que a procissão possa voar...

Mas de nenhuma das duas procissões vimaranenses se diz que fosse acompanhada por um *Zé Preira*, colossal instrumento que não terá faltado aliás no arraial de Coimbra e nos outros.

A politica mette instrumentos mais finos; cada partido é uma orchestra.

Ha em cada grupo militante os trombones, que são os machuchos; os flautins, que são os que se esganiçam para ir dando nas vistas; os pratilheiros, que são os que muitas vezes fazem barulho e não prestam para mais nada.

E' convencional esta musica, regida pela solfa da politica, segundo as regras do contraponto partidario.

O Zé Preira dos arraiaes é outra casta de instrumento; primitivo, quasi selvagem, sem disciplina e sem arte.

Quanto mais barulho faz, tanto mais se impõe e triumpha.

E' o bombo; só esta palavra enche a bocca!

Nós levamos o *Zé Preira* ao Oriente. Temos essa gloria. Na India ingleza, especialmente em Bombaim, não ha festa de nativos em que não appareça um bombo enorme, que lá conserva o nome que deixámos n'aquellas paragens como vestigio do nosso antigo dominio.

A graphia usada pelos inglezes é *Zepereyra*,

Quando em 1876 o principe de Galles visitou Bombaim, foi recebido pelo povo ao som de Zépereyras, como pode verificar-se nas illustrações do jornal *The Graphic*, relativo a essa epoca.

Tambem levamos o Zé Preira ao Brazil, que o conserva ainda nas grandes folias populares

O *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, descrevendo o carnaval de 1899 na rua do Ouvidor, escrevia: «Diversos *Zé Preiras* n'um zabumbar estrondoso desceram por vezes pela concorrida rua».

Manifestamente a designação de Zé Preira veio-lhe do nome do inventor.

Mas quem foi esse grande homem, esse famoso Zé Preira, que inventou um instrumento rival dos trovões e dos Krupps, um instrumento que só por si é capaz de encher de som a profundeza dos valles e o leito dos mares?

Não se sabe! A sua biographia, mais ainda, o seu nome não vem no diccionario de Larousse, nem no diccionario de Bouillet. Não se sabe quem fosse esse famoso Zé Preira, mas eu conjecturo que elle tenha vindo á luz em tempos remotos, quando os homens viviam apenas da caça, e vestiam pelles de animaes, e traziam por bengala um tronco de pinheiro na mão.

Foi certamente no tempo dos fortes, que esse grande Zé Preira appareceu.

Homens enormes, de muitos covados de altura, quando queriam folgar depois do combate ou da caçada, pediam musica.

Mas o Conservatorio não existia ainda, felizmente, e S. Carlos estava no ovo.

Foi preciso que um d'elles, dos grandes, inventasse um instrumento musico nas condições de satisfazer as exigencias de todos.

Coube essa gloria a um Zé, de appellido Pereira, nome que não deve ter sido a abreviatura de José, porque a Egreja Catholica não estava ainda fundada.

Esse nome foi provavelmente extraido da onomatopea, do instincto de imitação, sempre vulgar nos homens, especialmente nos primitivos.

Zé — Prei — ra... puum.

Zé Preira é como trez golpes de vaqueta, trez rufos de bumbo, trez trovões de zabumba.

Que soberba invenção! mais eloquente, para a historia natural do homem, do que um tratado de anthropologia!

Musica para abalar os montes, entre os quaes foi creada; para fazer dançar as cordilheiras; e para abrandar as furias loucas d'esse primitivo Saul, que se chamou mastodonte!

A cythara, a lyra, a harpa e até o piano são bujigangas de creança ao pé d'esse retumbante, resoante e atroante Zé Preira dos arraiaes do norte, que passa por cima de uma banda marcial, e a deixa esmagada.

E' preciso ter saude e coragem para soffrel o, porque elle é como os vendavaes, que varrem a terra, e como as trovoadas, que limpam os ares: incommóda, mas fortalece e purifica.

O violino será a poesia do nosso tempo, effeminada e esganiçada; o Zé Preira é a prosa máscula de homens que não sabiam fazer a barba, nem versos ainda.

Herculano, querendo dar a idéa da sua voz potente, exclamou um dia:

Oiçam-me a terra e os mares rugidores
E os abysmos do inferno

Mas não ouzou dizer que o ouvissem os Zé Preiras, porque seria uma tão audaciosa figura de rhetorica, que ninguem a desculparia.

E' por todas estas considerações que eu não posso ouvir dizer mal do Zé Preira, unico vestigio sobrevivente de um tempo em que todos os homens foram grandes, até os pequenos!

Parece que querem dar cabo dos arraiaes da aldeia, aonde o Zé Preira attrai gente fazendo-se ouvir nas quebradas dos montes e na crista das montanhas.

E' a peça de João Paulo Cordeiro encarregada de dar as salvas do estilo nas grandes alegrias populares.

E', permittam-me dizel-o, a alma de um povo, que nasceu a falar de grosso em pleno campo, e que depois foi castrado para cantar as árias mulherengas do regimen parlamentar.

Mas bastaria um só Zé Preira revolucionario para supplantar todas as cantatas esfifadas das côrtes de S. Bento.

Hurrah pelo Zé Preira!

V

OS GRILLOS

PODERÁ parecer infantil o assumpto....

Mas que querem? Fiquei sempre com este geito de creança; tenho, pelo grillo, uma antiga e profunda sympathia.

Que os camponezes e os jardineiros embirrém com elle, percebo eu, porque é damninho. Lá diz um padre-mestre da zoologia: *Trés nuisible.*

Mas a mim, que só oiço cantar o grillo no torrão dos outros ou na gaiola onde elle está coacto, que mal me póde fazer o grillo?

Gosto de o ouvir no campo, ao sol ou ao luar, porque é uma voz forte e aguda, pujante de vida, que annuncia a estação em que a natureza renasce na pompa das flores e na maturação dos fructos.

O *gryllus campestris* é um menestrel d'aldeia, sempre poeta, como não será difficil demonstrar, cantando o amor, a femea, o eterno thema de todos os poetas namorados.

Na cidade, quer seja o grillo engaiolado ou o grillo caseiro, o grillo da lareira, *gryllus domesticus*, dá-me a sensação de um trecho de paisagem campesina intercallado nos bairros populosos, entre a casaria monotonamente dealbada, as ruas aridas e poeirentas, batidas do sol, todo a *mise-en-scène* secante de convencionalismo urbano.

Durante algum tempo, depois de ultrapassada a infancia, eu quasi me envergonhava de confessar a minha sympathia pelo grillo. Mas, um dia, descobri um inglez da minha opinião, e esse inglez era nada menos que um sabio. Ora convém notar que o inglez, quando lhe dá para saber, é um poço de auctoridade. Nada tenho pois que receiar, protegido pelo nome do dr. Jonathan Franklin.

«Um dos sons mais agradaveis, na natureza, é para mim — diz elle — o canto do grillo Apesar de agudo e estridente, enche-me a alma de alegria. O encanto d'esta musica recorda a bella estação, o sol claro, os asperos estevaes — n'uma palavra, tudo o que ha de rude e vivaz na paisagem.»

All right! A auctoridade do sabio inglez defende-me, o prestigio da bandeira britannica protege-me, e se alguem ouzar abocanhar o dr. Franklin na minha pessoa, não tardará muito um *ultimatum* — couraçados, soldados de farda vermelha, krupps monstruosos. Os srs. bem sabem como a Inglaterra morde...

Posso agora falar desafogadamente,

A historia do grillo, como quem diz a sua biographia, é um poema completo desde que o caçam até que morre.

Tem paginas maviosas de sentimento, essa historia, acreditem.

Nasce o grillo n'uma pequena galeria subterranea, de algum óvulo deposto n'uma especie de camara, lisa e redonda, do feitio de uma caixa antiga de rapé.

E' o solar da familia, construido pelos progenitores.

Os rapazes d'aldeia descobrem facilmente a entrada da mysteriosa mansão d'estes orthópteros, e apesar de a encontrarem defendida, invadem-n'a facilmente com uma palhinha, que vai remexer o fundo da galeria.

O grillo, assustado, attonito, percebe que está perdido, e procura salvar-se fugindo. Mas ai d'elle! á porta do solar espera-o um grupo de Sacarrões, cinco dedos terriveis, ferozes, que o aprisionam.

A femea quer acompanhar o esposo, segue-o na fuga, mas o caçador, que a conhece facilmente por ser toda preta, despresa-a, arrebata-lhe o marido, e foge com elle

Para o implacavel caçador, a femea do grillo não tem cotação. Não canta; por isso a despreza. E' uma virtude domestica, que se torna em depreciação commercial.

O poeta comico Xenarco, que floresceu em Athenas n'uma antiguidade remota, felicitava os grillos pela aphonia das suas femeas, dizendo-lhes: «Como vós sois felizes! vós que tendes femeas silenciosas!»

E' de fazer inveja aos homens!

A epopea dolorosa do grillo, a poesia da sua

desgraça, começa justamente no momento em que o separam da femea com quem vivia n'uma doce felicidade domestica.

Jámais póde elle resignar-se a essa perda cruel. A partir d'então, perdida a esposa terna e o solar subterraneo, principia a ser o poeta da saudade, o cantor infatigavel da solidão e do desterro.

Traz comsigo a theorba das suas maguas, o instrumento dos seus cantares — os elytros que friccionando-se um no outro produzem a musica, se é que a não produz, como diz Boisduval, a acção das patas, como um arco de rabeca, sobre a borda dos elytros.

Nada, pois, mais improprio do que dizer que o grillo canta. Mas é uma expressão consagrada pelo uso. E seja como fôr, ha sentimento, paixão, poesia, n'essa musica estridula, que, se não é o canto, é, pelo menos, *a canção* do grillo.

A mãe do garoto d'aldeia, que é ordinariamente uma lavadeira dos suburbios de Lisboa, traz o prisioneiro á cidade, no fundo de uma velha cafeteira, onde elle se revolve desesperado entre a multidão de numerosos companheiros de desgraça.

Para onde vae? Não sabe. Vae certamente para um carcere, cuja situação ignora. Que lhe importa que o destino o leve para os lados do Castello de S. Jorge ou para as visinhanças da Estrella? para o bairro fadista de Alcantara ou para o bairro aristocratico de Buenos-Aires?

E' um escravo que vae ser posto em leilão, um captivo que nunca mais terá liberdade, e cuja dôr será explorada pelo carcereiro, que por isso se in-

teressa em sustentar-lhe a dura existencia com tenras folhinhas d'alface.

Na praça da Figueira ou em qualquer outro mercado publico esperará, dentro de um caixote forrado de zinco, com outros innocentes penitenciarios, a hora em que appareça o comprador.

E agora sou eu chegado a explicar o motivo por que escolhi o grillo como assumpto d'este capitulo.

Sua magestade a rainha D. Amelia passava, ha dias, pelo mercado de S. Bento.

A' porta da loja n.º 13, que abre sobre a rua do mesmo nome, parou o cavallo em que gentilmente montava e disse á vendedeira que desejava comprar dois grillos em duas gaiolas. Era uma lembrança, um presente de mãe affectuosa, para os principes seus filhos.

Escolheram-se os melhores *cantores* e as melhores gaiolas. Horas depois, um criado do Paço dirigia-se á loja da Izabel Barbuda, recebia os grillos, e pagava-os por 500 reis, tendo recebido ordem de não acceitar a demasia.

Este facto authentico, que escapou phenomenalmente á voracidade da *reportagem*, conto-o eu hoje em primeira mão — ainda me parece incrivel! — e, encontrando ecco na minha antiga sympathia pelos grillos, impoz-se ao meu espirito como um assumpto palpitante de actualidade, e de opportunidade graciosa.

Tiveram aquelles dois grillos a sorte de ir viver na côrte e deliciar os ouvidos de jovens principes. Ah! mas elles não serão cortezãos a ponto de cantarem para que suas altezas os oiçam.

E' para a femea ausente, é para chamal-a de longe, saudosos e amargurados, que todos os grillos prisioneiros cantam.

Não me accusem de estar fazendo poesia, porque responderei com a propria phrase de um zoologo illustre, que explica o canto insistente do grillo dizendo na sua linguagem sêcca de homem de sciencia: *probablement dans le but d'attirer les femelles.*

O que eu faço apenas é procurar a poesia na sciencia, coisa bem differente da phantasia de invental-a.

Esse feio orthóptero, ao qual pelo canto se perdoa a fealdade, com suas longas antennas intromettidas pelas reixas da gaiola, parecendo bronco e medroso, é nada mais e nada menos que um poeta da familia grillidia.

Tem paixão, amor como um Macias, o prototypo dos trovadores fidalgos, talvez portuguez ou talvez gallego, tão nosso conhecido pelos autos de Gil Vicente, Chiado, e Antonio Prestes.

Era Macias um cavalleiro da ordem de Calatrava, e amou loucamente certa dama, cujo marido se foi queixar da affronta ao mestre da ordem.

Encarcerado em castigo na torre de Argonilha, a sua paixão recrudesceu com a desgraça do captiveiro.

Sentado junto a uma fresta da torre, cantava trovas ao som da theorba em honra da bem-amada. Suas palavras eram suspiros rimados, lagrimas crystalisadas em versos ardentes. Chorava cantando, por isso a sua memoria ficou eterna como inextinguivel fonte de amor, que murmura ainda na tradição trovadoresca.

Grillo, Macias dos orthópteros, tu herdaste o destino e a theorba d'essa grande paixão medieval, tu és, ainda hoje, o cantor do amor e da saudade, dentro da tua torre de arame.

E' pela tua dama, a quem os zoologos chamam cruamente fêmea, que tu cantas e choras, alta noite, ao luar, quando os corações dos homens esquecem no somno as suas maguas amorosas.

Mais leal, mais dedicado do que elles, tu velas e sentes, tu sonhas com a tua bella, que para sempre perdeste.

Ouvindo cantar Macias, o marido ultrajado arremessou uma lança que foi, pela setteira da torre, cravar-se no coração do trovador.

Não morre assim o grillo, o que aliás não quer dizer que não morra de saudade e paixão.

Um dia, pela manhã, o seu infantil possuidor vai encontral-o inerte, immovel, a um canto da gaiola, como o carcereiro da torre de Argonilha foi encontrar Macias sentado junto á setteira, frio e pallido.

O pobre grillo morreu e não será sepultado ignobilmente no barril do lixo. Não! As creanças parece adivinharem que o grillo morto representa uma terna tradição trovadoresca perpetuada na natureza.

Fazem-lhe ordinariamente funeraes pomposos, com trapinhos pretos, e phosphoros de cêra ardendo como brandões.

Quem não encontra nas recordações da infancia a lembrança de ter feito um enterro «de primeira classe» a um grillo ou a um canario?

Conhecem, acaso, uma tela deliciosa de Eugenio Lejeune, *Morte de um passarinho*?

Que linda coisa, esse quadro!

O féretro vae deposto n'um carrito de pau, o melhor que se pôde arranjar. Umas pequenitas tiram pelo coche, em direcção á cova que se está abrindo. Após o féretro, passa um rapazinho lacrimoso, suspendendo a gaiola vazia, e a par do rapazinho o cão, tão triste como qualquer das creanças.

O quadro é isto—tudo o que ha de mais simples, de mais verdadeiro, e de mais encantador na expressão dolorosa de um sentimento ingenuo e sincero.

Assim enterramos nós todos, na infancia, os nossos grillos mortos.

Assim, provavelmente, hão de enterrar os seus tambem, ahi pelas alturas do S. João, se não fôr antes, os jovens principes da casa de Bragança.

Pois, se suas altezas quizerem honrar com um epitaphio condigno a memoria dos dois *cantores* que tão dedicadamente lhes escolheu a Izabel Barbuda, tomo a liberdade de aconselhar os jovens principes a que mandem copiar da sepultura do captivo da torre da Argonilha a seguinte legenda, simples mas elequente: *Aqui yace Macias el enamorado.*

VI

A CANDEIA

Antigamente os portuguezes deram o nome de candeia tanto á luz que se alimentava em azeite como em cêra.

Muitas vezes se encontra nos nossos classicos a expressão candeia para designar o rolo ou vela benta, que era costume collocar na mão esquerda do moribundo para o ajudar a bem morrer.

Assim, pois, na festa da Purificação, a dois de fevereiro, vulgarmente chamada da «Candelaria» ou da «Senhora das Candeias», realiza-se a benção da cêra e outr'ora não eram só os padres que faziam a procissão d'esse dia, mas tambem os fieis, que os acompanhavam ao som da antiphona *Lumen ad revelationem gentium*, empunhando velas, que piedosamente guardavam depois e serviam para accender quando uma pessoa da familia entrava em agonia.

Nós tambem cá tivemos «a procissão das candeias» e ainda no Lumiar, por occasião da feira de Santa Brizida, é costume os lavradores darem trez voltas á egreja, com rolos e velas na mão — candeias, segundo a linguagem tradicional — para que as suas rezes não sejam damnificadas por mau olhado.

O caso é que a palavra Candeia serviu tanto para designar a luz de azeite ou de cêra, como a festa da Senhora da Purificação, tambem chamada da Luz; n'este sentido dizemos ainda:

Se a Candeia chora,
Está o inverno fóra;
Se a Candeia rir,
Está o inverno por vir.

Queremos referir-nos ao bom ou mau tempo que fizer no dia 2 de fevereiro, e que servirá de prognostico, segundo a crença da gente do campo.

Mas eu desejo especialmente falar da candeia de azeite, d'essa singela e antiga lampada domestica, de ferro ou de lata, que é ainda hoje nas provincias septentrionaes o unico systema de illuminação adoptado em todos os lares humildes e pobres.

O petroleo, que veio fazer concorrencia ao azeite, já o substitue nos casaes saloios dos arredores de Lisboa, alimentando as candeias; mas no norte do paiz é ainda e sempre o azeite que serve para accender a candeia aldeã, que se fixa no «velador».

Bons tempos aquelles em que o candieiro de la-

tão, com trez bicos, allumiava os patrões na sala, e a candeia de ferro os criados na cozinha.

Ha ainda hoje palavras que pintam toda uma época e são tão expressivamente concisas, que dão até certo ponto ideia do seu mobiliario, como, por exemplo, no *Acalentar da neta*, de Castilho:

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candeia,
Ao pé da Virgem Maria.

Está a gente a vêr a casa pobre da aldeia, mal allumiada pela candeia negra; o berço, de pinho branco; a estampa representando Nossa Senhora, pregada na parede; a avó de roca á cinta, fiando e cantando emquanto a creança não adormece.

E' como se fosse uma photographia instantanea.

E d'esses bons tempos, a epoca patriarchal das candeias, ainda nos ficaram algumas locuções como — andar de candeias ás avessas com alguem — e algumas superstições populares, como estas: quando uma candeia esparrinha, annuncia que vamos receber algum presente; o azeite da candeia que allumia os mortos não deve allumiar os vivos, etc.

Eu ainda me lembro dos ultimos serões do outono no Douro, em que não havia mais luz que a da crepitação das brasas sobre a lage do lar. A cozinha, vasto caseirão denegrido pelo fumo, tinha o que quer que fosse de funebre, mas enchiam-n'a de alegria as vozes e risadas das raparigas que voltavam do trabalho dos campos.

Se a candeia espirrava, a tia Agueda, caseira de meu pai, costumava dizer sentenciosamente:

— Espirras? Temos mau tempo.

E no dia seguinte a chuva cahia a potes, quasi sempre.

Aposto que as pessoas que me estão lendo ainda não atinaram com a razão por que eu trouxe á collação a candeia dos bons tempos antigos.

Pois quero ir ao encontro da sua curiosidade, se é que a tiveram, dizendo lhes que em Monforte, onde el-rei fôra montear durante os trez dias do carnaval de 1899, os montanhezes illuminaram as choupanas, em honra do monarcha, pondo ás janellas e portas as candeias que ainda lá conservam tradicionalmente.

O *Jornal do Commercio*, descrevendo as festas campestres de Monforte, deu este pormenor: «... e as illuminações são feitas com candieiros, lanternas e candeias, mas sobretudo candeias, visto como são pobres montanhezes, em geral, os moradores d'aquella terra.»

Chega a ser interessante este quadro primitivo d'uma povoação que se conserva ainda no regimen da candeia, á hora a que alguns dos seus compatriotas já desdenham a luz do gaz por a acharem menos bella e brilhante que a luz electrica.

Em Lisboa, n'essas mesmas noites de carnaval, os theatros, illuminados a bico Auer, cegavam os olhos piscos dos valsistas avinhados; em Monforte, a 43 leguas de Lisboa, todo o luxo de uma illumição festiva, de grande gala, consistia nas candeias dos serranos.

Mal suspeitariam os de Monforte que a essa hora estavam soffrendo por tabella um epigramma, que lhes era jogado do Porto.

Foi o caso que um lojista da rua dos Clerigos se lembrou de fazer na *vitrine* do seu estabelecimento uma exposição carnavalesca, para despertar a attenção dos transeuntes.

Entre as allusões graciosas d'essa *vitrine* figurava uma candeia, como satyra á deficiencia da illuminação publica n'aquella cidade.

Ora esta allusão epigrammatica, feita na intenção de uma referencia local, ia casualmente por ali fóra sybillando como setta até cravar-se em Monforte, cujos montanhezes, querendo honrar a pessoa de el rei, não tinham melhor illuminação que a da candeia patriarchal.

E aqui succede encontrar eu certa correlação entre a candeia e o entrudo, que tambem por sua vez é uma candeia mortiça posta em face dos fogachos multicôres da civilisação moderna.

No Porto, o carnaval foi um crime, o homicidio praticado em Campanhã. Em Lisboa a tragedia não deve ter sido menor, mas não me é possivel dizer com segurança o numero de pessoas que terão morrido ou estarão morrendo no hospital de S. José, em consequencia das grandes cargas de agua e de vinho que apanharam de dia e de noite.

Quantos mascarados não se terão encontrado já com a Morte, por causa do carnaval d'este anno! com a Morte authentica, a Parca dizimadora, e não com esse simulacro de morte que na quarta feira de Cinza originou um conflicto em Bragança.

E' ali costume alugar a Misericordia um fato, que representa a Morte. Faz-se a locação em hasta publica, e cada arrematante não póde usal-o por mais de uma hora. A ultima pessoa que o veste tem de incorporar-se na procissão de Cinza.

Larga pelas ruas fóra a Morte, com a foice n'uma das mãos e um tirapé na outra. Segue-lhe no encalço o rapazio da cidade, que lhe atira pedradas gritando n'uma assuada infernal:

O' Morte,
O' piella,
Sete costellas e meia,
Nariz de canella.

O' Morte,
O' piella,
Tira a chicha
Da panella.

E a Morte vinga-se da assuada e das pedradas descarregando valentes golpes de tirapé sobre os rapazes, que não puderam ou não souberam fugir a tempo.

Este anno a policia quiz apagar com um sopro a candeia da tradição...

Mais de trezentas pessoas que iam perseguindo a Morte — o que aliás não era mal feito, porque ella persegue toda a gente — protestaram contra o facho da civilisação.

Poz-se toda a cidade em alvoroço, um policia ficou mal-ferido, e 19 pessoas ficaram presas.

Ora, a fallar verdade, Bragança, cidade antiga, bem podia continuar a ser allumiada pela candeia

da tradição, sem que d'ahi proviesse affronta para os grandes centros do progresso moderno: Londres, Pariz, Berlim e S. Petersburgo.

Mas quiz de repente puxar-se á sustancia, soprar á candeia, atabafar a bocca dos rapazes que iam gritando:

O' Morte,
O' piella,

e estragou tudo, porque o progresso é a propria natureza: não dá saltos. *Natura non facit saltus.* Não é aos empurrões que um povo consegue encarrapitar-se no apogeu da civilisação.

E, n'aquelle dia, Bragança, a vetusta *Celiobriga*, empurrou de mais.

O povo chiou, como se lhe pizassem um callo endurecido pelos seculos.

Quiz o alcaide brigantino, certamente porque amanheceu de mau humor, extinguir uma costumeira local, aniquilar a tradição collocando se em antagonismo com o que se tinha passado poucas horas antes em Lisboa, e no Brazil por occasião das festas do Natal.

No Rio de Janeiro, vespera de Anno Bom, os srs. Sylvio Romero e Mello Moraes Filho, que são ali os mais dedicados cultores do *Folk-lore* brazilico, o primeiro, auctor dos *Cantos* e dos *Contos populares do Brazil*, o segundo, auctor das *Festas e tradições populares do Brazil*, andaram este anno, incorporados com outros moradores do bairro de S. Christovam, cantando por portas as janeiras para alimentarem, com o seu exemplo, o tradicionalismo patrio.

Como os inimigos da *Morte* em Bragança se hão de rir d'aquelles dois brazileiros, que procuram avigorar as usanças populares levadas ao Brazil pela colonisação portugueza!

Foi para não deixar apagar a candeia da tradição que os srs. Sylvio Romero e Moraes Filho se incommodaram na vespera de Anno Bom...

Mas em Bragança, puf... sopraram á candeia e a luz espirrou.

Signal de mau tempo, como dizia a tia Agueda em Souzello.

O mau tempo foi a bordoada.

Em Lisboa a mocidade do trinque tambem quiz alimentar a tradição do carnaval e até carregou a mão no exagero.

O entrudo maligno de outros tempos, a sua metralha terrivel, os seus dichotes gordurentos resuscitaram este anno no Chiado. As *cocottes* envolviam projecteis contundentes. Appareceram umas businas temerosas por onde eram telephonadas palavras obscenas, de uma graça palmelôa, de uma laracha de ao pé de Braga.

E todos aquelles moços alegres, comquanto menos artistas que os srs. Sylvio Romero e Moraes Filho, não fizeram outra coisa durante alguns dias senão espevitar a candeia tradicional das entruda-das antigas e semi barbaras.

Foi de mais, muito de mais, como dizia o Garrett.

Nem tanto ao mar, diremos nós aos de Lisboa e aos de Bragança.

Aos de Lisboa para que se não affoitem a em-

brulhar para o anno um bloco de granito dentro de uma *cocotte*.

Aos de Bragança para que deixem viver a *Morte*, que é uma folgança como qualquer outra.

No meio dos luares deslumbrantes da civilisação sabe bem ao espirito descobrir, como pagina do passado escripta no livro do povo, uma candeia bruxoleante, que foi a luz de nossos avós e é ainda hoje a dos montanhezes de Monforte, além de outros.

VII

ROSAS E MORANGOS

A toalha branca, muito branca. Sobre a mesa uma *flûte* de crystal com uma linda rosa escarlate, *La Tour d'Auvergne*, por exemplo, grande e fresca. Um pires de morangos alcantilando-se em montanha de coral d'entre uma grinalda de verdura. Um copo de vinho do Porto e um charuto bom. Que bello scenario de «intérieur» e que excellente almoço para uma gloriosa manhã de sol, em que a luz sorri em frizos doirados por entre as taboinhas verdes armadas no ar!

A primavera ama as côres vivas como as mulheres da Normandia e as tzingaras. Traz na sua cornucopia a rosa e o morango, vitalisados n'uma carminação alegre e sadia, de rubim faiscante, reunindo á côr o aroma, á graça a belleza.

A rosa branca e a rosa amarella podem requintar-se em aperfeiçoamentos de cultura, mas são desmaiadas no brilho, insonsas no sorriso.

Não precisa de lendas poeticas a rosa encarnada para cantar a gloria da primavera n'um *entrain* de côr, que faz lembrar o rugir metallico de uma fanfarra atirando ao ar, em gritos de festa, notas que se dispersam como petalas purpurinas.

E comtudo fabulou Ausonio que a Deusa da Formosura, irritada pelas travessuras que lhe fizera o filho, Deus do Amor, o açoitara com um feixe de rosas, as quaes o sangue de Cupido avivára de um escarlate eterno e rutilo: *traxit rutilum magis ignea fucum.*

Pelejaram em Inglaterra duas poderosas casas rivaes adoptando como symbolos no seu longo pleito a rosa branca e a rosa encarnada, e Garrett referiu-se a essa historica demanda memorando que

Sobre se era mais formosa
A vermelha ou branca rosa,
Ardeu seculos a guerra
Em Inglaterra.

Em Portugal, entre 1849 e 1850, reviveu a lucta n'uma intenção galante de torneio romantico. Entraram na contenda damas e cavalleiros. João Machado Pinheiro, que depois foi visconde de Pindella, sahiu a campo pela rosa branca:

Quem ousou na minha rosa,
Na rosa branca tocar?
Vem á liça, cavalleiro,
Que um de nós ha de findar.

Ergueu a luva uma illustre dama do Minho, neta

e filha de poetas, D. Anna Amalia Moreira de Sá [1], acudindo em defeza da rosa encarnada:

Essa côr, que tem as bellas,
Côr de meiga animação,
Que nos impulsos d'amor
Diz que sente o coração,
Lisonjeia mais que a branca,
Que não soffre animação.

O combate generalisou-se em breve. Alistaram-se legionarios sob a bandeira de Machado Pinheiro e na ala da poetisa de Vizella, terçaram-se armas, retiniram estrophes, cruzaram-se redondilhas, e todo o norte do paiz viu com interesse passar um relampago de Idade Media sobre um torneio de galanterias romanticas.

Pela dama! seria o meu grito de guerra se já então me houvessem cortado a trave. Pela rosa encarnada! que, erguendo o busto gracil sobre o decote das petalas, parece cantar uma ária de amor ardente coada entre labios sensuaes.

O morango reapparece no tempo das rosas, e de rosa tem elle proprio alguma coisa: pertence á familia das «rosaceas». Humilde como a violeta, rastejando na verdura da terra, possue comtudo instinctos elevados, porque não é a terra que elle ama, mas o sol. Só depois do dia alto, claro e forte, é que se faz sentir o seu aroma. Erram os que vão colhel-o de madrugada, porque podem encontrar o

[1] Fallecida em abril de 1899.

sabor, mas não acharão o perfume. N'esta predilecção pela luz, que o valorisa, denuncia-se o morango irmão da rosa, que nasce alta, talvez para que o sol a beije primeiro do que ás outras flores, de que é rainha.

Se a rosa é desde remota antiguidade a mensageira do amor, a flôr votiva da formosura, como prova a estatua de Venus, coroada de rosas, que foi encontrada em Herculanum e existe em Portici, o morango, como a violeta, attrae os namorados, cujas mãos, cujas boccas tambem, pódem encontrar-se ao colhel os.

Lá diz a «ronda» dos Morangos, musica de Adam:

Ah! qu'il fait donc bon, qu'il fait donc bon
cueillir la fraise!
Au bois de Bagneux, quand on est deux,
quand on est deux.

Mais quand on est trois, quand on est trois,
mam'sell' Thérèse,
c'est bien ennuyeux,
il vaudrait mieux n'être que deux!

Póde haver uma certa velhacaria na teima em que porfia o morango para conservar-se pequeno e humilde, mas com ser pequeno desperta a gula, torna-se desejado por isso mesmo.

E' talvez a unica planta que se tem mostrado rebelde e desdenhosa á cultura, e á sciencia do homem. Quando procuram desenvolvel-o, ganha em volume o que perde em sabôr. Préga uma peça aos gulosos, para que os agricultores o deixem em paz. Os morangos do Porto, grandes e fartos, são in-

questionavelmente menos saborosos e perfumados que os de Cintra.

Pequenino como quer ser, o morango paga-se do seu multiplo prestimo para aromatisar os cremes e os gelados, para servir aos usos da pharmacia nos medicamentos refrigerantes, para se deixar distillar em essencias de toucador, para enriquecer a industria e o commercio convertendo-se em vinho, alcool e vinagre.

E', pois, segundo as circumstancias, copeiro gentil, medico assistente, como confessa Linneu, que de ataques dolorosos de arthritismo diz ter-se curado com morangos; perfumista das damas, e chimico industrial.

Para se fazer estimar acudindo de prompto a quem lhe reclama tão variados serviços, apparece em abril e ainda no outono perdura, mais escasso, mas não menos gostoso e util.

E' um patriota, o morango; ama a sua terra com extremos de dedicação filial. Morangos da serra da Estrella, onde nascem mais tarde por ser mais frio o clima, foram transportados para o districto de Aveiro. Veio abril, os morangaes fructificaram, só os morangos procedéntes do Herminio se mostravam ainda engoiados, rebeldes á mudança de clima. E apenas se resolveram a amadurar quando chegou a hora dos seus congéneres da serra da Estrella terem sazonado tambem.

Fez-se nova experiencia, transferiram-n'os na raiz a Lisboa, procurando o sul, por ser mais temperado. Continuaram a mostrar-se insensiveis ao beneficio da temperatura. Parecia que não estavam

dispostos a fructificar sem terem escripto primeiro aos seus irmãos serranos a perguntar-lhes «Já lá sois fructo?» e sem terem recebido resposta affirmativa: «Já.»

Assim como a rosa faz realçar a belleza feminina, quando a enfeita nos cabellos ou no decote do vestido, o morango aclara a formosura, porque a sua agua apaga as sardas do rosto e das mãos.

Mas o grande campo de batalha do morango, apesar de todos os seus prestimos, é no prato ou no copo quando regala o paladar de ricos e pobres, de nobres e plebeus.

Seduz, o tentador, brilhando pelo colorido, deliciando o olfacto pelo aroma, lisonjeando o apetite pelo sabor delicado. Poderá ser um pouco perfido, não tanto como a onda, mas talvez, como ella, por ser frio. Associem-n'o, porém, a companheiros de elevada categoria culinaria, o vinho bom e o assucar fino, e ficará inoffensivo, ou reguem-n'o com o sumo de laran a doce, e obterão o mesmo resultado.

Fontenelle era muito guloso de morangos, e talvez, por os preferir como alimento, chegou a viver cem annos.

A' hora da morte, dizia-lhe La Place:

— Então como vae isso?

E Fontenelle, sem perder a graça do espirito, respondia:

— Isto não vae; vae-se.

Mas a morte é uma semsaboria, principalmente para um homem de espirito, que não está costumado a dizer ou fazer semsaborias.

Por isso, Fontenelle, repellindo a morte, acrescentava:

—Se chego a comer morangos, parece-me que viverei mais um anno.

Tem a rosa as suas tradições poeticas e mythologicas, como já vimos na lenda de Cupido açoitado por Venus. Não faltam tambem ao morango. Na Allemanha as mães, a quem os filhinhos morreram, não comem morangos, porque acreditam que os seus pequeninos vão para o ceu dentro d'esse delicado fructo, que tem, effectivamente, a côr dos caixões das creanças. E' como o morango é um pomo divino por ser delicado e doce, votado por isso a Nossa Senhora, acreditam tambem as mães que se comessem morangos fariam aggravo á Virgem e aos filhinhos: a Ella, porque lhe roubariam o fructo que apetece; aos filhos, porque não chegariam ao paraiso.

Na Inglaterra, segundo uma canção popular, os pintarôxos amortalham piedosamente os cadaveres das creanças, que são encontrados nas florestas, com as folhas do morangueiro — essas lindas folhas *à triple découpure*, como diz uma ballada de Dupot.

Tudo quanto decorreu n'estes ultimos dias não vale as rosas de abril, nem os primeiros morangos que chegaram nos seus cabazes maneiros, rendilhados de folhagem.

Por isso, dentro da mesma familia, procurei o assumpto, e com dois proximos parentes, as rosas e os morangos, me entretive discorrendo em mais grata palestra do que proporcionaria qualquer acontecimento chilro, dos muitos que em Lisboa só com morangos se podem engulir.

VIII

O S. JOÃO DE BRAGA

Se eu tivesse podido dispôr de mim para ir passar o S. João na provincia, não vacillaria na escolha um momento.

Sobrescriptar-me-ia para Barga e, para não me perder no caminho, registava-me na Estação Central.

Poria de parte a feira de Evora, o S. João da Figueira, o do Porto, o de Ponte do Lima, todos os Precursores pimpões do sul e do norte, com excepção do braguez, que não pôde ser ainda desthronado no meu espirito saudoso.

Supponhamos que eu tinha ás minhas ordens um *mail-coach*, e um auriga prompto a partir para qualquer parte.

E' um sonho de grandeza que não offende ninguem...

Diria laconicamente ao auriga:

— Para Braga.

Se elle, desconhecedor das estradas do norte, manifestasse alguma duvida sobre o itinerario a seguir, eu levaria a minha condescendencia até o ponto de explicar-lhe... não menos laconicamente:

— Para Braga, pelo caminho antigo.

E, fechando a porta do *mail-coach*, mandaria bater para Braga.

Era pouco mais ou menos assim, com igual concisão, que um fidalgo de Lisboa, D. Luiz de Saldanha e Oliveira, que foi D. Prior de Guimarães, e era irmão do 1.º conde de Rio Maior, costumava dar ordens e instrucções ao conductor da sua carruagem.

Vale bem a pena demorarmo-nos um instante a contar algumas excentricidades d'este original ecclesiastico, sem que por isso hajamos de perder o fio da historia.

D. Luiz de Saldanha habitava o palacio pequeno da Annunciada, onde hoje reside o meu illustre amigo o sr. D. José de Saldanha.

Teve o capricho de ir a pouco e pouco levantando andares ao palacete, de modo que por cima de todos os telhados circumvisinhos pudesse vêr o Rocio.

E não teve outra razão para o fazer senão a de querer vêr das suas janellas a procissão de *Corpus Christi*, que ainda então dava uma volta larga.

Depois da morte de D. Luiz de Saldanha, os representantes da sua familia foram mandando apeiar os andares que por ordem d'elle tinham sido encastellados uns sobre os outros.

Gostava immenso de sahir no seu coche, dentro do qual passava longas horas sem dar indicios de qualquer incommodo.

A's vezes, ao voltar do theatro, não se apeiava da carruagem quando ella entrava na cocheira.

Assustava-o tanto a ideia de ter que subir escadas e despir-se, que se deixava ficar dentro do trem e ali mesmo dormia regaladamente.

De uma vez foi preciso mandar pintar o coche, que já ia estando estragado de tanto uso que tinha.

No primeiro dia em que a carruagem sahiu depois de restaurada, o vento soprava rijo. Passando na rua das Gallinheiras, muitas pennas das aves ali expostas á venda, foram, levadas pelo vento, grudar-se na tinta do coche, que ainda estava fresca.

E assim mesmo, dentro da carruagem ornada de pennas de gallinha, D. Luiz de Saldanha percorreu muitas ruas da cidade baixa, sem se importar com a sensação que o extranho caso produzia em todos os transeuntes.

Mas, e este é o caso que vem agora a proposito, D. Luiz de Saldanha, já então nomeado D. Prior de Guimarães, metteu-se dentro do coche e disse laconicamente ao cocheiro:

— Para Roma.

Não funccionava ainda a Sociedade de Geographia, e o cocheiro, á falta de mais claras instrucções, viu-se na necessidade de ter de incommodar o amo com esta simples pergunta:

— Por onde é que se vai para Roma?

O Dom Prior ficou calado dentro do trem.

— Eu desejava saber, tornou o cocheiro, se Roma

fica p'r'os lados de S. Sebastião da Pedreira ou do Terreiro do Paço.

—Do Terreiro do Paço, respondeu o D. Prior concisamente.

O cocheiro metteu para o Ribatejo, atravessou o Alto Alemtejo, foi cortando a Extremadura hespanhola até entrar em Castella a Nova e chegar a Madrid.

Mas os incommodos da jornada foram d'essa vez taes e tantos, que D. Luiz de Saldanha falleceu em Madrid a 24 de setembro de 1714.

Pois eu quereria imitar o laconismo d'este excentrico D. Prior de Guimarães, sem comtudo lhe seguir o exemplo no fracasso da viagem, e diria ao conductor do *mail coach*:

—Para Braga, pelo caminho antigo.

Porque a verdade é que tenho saudades d'essa velha estrada de Braga, tão pittoresca e accidentada, que foi banida pela linha ferrea, cujo fim parece ser andar de vagar e chegar de pressa...

N'outro tempo, as viagens faziam-se por capitulos, e a gente podia pachorrentamente voltar a folha quando principiava a sentir-se enfadada de uma paizagem ou de uma lenda.

Que alegria para os olhos quando a mala-posta passava na linda ponte da Trofa sobre o rio Ave! Parecia uma ponte de cartão, com pilares que imitavam baluartes — uma cidadella pensil a defender um rio encantado.

Passada a ponte, sentia a gente palpitar o coração do Minho, respirava outro ar, via outra paisagem, embriagava-se de aromas campesinos, que

abriam o apetite para os *beefs* da estalagem de Famalicão.

Havia lendas n'esse tempo. Lá estava á espera do viajante a da *Terra Negra*, de entre cujos pinheiros surgiam legiões de salteadores... invisiveis.

Descer as voltas de Macade, zig-zag profundo, era um perigo e uma festa. Parecia que tudo ia despenhar-se ali: cavallos, mala-posta e passageiros. Mas parecia apenas, porque tudo chegava ao fundo do valle a são e salvo.

Depois, a entrada em Braga, vendo as quintas, as egrejas passar gradualmente por deante dos olhos. O gazometro, sentinella avançada, a cumprimentar a gente em nome da civilisação. Os primeiros repiques de sinos que se ouviam ainda ao longe, e depois, finalmente, ao cabo de seis horas de mala-posta, a primeira rua da cidade e o primeiro padre a sahir de casa para a missa das sete...

Era bom! tinha que vêr! faz me saudades.

O S. João de Braga era n'esse tempo uma grande funcção sem programma, sem luz electrica e sem concurso de bandas regimentaes.

Mas era uma festa caracteristica, primitiva, realizada n'uma innocencia de costumes, que pareciam contemporaneos do Precursor.

Sahia muito cêdo a procissão, e a gente não se deitava com receio de deixar de vêl-a. Só a vi uma vez, de uma janella do Campo de Sant'Anna, entre lindas damas de Braga, em *toilettes* claras, que innocentemente me diziam:

— Veja, menino, o S. Joãosinho, que tem muito que vêr.

E o S. Joãosinho, pequenino pastor de surrão, com as suas gordinhas carnes côr de rosa descobertas, sahia do seu nicho, encostava a cabeça ao cordeirinho vivo que o acompanhava, e sorria...

E as lindas senhoras, em *toilettes* claras, a dizerem-me candidamente:

— Veja, menino, que lindeza de creança! que gracinha de corpo!

N'aquelle tempo, nem havia malicia: o S. João pequenino, ainda que despisse o surrão, ficaria composto aos nossos olhos, vestido da graça do ceu.

De tarde continuava em S. João da Ponte o arraial da véspera. As lindas senhoras de Braga concorriam ali. Havia-as brancas de neve; moreninhas de olhos pretos. E eu, lembrando-me da procissão da manhã, só tinha uma ambição n'aquella hora: fazer de S. João no anno seguinte.

Agora não tenho ambição nenhuma. Perdi a occasião; já não posso ser santo.

Pois era pelo caminho velho que eu ainda quereria voltar a Braga, pela ponte da Trofa, pelas voltas de Macade, para ir vêr o S. João antigo e ouvir aquellas lindas senhoras, que eram então novas e solteiras, a dizerem-me candidamente apontando para o S. Joãosinho que passava:

— Veja, menino, que lindeza de creança! que gracinha de corpo!

Depois d'isso, tenho ido a Braga muitas vezes pelo caminho novo, a correr dentro de um comboyo, sem almoçar em Famalicão, cuja villa apenas se avista de longe.

Tenho estado no Bom Jezus e no Passeio Pu-

blico, e se encontro algumas senhoras, pergunto:

— Quem são?

Dizem-me os seus appellidos de familia.

Que tristeza! As mães, as tias de hoje em dia eram aquellas lindas senhoras que me diziam na manhã de S. João:

— Veja, menino, que lindeza de creança! que gracinha de corpo!

Ainda que todos voltassemos á janella do Campo de Sant'Anna, tambem ellas já não me poderiam chamar—menino—terna qualidade que eu perdi ha muito tempo.

Ah! quem me dera poder voltar a Braga... pelo caminho antigo!

IX

S. ROQUE E S. CARLOS

Quarta-feira, ás duas horas da tarde, no Largo de S. Roque, dir-se-ia que os Padres Jezuitas teriam voltado á sua antiga casa, e annunciado que distribuiriam a sôpa do convento a quem fosse buscal-a munido de escudela.

Porque em verdade era essa uma generosidade dos frades, ainda ha pouco observada no Varatojo, em cujo modesto atrio eu vi, postas no bordo da roda, trez escudelas com as respectivas colhéres de pau, certamente destinadas aos primeiros pobres que chegassem.

Ficou na tradição escripta a tonadilha que o povo de Lisboa, a quem o Santo Condestavel mandava distribuir sopa na portaria do convento do Carmo,

cantava rememorando as virtudes de tão preclaro varão:

O Gran Condestabre
Em o seu Mosteiro
Dá-nos sua sôpa,
Mail-a sua roupa,
Mail-o seu dinheiro.

Ora, no convento do Carmo, os frades foram substituidos pelos soldados, que se alguma coisa distribuem ao povo, não é a antiga sôpa do Condestavel, mas o *peixe-espada* da ordenança, quando lh'o pedem.

Em S. Roque, muda o caso de figura. Os jezuitas já lá não estão, mas ficou no mesmo edificio a Santa Casa da Misericordia, que de dias a dias annuncia a toda Lisboa faminta uma especie de sôpa conventual, destinada a matar a laseira pecuniaria dos alfacinhas miserrimos.

E' a loteria.

Pelo Natal, um premio de cem contos de réis representa a ôlha da panela da Santa Casa; — é um caldo de sustancia, que até os anjos desejariam comel-o, sopeteando gulosos, se os anjos precisassem de dinheiro para alguma coisa no ceu.

Mas não precisam. N'isso acho eu que consiste a grande differença entre o ceu e a terra; é que lá vive-se de *graça*, ao passo que cá em baixo tudo se consegue á custa de pecunia.

Como os pobres devem ser felizes no ceu!

Quarta-feira, havia sôpa da panela rica, caldo de ôlha choruda. Pelo Largo de S. Roque derra-

mava-se no ar um vago aroma de cozinha abastada. Os lisboetas dilatavam as narinas farejando ávidos para dentro da porta da Santa Casa. Cheirava-lhes a cem contos de réis distribuidos em cautelas de trez vintens, que são as escudelas do tempo de agora...

Na capital de um paiz pobre, onde os mais desgraçados não são os que vestem blusa, mas os que trajam sobrecasaca, um premio grande, que pode sahir a toda a gente se n'esse negocio empatou uns magros trez vintens, é a maior felicidade, direi mesmo a unica felicidade possivel collocada entre a casa de *prégo* e a valla do cemiterio.

Eu vi n'esse dia, no largo de S. Roque, além dos cauteleiros, que são os Mercurios da nossa epoca, porque teem azas nos pés, eu vi ali postados, n'uma attitude mais ou menos disfarçada, muitos representantes da miseria da capital, estremecendo ao menor movimento que os cauteleiros faziam aproximando-se ou desviando-se da porta da Santa Casa.

Uns, fingiam estar esperando que passasse o *americano*, mas logo se conhecia que estavam apenas esperando a sorte grande, vehiculo que não é tirado por mulas chouteiras, senão que por ardentes cavallos *pur sang*, que largam em desabalado galope para o paiz do Oiro, através... da nossa imaginação.

Outros, mais sinceros, paravam de olhos fitos na parede amarela da Santa Casa, com o mesmo olhar absorvente com que Moysés certamente contemplou a Terra Promettida.

Uma velhinha, muito encarquilhada, agarrou-se á grade de ferro da egreja, e apertava nervosamente na mão um papelinho, que devia ser a sua *cautela*.

Fazia lembrar o naufrago que se agarra á tabua de salvação.

Mas, pensei eu, para que desejará aquella velhinha ser agora rica na extrema velhice, quando já pouco tempo lhe pode restar de vida?

Acaso não está habituada e resignada á pobreza? Quanto lhe custaria talvez mudar de habitos, se a sorte grande a favorecesse! E lembrei-me de repente: é avó. Não era decerto outra coisa.

Pensava em levar para casa, aos seus queridos netos, muitos bolos, muitos bonecos, fatinhos novos, botas novas, sabonetes dentro de uma caixinha, boinas e cintos, piugas e lenços, collarinhos e gravatas lindas.

Era avó, decerto. Não podia ser outra coisa.

O dia estava encantador, de uma serenidade luminosa, que fazia lembrar setembro.

Havia na atmosphera uma placidez, que dava vontade de ir subindo para a gosar melhor...

Mas na terra, ali no Largo de S. Roque, os corações estremeciam de ambição, a população faminta, como um podengo que fareja caça, espreitava o coelho de oiro que devia sair da Santa Casa e escapar se aos saltos n'uma correria doida.

Era preciso filar esse veloz coelho; atirar-lhe bem certo e bem firme, chumbal-o em cheio.

Quando não, mais um anno de espera, mais doze mezes na miseria e na ralação, mais visitas á

casa de *prégo*, mais supplicas ao agiota... Um inferno! um horror!

De repente, como estala um trovão sêcco, de maio, parte da Santa Casa a abalada dos *cauteleiros*, que descem de escantilhão pelas escadas do Duque, empurrando, atropellando, derrubando.

Vão levar aos cambistas a noticia do numero feliz. Querem ganhar as alviçaras da boa nova, e por isso correm á porfia a ver qual ha de chegar primeiro.

Ouvem-se varias vozes dizer: 5:723! 5:723! Foi esse numero o do premio grande, cem contos, nada menos — um seculo de oiro! E' a riqueza que passa, que foge, que vôa, como tudo passa n'este mundo...

E os desilludidos que estavam no largo de S. Roque viram mais uma vez passar por elles a riqueza, sem lhes tocar, viram-n'a fugir, depois de lhe haverem tomado o cheiro, quasi o gosto, tão perto ella passou, a correr, a correr, como um coelho deante da matilha açulada.

A pobre velhinha ficou um momento a olhar para a sua *cautela*, cujo numero certamente sabia de cór; teve um frouxo de tosse, que não teria tido se apanhasse o premio grande; e, dobrando o papelinho, metteu-o com muito cuidado na algibeira.

Pareceu-me adivinhar-lhe o pensamento: Veremos se ao menos tem o mesmo dinheiro...

O mesmo dinheiro! o ideal dos infelizes, que já se contentam em não perder a quantia que tinham arriscado na aventura do jogo! O mesmo dinhei-

ro! que vale tanto como ganhal-o duas vezes — primeiro á custa de trabalho, depois á custa de sobresaltos! O mesmo dinheiro! sahir de casa á procura de riqueza e voltar para casa com cara de tolo! O mesmo dinheiro! que ironia, que troça, que escarneo da fortuna!

Pois a essa mesma hora, junto ao *guichet* do camaroteiro em S. Carlos, um enxame de compradores disputava os seus camarotes e os seus bilhetes de plateia, que estavam encommendados com muitos dias de antecedencia.

Maços de notas esvoaçavam no ar, promptas a bater as azas para dentro do balcão.

Dir-se ia que o paiz nadava em riqueza, e que a sorte grande não tinha razão de ser n'uma terra onde tanta gente era rica, e podia repartir com os pobres...

Sim! mas não ha nada que engane tanto como a riqueza... dos outros!

Em S. Carlos qualquer philosopho se poderia lembrar da anecdota do burro.

Era um burro pôdre, lazarento, que já não podia comsigo mesmo, muito menos com a carga.

O dono resolveu vendel-o, como quem se desfaz de um objecto inutil. E ficou bem contente de o impingir por tuta e meia, porque tudo o que viesse era lucro.

Passado tempo, vae a uma feira e vê um burro muito enfeitado com lindas fitas de côr nas orelhas, e um lindo peitoral de franjas escarlates.

Muito catita! como dizia o Augusto Rosa na *Guerra em tempo de paz*.

— Ora espera! pensou o bom do homem. Eu conheço este burro!

E poz-se a espreital-o. Levantou um laço de fita, e examinou-lhe uma orelha. Levantou outro laço de fita, e examinou-lhe outra orelha, que não largou da mão emquanto disse ao ouvido do burro:

— Quem não te conhecer, que te compre.

Era o d'elle, era o mesmo, em *toilette* de feira

Salvas poucas excepções, as manifestações de riqueza no nosso paiz fazem lembrar a historia do burro enfeitado.

Os Bancos, os agiotas, os crédores e os fiadores, levantando os laços de fita, dizem ao ouvido da «opulencia»:

— Quem não te conhecer, que te compre.

Porque elles conhecem n'a.

Nós vamos para o fundo, cantando. Temos ao menos essa coragem; um pouco cynica, é verdade. Os economistas de casa e de fóra dizem que nunca estivemos peior. Mas S. Carlos canta, e nós cantamos com elle.

A procura, a febre dos bilhetes nunca foi tamanha como este anno, segundo contam os jornaes. Quer dizer que estamos mais ricos? Mas os economistas dizem que estamos mais pobres. E o largo de S. Roque, quarta-feira, á hora de andar a roda, tambem o dizia.

O duello está travado entre dois santos: S. Carlos affirma, S. Roque nega. Veremos quem vence, — se as notas de musica, se as notas do cambista.

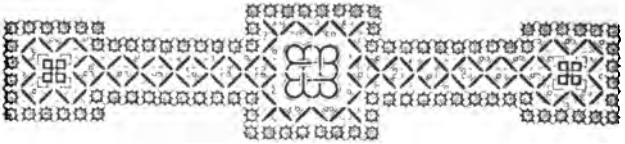
Entretanto, para me distrair emquanto espero

pelo desfecho da contenda, vou olhando para a imagem de S. Roque, e affigura-se-me um symbolo.

Vejo-lhe uma ferida n'uma perna, e parece-me que a ferida do santo é o nosso credito.

Vejo um cão, que procura lamber a ferida. Um *cão!* Não ha que vêr, o symbolo é perfeito, completo.

Decididamente: aposto por S. Roque.



X

NA CÔRTE DE D. MARIA II

São raras as festas na côrte de Lisboa, que, desde o regimen constitucional, não primou nunca pelo esplendor das suas recepções.

D. Pedro IV trouxera do Brazil habitos burguezes, que manteve em Portugal, e cuja tradição legou á herdeira do throno.

D. Maria II era uma *femme d'intérieur*, uma boa dona de casa, que se contrariava com os bailes em que não fôra educada, e com que transigia a custo, obrigada, por dever do cargo, a fingir que tinha uma côrte.

A condessa Hahn-Hahn admirou-se muito de encontrar na camara da rainha de Portugal um bastidor para bordar. E exprimiu o seu espanto dizendo:

— Une personne qui governe, ne devrait pas s'occuper de pareilles choses.

D. Maria II commentava o caso dizendo:

— Queria, talvez, que eu escrevesse livros!

Uma vez, em Cintra, recebendo algumas senhoras, appareceu-lhes de vestido de chita.

Pouco depois entrava na sala a esposa de um alto dignitario, em *toilette* de *faille*. A rainha fallou-lhe com agradavel familiaridade, e, simulando uma grande surpresa, disse:

— Vens muito linda! O teu vestido é de seda, pois não é?

— Sim, minha senhora.

— Pois olha, este, que eu trago, é de chita.

Em D. Maria II, a rainha jámais perdeu de vista a mulher: a esposa, a mãe, a dona de casa.

Pouco depois de ter nascido a infanta D. Maria, em 1851, o doutor Kessler, medico de el-rei D. Fernando, dissera á rainha:

— Se vossa magestade tiver outro parto, correrá grande perigo.

A rainha demorou o olhar em Kessler, que era um homem de estatura meã, nariz um pouco chato, olhos vivos, impertigado, e respondeu-lhe no mesmo tom sacudido em que elle costumava dizer as cousas:

— Não importa. Morrerei no meu officio.

Effectivamente, a 15 de novembro de 1853, nascia um infante, que falleceu instantes depois, custando o seu nascimento a vida da mãe.

Comprehende-se, estudando o caracter essencialmente domestico de D. Maria II, o sacrificio que a rainha faria em dar recepções que d'algum modo apparentassem haver ainda uma côrte em Portugal.

El-rei D. Fernando gostava da vida elegante, e aconselhava a rainha a não collocar-se n'um plano inferior áquelles dos seus subditos que davam frequentes festas, algumas sumptuosas.

Não ia para ahi o genio de D. Maria II, nem tambem o coração, que ardia em zelos do marido.

Transigia, mas a seu modo. Durante o inverno havia nas Necessidades *soirées* ao domingo, mas duravam o menos tempo possivel — das oito ás dez horas, apenas.

Tudo se passava ali n'um grande convencionalismo de etiqueta, o que equivale a dizer, n'uma grande semsaboria. As senhoras, em decote, ficavam na sala dos marechaes.

Antes da rainha entrar, o mestre-sala, marquez da Bemposta, vinha collocar um banco almofadado de seda, destinado a sua magestade.

D. Maria II chegava, saudava todas as senhoras, e sentava-se no banco.

A breve trecho o padre Marcos, esmoler-mór, aproximava-se, e a rainha conversava com elle durante toda a noite.

O padre Marcos Pinto Soares Vaz Preto fôra um legado de D. Pedro á filha.

O imperador tinha rompido no excesso de uzurpar as attribuições da Santa Sé para o fazer arcebispo de Lacedemonia, *in partibus*.

O conde da Taipa, n'uma das suas famosas cartas ao imperador, dizia com graça e verdade: «*Papam habemus Marcum,* o padre Marcos é o nosso Papa, a unica auctoridade que governa a egreja luzitana.»

Tinha nascido muito humilde o *Papa Marcos*. Era filho de um pescador de Cezimbra. Mas soubera fazer-se valer como camarilheiro, espião, *factotum*, homem imprescindivel.

Gordo, trigueiro, mexendo-se muito, apparecia em toda a parte, falava a toda a gente, dava jantares ás sextas-feiras para sondar o animo dos convidados e apanhar-lhes alguma revelação *inter pocula*.

Os que já o conheciam, defendiam-se, comiam e calavam se. Outros, mais ingenuos, cahiam na rêde, davam alguma noticia, que o padre Marcos ia logo contar no Paço.

Quando foi da *Belemzada*, o padre Marcos viu-se envolvido pela multidão. Um grupo de populares gritou-lhe ameaçador:

— Viva a de 20! [1]

Elle, muito atrapalhado, correspondeu logo:

— Viva! viva!

Ouviu-se então uma voz dizer:

— O' padre Marcos! olha que é a de 20!

E elle, atrapalhadissimo:

— Bem sei! Viva a de 20!

Um outro grupo gritou:

— Morra o padre Marcos!

E elle, sem saber de que freguezia era, respondeu:

— Morra o padre Marcos!

Junto do imperador e da sua successora o padre

[1] A constituição de 1820.

Marcos fôra uma personagem tão importante e poderosa como junto de Luiz XIV o seu confessor padre La Chaise.

— A vossa hora ainda não chegou, disse uma vez o padre La Chaise a um pretendente.

— Chegará logo que vós queiraes, replicou o pretendente, porque sois quem governa o sol.

Como se sabe, o sol era o emblema de Luiz XIV.

Gomes de Amorim confessa que, emquanto o padre Marcos foi vivo, era elle quem valorisava politicamente Garrett junto de D. Maria II. E acrescenta: «Por elle fazia o poeta, quando convinha, chegar salutares advertencias a ouvidos pouco costumados a verdades nem sempre gratas.

Nas *soirées* dos domingos o serviço constava de chá, bolos, fofos e obreas.

A rainha, sempre acompanhada pelo esmoler-mór, levantava-se do banco e ia sentar-se no canapé.

Entretanto, el-rei D. Fernando, percorrendo a salas, conversava com os homens, especialmente com os membros do corpo diplomatico, que não costumavam faltar.

A's dez horas em ponto, a rainha cumprimentava e retirava-se.

E estava acabada a *soirée*, que não tinha passado de uma visita de grande cerimonia, notavelmente monotona.

Havia cada anno trez bailes, que não se realizavam nas Necessidades, mas em Belem.

Concorriam a elles a imperatriz viuva, e as infantas D. Izabel Maria e D. Anna. Esta infanta

sentava-se em cadeira igual ás das outras pessoas reaes.

O marquez da Bemposta batia as palmas, signal de que o baile ia principiar.

A rainha dançava a quadrilha de honra com o duque da Terceira, mas não valsava com ninguem. El-rei D. Fernando tambem não valsava. Dizia-se que D. Maria II, muito ciumenta, prohibia ao marido que valsasse, o que decerto importaria um sacrificio para um principe tão galanteador, de mais a mais allemão, amando a valsa como todos os naturaes dos paizes frios.

A's dez horas, a infanta D. Izabel Maria retirava-se, para fazer a sua jornada até S. Domingos de Bemfica, e para não interromper os seus habitos caseiros.

A' meia noite sahia a imperatriz Amelia, cujas *toilettes* eram sempre notaveis pela riqueza das joias, que apreciava muito.

Havia ceia, mas o champagne não chegava a aquecer a temperatura dos espiritos. O exemplo das pessoas reaes, que ou se retiravam cedo ou se abstinham de valsar, esfriava o aspecto das salas como chuva de neve.

A infanta D. Anna era a pessoa mais animada de toda a familia real. Gostava de conversar e valsar.

Mas a rainha impunha respeito, e se D. Maria II gostava de governar a sua casa, não gostava menos de governar a sua côrte.

Quanto ao seu reino, procedia do mesmo modo, o que não pequenas contrariedades e desgostos lhe acarretou.

Vendo em 1836 levantar-se da revolução um poder politico, n'esse momento superior ao seu, fallava de Manoel Passos, que o personificava, chamando-lhe ironicamente o *rei Passos*. E D. Fernando, suggestionado pela rainha, chegou a dizer uma vez ao grande homem de Bouças: — Monsieur le roi Passos! comment vont vos sujets à Lisbonne?

Mas não era de politica que eu queria fallar; de bailes, sim.

A proposito do ultimo sarau d'Ajuda acudiram-me estas recordações historicas, que eu colhi da tradição oral de velhos fidalgos portuguezes, mais ou menos recentemente dizimados pela morte.

O ultimo foi o marquez de Vallada, a quem eu me acostumára a dizer:

— Então, decididamente, v. ex.ª teima em não escrever as memorias do seu tempo?

— Agora já é tarde para começar.

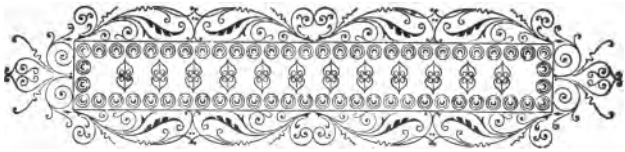
— Pois n'esse caso, marquez, tenha paciencia, fallemos hoje da côrte de D. Maria II.

N'outro dia:

— Fallemos hoje da côrte de D. Pedro V.

E o marquez, com uma memoria desabalada, que deixava a perder de vista a do famoso padre Macedo, punha para ali tudo em pratos limpos, com pormenores, e com graça, muita graça, sobretudo quando fazia retratos, que sahiam quasi sempre com um traço mordente de caricatura.

E do que então ouvi a elle e a outros fui compondo um chronicon volumoso, que já agora não publicarei senão... em pitadas.



XI

CARTA PARA O OUTRO MUNDO

(Á MINHA CRIADA JOANNA)

Muitos annos já vão passados depois que tu, minha querida velhinha, que me foste segunda mãe, expiraste por uma tarde calmosa de verão, n'uma casa da Cantareira, na Foz do Douro.

Lembro-me nitidamente d'esse dia, d'essa hora, que foi tremenda na minha vida. Porque a verdade é que eu te amei como filho, e que tu me querias como se houvesses sido minha mãe.

A Providencia fez-te a mercê de te apagar a razão primeiro do que a vida, e assim, ao menos, custou-te menos a despegar do mundo, a que te haviam prendido crenças sinceras, profundas, e fortes como o teu animo resoluto e dedicado.

Tu, minha querida Joanna, acreditaste em Deus,

no senhor D. Miguel de Bragança, e em mim. Crias em Deus como creador do mundo, no senhor D. Miguel como salvador do reino, e em mim como n'um filho estremecido, em quem se confia cegamente.

Recebi de ti uma educação religiosa, sinceramente espiritualista, que ás vezes senti enfraquecida, mas que jamais deixei perder completamente. E agora, no dobar de annos e desenganos successivos, o meu espiritualismo requintou; creio tanto mais em Deus e na immortalidade da alma, quanto descreio dos homens e das suas virtudes postiças.

Por isso, minha querida Joanna, julgo que, além da campa, me ouvirás ainda e que os nossos espiritos poderão entender-se através da incommensuravel distancia que por ora nos separa.

Estou bem certo de que nenhuma outra noticia te poderá levar maior consolação do que o saberes que te amo ainda ou mais ainda do que na hora em que partiste, e qual o destino que tem guiado na existencia a familia do rei proscripto, que tu adoravas.

Foste tu que me ensinaste a dizer — o *senhor* D. Miguel de Bragança, a *senhora* D. Adelaide Sophia, porque, affirmavas tu, os principes infelizes não são menos respeitaveis do que os infelizes que não nasceram principes.

Nunca, na tua generosa amizade, me impozeste um credo politico, porque, intelligente como eras, suspeitavas que eu, nascido sob um regimen de liberdade, havia de ser arrastado pela corrente das ideias do meu tempo, como tu havias recebido pela

educação o amor e o respeito ao direito divino e á tradição absolutista.

Mas chamaste docemente a minha sympathia para a côrte de Brombach, onde um principe portuguez, que tu conheceste moço e poderoso, constituia, vencido e expulso, a sua familia, unica taboa de salvação que podia livral-o da morte no naufragio de todas as suas esperanças e ambições.

Achaval-o talvez maior ainda no exilio do que no throno, porque a desgraça é uma especie de santificação, que sobrepõe a corôa do martyrio a todas as virtudes humanas.

Viste o *teu* rei moço e gentil, rodeado de numerosos amigos, que o perderam. Atravessaste intrepidamente as «linhas», sósinha, para ir vel-o entrar no hospital de sangue, da Formiga, onde visitava os feridos. Viste, nas escadas da egreja dos Clerigos, entrar no Porto a expedição do Mindello, e percebeste que tudo estava perdido, porque os miguelistas tinham ábandonado voluntariamente uma cidade, que era um baluarte de pedras e corações.

Acompanhaste mentalmente o «teu» principe até ao momento de embarcar, vencido ou atraiçoado, em Sines, e ainda depois o acompanhaste em espirito na sua côrte de emprestimo, em terra alheia, onde encontrára uma princeza, que o amou sem ambição, e sem interesse, por um impulso de nobre sympathia, superior a todas as conveniencias sociaes.

Desde esse dia não soubeste dizer a ti propria se amavas mais o rei proscripto ou a princeza que lhe déra os carinhos do seu coração para amargurar a existencia na pobreza e na obscuridade.

Porque rasão de sobra tinhas tu, minha querida Joanna, quando me contavas, com as lagrimas nos olhos, que o senhor D. Miguel de Bragança e a sua familia viviam de esmolas no exilio.

Sabes? Dizias a verdade, agora confessada pela senhora D. Adelaide Sophia n'uma carta em que, referindo-se a Portugal e aos portuguezes, escreveu ao conde da Redinha: «Innumeraveis são os beneficios materiaes e espirituaes que de lá me teem vindo! Durante vinte ou mais annos sustentaram-me a mim, a meu Marido e meus Filhos com dadivas para as quaes muitos contribuiram.» (*Nação*, de 11 de maio de 1897).

Tu antecipaste-me ha vinte annos esta revelação historica, que me dava pena de não ser rico para juntar o meu dinheiro ás moedas de prata, que tu ias de tempos a tempos levar a casa de certo fidalgo, com destino ao senhor D Miguel de Bragança.

Ah! minha querida Joanna, quanto não vais estimar a noticia de que a senhora D. Adelaide Sophia, a companheira dedicada do *teu* rei proscripto, depois de haver educado os seus filhos, valorisando-os pela educação para occuparem na sociedade logar distincto, acaba de professar no dia 25 de junho [1] no convento de Santa Cecilia em Solesmes.

A illustre princeza, que tu amaste sem conhecer, realizou na terra todo o teu ideial, encheu a medida dos teus sonhos e ambições, porque voluntariamente confinou a existencia entre Deus e o se-

[1] De 1897.

nhor D. Miguel de Bragança, pondo de per meio os filhos e os netos.

Podes agora aquilatar melhor os merecimentos e virtudes d'essa princeza, que para ti já era a primeira no mundo. Ahi tens aberta de par em par a sua alma, onde todas as recordações de antigos soffrimentos se apagaram suavemente para dar logar ao amor de Deus e á paz com que deseja agradecer-lhe o havel-a deixado completar a sua missão de esposa e de mãe.

Os filhos contraíram allianças honrosas, encontraram novos affectos e carinhos, e a mãe refugiou-se em Deus talvez para lhes não contar, em alguma hora de fraqueza de espirito, quanto lhe custou educal-os, quantas noites desvelaria angustiada á espera que de Portugal lhe chegassem os recursos, se alguma vez tardaram.

Não sei se as almas podem chorar, mas eu creio que sim, porque é da alma que nascem as lagrimas quando apontam aos olhos. A pedra nunca chorou, porque é insensivel. Pois se as almas podem chorar, receberás esta noticia chorando de alegria e de felicidade, tu, minha querida Joanna, que eras um coração forte mas terno, onde um sentimento se gravava para nunca mais se obliterar.

Tu, que eras uma defensora acérrima dos conventos, tu, que tantas historias de freiras me contaste, e que repetidas vezes me dizias que se não fosse eu terias professado n'um convento de carmelitas, principalmente n'aquelle cuja portada humilde abria sobre a Praça de Santa Thereza; tu, minha querida Joanna, ficarás encantada ao saber

que a senhora D. Adelaide de Bragança, na presença de todos os seus filhos e netos, depois de os ter beijado pela ultima vez, votou a Deus a sua existencia, preparando-se para descançar na bemaventurança, como um trabalhador procura uma sombra para dormir depois de ter ganho o seu dia.

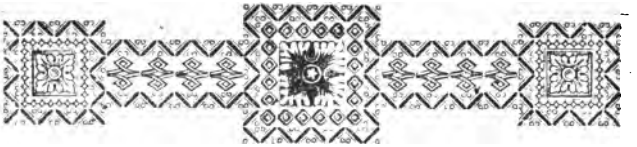
E que longo, que sombrio, que resignado foi o dia d'esta senhora, que pelo casamento se ligou a um principe sem pão, ás recordações dolorosas de um drama politico em que não collaborára, e a uma patria imaginaria, que jámais conhecêra! Chamou a si um passado, que lhe não pertencia; não ambicionou um próspero futuro, que as circumstancias tornavam difficil e improvavel. Preoccupou-se apenas das suas responsabilidades de esposa e mãe; nasceu princeza, e contentou-se de ser mulher; desposou um rei, e não podia esperar um reino.

Ah! minha querida Joanna, não te illudas na cegueira da tua paixão. O passado não resuscita por ora. Nós vamos todos marinhando pela liberdade como por um mastro de *Cocagne*. Escorregamos alguma vez, mas logo recomeçamos a ascenção. Quando houvermos chegado ao topo do mastro, julgar-nos-hemos vencedores, mas então o que nos restará fazer? Descer, para voltar ao passado.

Em que epoca será isso? Depois de estarmos cansados de ter escorregado e subido. Tarde, muito tarde talvez. Dize ao senhor D. Miguel de Bragança, a quem ahi decerto continuarás a adorar depois de Deus, que esta hora é ainda a das demolições e dos abalos, em que os thronos rangem ameaçados, e que as horas das nações se contam por seculos.

Hão de vir novos systemas, que por sua vez se infamarão tambem. Depois voltaremos aos reis, e se elles forem bons, supponho-os preferiveis ás republicas más.

Lá em cima, onde tu estás, minha querida Joanna, as maiores commoções sociaes devem parecer pequenos trovões. Reina ahi a paz, a felicidade eterna. Feliz de ti, que decerto a gozas, porque foste boa. Pois, minha adorada velhinha, se, como espero, esta carta te levar uma boa nova, pede, na paz eterna, ao Senhor, que me dê coragem para continuar a manter-me firme nas crenças religiosas que tu me ensinaste, e que téem sido o melhor e maior amigo que jámais encontrei no mundo.



XII

OS PENTEADOS

I

VITERBO, commentando o foral dado por D. Sancho II á villa de Santa Cruz da Ponte do Sabor, faz notar que as mulheres viuvas traziam o cabello curto e a cabeça coberta por uma touca; que as casadas traziam a cabeça descoberta, mas os cabellos atados, presos; e que as solteiras, que ainda estavam sob o patrio poder, e geralmente todas as que não eram casadas andavam com a cabeça descoberta, e os cabellos soltos e compridos.

No supposto retrato da rainha D. Tareja (copia de uma lithographia de Guglieni) publicado por Benevides, o cabello está preso em *bandeaux* lizos e apenas dois *boucles* caiem, como ornato, sobre o pescoço. No tumulo da mesma rainha, na sé de Braga, o penteado da estatua, lavrada em pe-

dra, apresenta *bandeaux* mais extensos. No retrato da primeira mulher de D. Manoel (museu de Madrid) o penteado cinge se á curva do craneo, suspendendo-se sobre a parte posterior do pescoço.

Cumpre notar, em additamento a Viterbo, que as senhoras nobres e casadas tambem envolviam a cabeça em pannos, alguns de fino tecido transparente, especie de coifa ou rêde (o *reticulum* das romanas), que dava ao rosto um ar de composta severidade. As rainhas usavam sobre a coifa a corôa real, como se vê no retrato de Santa Izabel que pertence ao Paço d'Ajuda, e em que a coifa é de gaze; no retrato de D. Brites de Gusmão, segunda mulher de Affonso III; na estatua de Ignez de Castro, sobre o sarcóphago d'Alcobaça. Quanto a damas de nobre jerarchia, mas que não eram princezas, citaremos o exemplo D. Maria Rodrigues de Villalobos, na figura que encima o seu monumento (Sé de Lisboa).

Não era propriamente a touca das viuvas, mas um grave distinctivo com que as grandes damas casadas imitavam o vestir das esposas de Christo, as freiras.

A touca das viuvas foi geral em toda a peninsula iberica.

Brantome, fallando da mãe de D. Sebastião, quando a encontrou em Hespanha, descreve-a «coiffée d'une toque á l'espaignolle, de crespe blanc, qui luy baissoit fort bas en pointe sur le nez, et vestue non autrement en femme veufve, á l'espaignolle, car elle portoit de la soye quasy ordinairement.»

Os cabellos umas vezes pendentes em cachos (cachoncheira), outras vezes ennastrados em duas tranças, eram privativos da mulher solteira e virgem, da filha-familia. Por isso os foraes dizem *mancipia in capillo*, como nas leis anglo saxonias e lombardas se dizia *capillata*, *libera femina capillata* (livre, por não estar casada), *filia in capillo* [1].

Nas canções amorosas do povo, dirigidas a uma rapariga solteira, ainda hoje subsistem vestigios do penteado tradicional das donzellas:

Lindos cabellos que tendes,
Que vos dão pela cintura,
De noite servem de cama,
De dia de formosura.

Cabellinho entrançado
Pelas costas ao comprido:
N'esse nó que vós lhe daes
Trazeis o amor escondido.

Tendes o cabello louro
Pelas costas ao comprido:
Parecem meadas de ouro
A martello rebatido.

O sr. Theophilo Braga quiz ver ainda o symbolo juridico dos nossos foraes no convite ao *cabello atado* (ao casamento), que se faz na seguinte quadra popular:

---

[1] Michelet, *Origines du droit français*. Tom. I, pag. 146.

Menina, áte o cabello,
Que elle atado está-lhe bem;
Se não tem fita p'ra elle,
O salgueiro vêrga tem.

A mulher solteira ficava ou estava em cabello. *Remanere, aut esse in capillo.* Os hespanhoes usam a locução *moza en cabello* como synonymo de donzella. Se era violentada, percorria as ruas romeando em voz alta o nome do desflorador, arrepellando os cabellos em desalinho.

Quando, entrando n'um convento, desposava Deus, tonsuravam-lhe as tranças. Era um casamento espiritual. A *Excellente Senhora* chorou quando, em Santa Clara de Santarem, viu cahir a seus pés, tesourado, o cabello.

Aos homens que tomavam o habito monastico, tosquiavam-lhes a barba, e a esse acto se chamava *Benção da barba.*

A mulher que morria virgem, era amortalhada, e ainda hoje, com o seu penteado de solteira. Diz uma trova do povo:

Se passares pelo adro
No dia do meu enterro,
Diz á terra que não coma
As tranças do meu cabello.

Nas nossas aldeas ficou o costume das raparigas, que perdem a castidade, cortarem o cabello por despreso de si mesmas.

O bigode, que os gregos e romanos alternadamente usaram e abandonaram, e que só desappareceu no fim do seculo XIV, para reapparecer no

XVI, foi adoptado pelos portuguezes como integração da barba crescida.

Retratos de Affonso Henriques e Affonso II representam estes reis com bigode [1].

Por uma passagem de Fructuoso, nas *Saudades da terra*, sabe-se que na ilha da Madeira alguns homens usavam o cabello em tranças, o que parece ser um vestigio da tradição dos godos e suevos, que traziam os cabellos compridos, lançados a uma parte, e atados com um nó.

Os portuguezes usavam ainda no tempo de D. Diniz o topete, «cabello de diante da cabeça, que se riça e penteia.» (Moraes). D'este rei se queixou o clero porque «mette... em officios pruvicos os judeus, e deixa-lhes trazer topetes.»

No *Cancioneiro da Vaticana* encontra-se a seguinte allusão ao topete:

Martin Aluelo,
d'esse teu cabelo
ti falarey já,
cata capelo
que punhas sobr'elo
ca muy mester ch'a ;
ca o topete
poys mete,
ca os mays hu mays ha,
muytos que vejo
sobejo
e que grand'entejo
en toda molher a.

Ainda hoje temos a phrase «Fazer suar o tope-

[1] Coll. de retrat. da Bib. Nac. de Lx.ª, Livro 3.

te», allusiva a uma grande afflicção, como se o suor fosse tanto que encharcasse a cabeça.

«Esta compostura do cabello — diz Frei Francisco Brandão referindo-se ao topete — que n'aquelle tempo d'el-rei D. Diniz, e em outros, se reputou por enfeite, e galantaria, entrado o reinado d'el-rei D. Affonso o IV, seu filho, veiu a perder o preço, e estimação, prohibindo este rei por lei expressa que ninguem trouxesse topetes, taxando aos plebeus pena de açoutes, e aos nobres perda da fidalguia. No livro das suas leis e pragmaticas, anda esta que Affonso Giraldes então lhe cantou no poema que escreveu da batalha do Salado.» [1]

Encontramos no Archivo Nacional a pragmatica de Affonso IV sobre os topetes; mas, antes de a reproduzirmos, vamos transcrever do *Cancioneiro da Vaticana* uma trova de «escarneo», que nos ha de preparar para entendermos melhor aquella pragmatica.

Martim Vasques era um jogral, que se presava de astrologo, e d'isso não sabia nada, o qual um bello dia se fez tonsurar com o cheiro de ir parochiar uma egreja, o que aliás não conseguiu.

Diz a trova:

El rapou barva e fez gran corôa,
et cerceou seu topete spartido,
et os cabelos cabo do oydo,
cuydando aver per hy egreja boa;
mays Saturno lh'a guisou de tal renda
hu non ha pam nem vinho d'oferenda,
nem de herdade milho para borôa.

[1] *Mon. Luz.*, tom. IV, pag. 114.

Topete espartido quer dizer — topete apartado ao meio como elle se usava no tempo de D. Diniz. Esta explicação era necessaria para que se possa entender a phrase *nom andem espartidos*, que se encontra na pragmatica de Affonso IV, redigida nos seguintes termos:

«Outro si teemos por bem que nenhum christão de nosso Senhorio de qualquer estado, e condiçom que sejam non andem espartidos; e aquel que acharem andar espartido pague dez libras por cada vez, que o assi acharem, e seja preso atá que façam o Topete, e se fôr tal home que nom aja onde estar pague jasca na prison dez dias, e se atá os dez dias as nom pagar façam lhe do Topete e dem lhe dez açoutes em concelho publicamente, e esto mesmo lhe façam de cada vez que o hi acharem andar espartido se nom tever onde pague as ditas dez libras; e posto que os nenhuu nom acuse Mandamos que as nossas justiças possam esto fazer ainda que os outros nom acusem, e os dinheiros façase como dito he nas outras cousas» [1].

O leitor certamente achou contradictorio que esta pragmatica, prohibindo os topetes, estabelecesse que os infractores fossem presos *até que façam o topete*. Mas fazer o topete deve entender-se no mesmo sentido em que se diz — fazer a barba, isto é, desfazel-a.

Tal foi a legislação dos primeiros tempos da monarchia relativamente ao penteado.

---

[1] Torre do Tombo, *Leis e Posturas*, pag. 6 e 8.

II

Alguns jornaes de Lisboa publicaram, e outros da provincia reproduziram, uma noticia que não deixou certamente de ser lida com interesse pelas leitoras de uns e outros jornaes.

E' o caso que Lienterich, o rei dos cabelleireiros parizienses, como dizem em *cliché* as referidas gazetas, resolveu adoptar no penteado das senhoras um processo inteiramente opposto áquelle que estão seguindo por toda a parte as emprezas e companhias de exploração industrial.

Justamente á hora em que se complicavam em França os negocios do Panamá, pouco antes de se baralharem no mesmo paiz os negocios do caminho de ferro do sul, na vespera de se annunciarem em Portugal duas assembléas geraes do Nyassa, Lienterich, tomando por caminho diverso, procurou simplificar, reduzir a uma singeleza quasi primitiva o penteado das senhoras.

Todo o artista tem seu tanto ou quanto de philosopho, e Lienterich ha de tel-o tambem.

Não admira por isso que, sendo elle cabelleireiro, pensasse no cabello sob o ponto de vista ostensivamente artistico, quando já houve um estadista solerte que pensou no cabello sob um ponto de vista essencialmente economico.

Um antigo governador da provincia de Licia, condado creado por Mausolo, rei da Asia, precisou arrancar dinheiro aos contribuintes para occorrer ás despezas de seu real amo.

Não era facil. Os licienses já não tinham pelle; as garras do fisco haviam-lh'a arrancado. A que recorrer pois? O governador lembrou-se de que o cabello dos licienses ainda não tinha sido alcançado pelo imposto, e deitou-lhe a tesoura.

Perdão! O governador procedeu com astucia, porque o que elle queria tosquiar não era precisamente o cabello, mas o dinheiro dos contribuintes.

Publicou que tinha ordem do rei para ajuntar a maior porção de cabello possivel, sendo, portanto, preciso que todos os habitantes do condado se privassem d'aquelle, muito ou pouco, que a natureza lhes tivesse concedido.

Mas os licienses, que eram extremamente cuidadosos no penteado, pediram, supplicaram ao governador que lhes fosse permittido remir a dinheiro a sua contribuição, habilitando-o assim com as quantias precisas para mandar comprar á Grecia todo o cabello de que el-rei carecesse.

E, durante muitos dias, entraram nas arcas do thesouro rios de dinheiro, que era o que o esperto governador pretendia — ficando-lhe ainda por cima muito obrigados os contribuintes.

Sob pretexto do amor da arte, muita gente tem pensado no cabello para tambem tirar d'elle dinheiro. Os cabelleireiros não pensam n'outra coisa por dever de officio, e ora teem complicado, ora simplificado o penteado das senhoras.

No seculo passado, depois que chegou a Portugal a rainha Marianna, começaram a ser moda os penteados altos, *á allemôa*, porque a rainha os usava, e tanto se exageraram, que chegaram a ter

as dimensões da *torre de Belem,* como diz o soneto attribuido a Tolentino.

Foi o cabelleireiro Leonardi quem em Lisboa reagiu contra a moda allemã, procurando moderar a altura dos penteados. Sob sua influencia, as damas principiaram a pentear-se *á creoula*, mas Leonardi não tardou a ser desthronado pelo modêlo da cantora Gafforini, que fez epoca. Appareceram então as *gafforinas*, que alguns patetas, que não sabem onde têem os dedos, escrevem *ganforina.* Tambem o bailarino Maraffi deu leis ao penteado, creando a marrafa, o cabello cahido para a testa.

No principio do seculo actual os penteados foram modestos. As *torres de Belem* desappareceram. Ficou alguma coisa do systema creoulo e da marrafa, mas coisa pouca, e leve.

Usavam-se as coifas e os casquetes, que escondiam, quasi, o cabello.

Em 1819 principiou o penteado a querer resurgir, desafogar-se, esboçando-se em *boucles* ainda timidos, mas graciosos. Por sua parte as chapeletas, que por acinte se fizeram enormes, procuravam reprimir as aspirações autonomicas do penteado.

Cerca de 1827 descobriu-se um meio termo, para contentar o penteado e a chapeleta. Punha-se á bolina a chapeleta, inclinava-se o bastante para, de um lado, deixar vêr o cabello, mas, n'esta grande briga, foi o cabello que triumphou.

Os penteados altos voltaram, não em trouxa, dispostos com um artificio que tinha alguma coisa de pyrotechnico.

A um e outro lado da cabeça armavam-se duas

pequenas pinhas de cabello, que, depois, subia repuxado até formar um laço sobre a nuca, á laia de borboleta com as azas abertas.

Parecia um fogo de vistas. Fazia lembrar um arraial na cabeça.

Em 1834, pouco mais ou menos, appareceram os *bandeaux*, com um pente alto, coberto por a trança enrolada com maior ou menor complicação artistica.

A leitora conhece certamente este penteado de o ver em todos os retratos da rainha D. Maria II.

Seguem-se depois os *bandeaux* em cachos, cahindo o cabello em flocos sobre as orelhas, e descendo algumas vezes em caracoes sobre o pescoço.

Por muito tempo estiveram em moda os *bandeaux* historiados ou singelos, frizados ou lizos. E a rainha D. Estephania, usando o *bandeau*, contribuiu, pelo exemplo, para demorar a moda.

Depois de 1873 os penteados tornaram a subir. Appareceu o *chignon*, a cuia, que era, como se sabe, um annexo volumoso, e póde dizer-se que nos ultimos vinte annos nunca mais o penteado das senhoras deixou de ser complicado e excessivo.

A marrafa reappareceu, não como typo de penteado, como no tempo do bailarino Maraffi, mas como mais um arrebique, mais um ornato de ordem compósita.

Agora, Lienterich hastea a bandeira da singeleza. Nada de exageros e de complicações no penteado. Toda a arte capillar do futuro estará precisamente na ausencia de arte.

Uma senhora pentea-se do mesmo modo para es-

tar em casa, para sahir á rua ou para ir a um baile.

O requinte no toucado não tornará a ser causa de conflictos como aquelle que no seculo XVII rebentou na côrte portugueza.

A historia é interessante, e por isso vou contal-a.

Na regencia de D. Pedro II era ama da infanta — d'essa infanta ao mesmo tempo filha e sobrinha de seu pae — uma senhora que, além de outras prendas singulares, possuia a de ter um geito especial para inventar e compor penteados.

Todas as senhoras da côrte recorriam ao seu auxilio e, como a ama da infanta tivesse uma imaginação inexgotavel, as damas do paço variavam os toucados infinitámente.

A marqueza de Tavora foi ter-se um dia com a ama da infanta, e pediu-lhe que arranjasse para sua filha o mais vistoso toucado que ainda se tivesse visto.

Dito e feito. O toucado appareceu, e desde logo o classificaram de oitava maravilha do mundo. Não se tinha ainda visto coisa mais phantasiosa e complicada.

A marqueza tão contente ficou, que exigiu da ama da infanta a solemne promessa de que para nenhuma outra senhora da côrte faria um toucado identico.

Naturalmente pagou por bom preço a promessa.

Mas a côrte feminina, como era natural que acontecesse, pôz um verdadeiro e apertado cêrco á ama para obrigal-a a faltar ao que promettera.

— Não posso, respondia ella; fiz promessa á sr.ª marqueza de Tavora.

Uma das mais ladinas damas da côrte, mulher de um dos valídos de D. Pedro II, recorreu á violencia: ameaçou a ama da infanta de fazel-a perseguir por seu marido se lhe não fizesse um toucado identico.

Com medo de perder a honrosa e lucrativa funcção em que se achava investida, a ama cedeu, e, d'ahi a dias, a mulher do valído appareceu com um toucado inteiramente similhante ao da filha da marqueza de Tavora.

Ficou fula a marqueza. Metteu-se na carruagem, foi ao Paço. Encontrando a ama da infanta, que era a pessoa a quem procurava, dirigiu-lhe palavras affrontosas e, não contente com isto, esbofeteou-a O chronista d'este grave caso conta que a marqueza «com palavras e mãos descompoz a que compunha a cabeça das outras».

A pequenina infanta, vendo a sua ama maltratada, começou a chorar e a gritar e foi, correndo, até encontrar D. Pedro II, a quem contou o que se estava passando.

O regente, movido pelas lagrimas da filha, indignou-se e desterrou a marqueza de Tavora para quarenta leguas fóra da côrte.

O marquez, que era pessoa de muito valimento junto do principe, imaginou sustar a condemnação dizendo a D. Pedro II que, pois que a marqueza ia desterrada, elle teria de acompanhal-a como desterrado tambem.

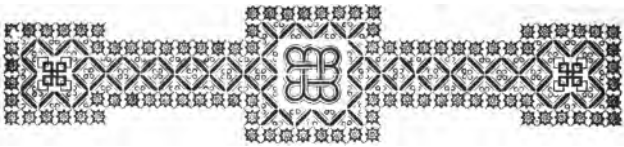
O regente respondeu-lhe seccamente:

—Parece-me muito bem o que queres fazer; vai-te em boa hora, Tavora.

Com esta resposta não contava o marquez, que, apaixonado, se recolheu á sua quinta do Campo Pequeno, onde pouco depois fallecia repentinamente, de desgosto

Tudo isto por causa de um toucado vistoso! Grande Lienterich, rei dos cabelleireiros parizienses, tu vais acabar com esta especie de conflictos.

Incomparavel benemerito! havemos de fazer-te um centenariosinho.



XIII

OS REGALOS

Os caprichos da moda são talvez a melhor prova da inconstancia e da tortura que padece o espirito humano para attingir o desconhecido e o novo.

A mulher, principalmente, gasta a sua phantasia na invenção dos figurinos para conseguir parecer menos feia ou mais bella, para disfarçar os seus defeitos plasticos ou para dar maior relevo e brilho aos seus dotes physicos.

Sujeita ás fluctuações do espirito humano, especialmente á volubilidade nervosa do sexo feminino, esse eterno doente da imaginação, tem a moda variado de anno para anno, sem que esse facto, motejado pelos poetas satyricos e pelos criticos dos costumes, haja sido modificado em tempo algum pelos doestos e epigrammas que o sublinham e castigam.

Um poeta do *Cancioneiro geral*, Duarte da Gama, dizia no seculo XV:

> Os desvairados vestidos
> Que se mudam cada dia.

Trezentos annos depois, Nicolau Tolentino insistia na censura, ferindo a mesma nota:

> São modas, que véem co'o tempo,
> O tempo as acabará.

E d'aqui a cem, duzentos, trezentos annos, outros poetas, outros criticos, novas satyras e novos epigrammas crivarão os seus dardos na inconstancia da moda, sem conseguirem detel-a na eterna marcha caprichosa através do tempo.

Por mais que o espirito humano procure o desconhecido e o inédito, como não ha nada novo debaixo do sol, acontece que a moda se vê obrigada a resuscitar costumes que tinham sido abandonados, trajos que haviam sido depostos ou a regressar a primitivos estados de civilisação pelo que respeita a louçanias e atavios.

Assim, acontece frequentemente que não só vamos buscar modelos á historia sumptuaria dos mais remotos povos cultos, senão que tambem os copiamos de povos selvagens, que se não regulam pelo figurino, mas que procuram enfeites e adornos pelo instincto da vaidade, innato ao genero humano.

Agora mesmo estamos em caminho de mais uma regressão, não ao passado de antigos ou longinquos

povos, mas ao nosso proprio passado de europeus do occidente, comquanto a iniciativa venha do norte da Europa.

O regalo, que deve ter sido oriundo de paizes frios, como uma commodidade imposta pelo rigor do clima, e que nunca entre nós desappareceu de todo, posto se fosse reduzindo em dimensões, acaba de reapparecer na Russia em acrescentada edição, decretada pelos ukazes elegantes de duas grandes damas da alta sociedade de S. Petersburgo.

Nós, os protuguezes, que vivemos n'um clima doce e moderado, não tinhamos por certo uma indeclinavel necessidade de adoptar o regalo, mas como somos um povo propenso á imitação dos usos e costumes extrangeiros, já no seculo XVII demos curso ao habito de trazer as mãos abafadas n'um rolo de pelles.

Mas o mais curioso é que em Portugal não só as mulheres, tambem os homens, por uma effeminação comica e por espirito de imitação ridicula, adoptamos o regalo, generalisando a moda a ponto de não haver differença entre um e outro sexo no cuidado de preservar as mãos contra o maior ou menor rigor da temperatura.

No inverno, os effeminados portuguezes do seculo XVII usavam regalos, como no verão usavam leques, e constantemente outras denguices mulheris.

Ora, n'este benigno clima de zona temperada, o frio não costuma ser tão rigoroso, que maltrate as mãos de quem não tem de expol-as ao ar das manhãs e das noitadas.

Entre nós, os caixeiros de mercearia, que se levantam antes do sol, são as principaes victimas das frieiras nas mãos.

Pobres marçanos! são elles as creaturas mais expostas á frieira e ao cieiro, e é vulgarissimo vel-os no inverno com as mãos grossas e roxas, e com os beiços crestados pela friagem, coçando as mãos uma na outra, como verdadeiras victimas da sua permanencia ao balcão.

Mas entre as classes superiores da sociedade, o regalo não correspondia nos homens a uma necessidade, nem a uma defeza. Era um luxo, uma effeminação, apenas.

Por isso a pragmatica de 8 de junho de 1668 prohibiu o uso de regalos nas mãos aos homens, e só o permettiu ás mulheres.

Ribeiro Guimarães, no *Summario de varia historia*, equivocando-se nas datas, duplica a pragmatica que prohibiu aquelle uso: cita a de 13 de abril de 1668, que aliás nunca existiu, e a de 8 de junho do mesmo anno, da qual copiamos no Archivo Nacional a disposição respectiva aos regalos.

«Que se não possa trazer capa ou capote de seda, assi no inverno como nõ verão, nem ainda de lãa sendo forrada de seda, nem regalos nas mãos, que só se permittem ás mulheres, nem ninguem possa trazer bengala, ou outra insignia que só são permittidas aos officiaes de milicia, conforme os postos que occupão.»

Mas, como sempre aconteceu, os decretos sumptuarios, se impunham respeito no primeiro momento, eram a breve trecho despresados, sem em-

bargo de algumas comminações, n'elles estabelecidas, se haverem tornado effectivas.

Em consulta de 12 de outubro de 1672 dizia o senado da camara de Lisboa ao principe regente: «... Vossa Alteza procurou, no principio do seu governo, remediar este damno (o do excessivo luxo) com uma pragmatica feita em 8 de junho de 1668, que tão longe esteve de ser util que foi prejudicial, porque se não observou, e cresceu com o despreso d'ella a liberdade dos transgressores.»

O seculo XVII salientou-se como sendo o mais requintadamente effeminado na historia dos nossos costumes, por isso não admira que a disposição contra os regalos ficasse letra morta, motivo pelo qual a municipalidade julgou dever insistir contra essa e outras modas exageradas e dispendiosas, usadas por ambos os sexos, alem de piegas quando usadas pelos homens.

Em 19 de outubro de 1672 aquella corporação representava ao regente pela terceira vez sobre assumptos sumptuarios, e individualisava os regalos, dizendo:

«Passa esta desordem do adorno da cabeça (referia-se ás cabelleiras) ao mimo das mãos, trazendo-as muito resguardadas em regalos. Convem que Vossa Alteza atalhe este damno, prohibindo todo o genero de cabelleiras, permittindo as sómente aos que, por razão de achaque, necessitem d'ellas; prohibindo, outro sim — «que os homens tragam regalos nas mãos» — e leques. — Os regalos prohibiu Vossa Alteza já na pragmatica de 8 de junho de

1668, como tambem o andar desabotoados, que de novo se deve prohibir.»

Vê-se, pois, que o uso do regalo não é moderno, mas conta pelo menos duzentos annos de edade em Portugal, posto que nós todos nos lembremos ainda de o encontrar em moda, volumoso e luzidio como a barretina de um cossaco, e de o ver depois diminuir em dimensões até desapparecer quasi da *toilette* feminina.

Pois agora, na Russia, a gran duqueza Wladimir e a gran-duqueza Alexis lembraram-se de resuscitar os grandes regalos, que eram interiormente uma especie de *indispensavel*, forrado exteriormente de pelles, porque transportavam no seu bôjo o lenço de rendas, o frasquinho dos saes, o livro de orações, o rosario de oiro ou marfim, a carteira de lembranças, a carta de namoro e o espelhinho de algibeira.

O *Reporter*[1] não é exacto quando parece remontar a antiguidade do regalo nas senhoras apenas a 1830, porque é certo que já florescia em Portugal no seculo XVII, pelo menos.

Ora a resurreição do regalo, no momento actual, traz um adminiculo novo, como é do estilo na reapparição de todas as modas, que procuram attingir a variedade diminuindo ou acrescentando alguma coisa ao modelo antigo.

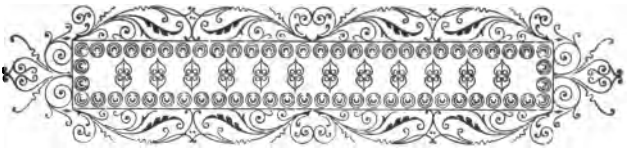
As duas gran-duquezas russas resolveram adornar esta nova edição dos regalos (edição correcta

[1] Jornal lisbonense, que já não existe.

e augmentada para melhor extracção) orlando-os de violetas de Parma ou de orchídeas, que todos os dias serão renovadas.

Está provado que as modas, quanto mais dispendiosas são, mais tempo duram.

E esta promette conservar-se, além da razão citada, tambem pela de que o mundo feminino de Pariz a recebeu com agrado, o que aliás não admira, dada a actual alliança dos espiritos entre a Russia e a França.



XIV

VESTIDOS DE CAUDA

Os habitos talares, quer dizer, os vestidos que desciam até ao calcanhar, já no principio da monarchia estavam em uso entre pessoas nobres. Foi certamente para imitar a classe ecclesiastica, o que se deve attribuir a fanatismo religioso, que a nobreza adoptou esses habitos, talhados pelo modelo das cogulas monasticas, das tunicas dos conegos e das samarras dos padres.

Era até muito vulgar o facto de illustres fidalgos tomarem a cruz das religiões do Hospital, do Templo, de S. Thiago, de Aviz, etc., alguns sómente como confrades honorarios, outros com voto de profissão, apartando-se de suas mulheres, que tambem lhes imitavam o exemplo, e do mesmo modo vestiam o habito.

D. Sancho II trouxe, desde pequenino, vestido,

por promessa de seus paes, que o viam achacoso, um habito monastico, fôsse o de conego regular de Santo Agostinho ou o de S. Francisco, com o qual foi enterrado, segundo refere André de Rezende.

Na Sé de Lisboa, a estatua lavrada sobre o tumulo de Lopo Fernandes Pacheco, famoso valído de Affonso IV, está vestida de habitos talares, ao costume dos nobres antigos, com mangas em bico e bordadas de brazões de familia.

Mas até ao reinado de Affonso III, os vestidos que roçavam pelo calcanhar, não tinham ainda ultrapassado essas dimensões, a cauda não tinha apparecido ainda.

Foi a rainha D. Brites de Gusmão, segunda mulher d'aquelle rei, que introduziu em Portugal o costume dos vestidos roçagantes.

A essa princeza castelhana se deve a moda das «cotas de rabo ou caudatas», o que lhe valeu muitos remoques dos seus contemporaneos, e uma lenda ridicula, não obstante ter-se perpetuado a moda a seu exemplo.

Frei Francisco Brandão, que escrevia no seculo XVII, diz, referindo-se aos vestidos de cauda, que d'elles usaram «até o tempo de nossos pais as maiores princezas e senhoras.»

Pois, duzentos annos volvidos sobre frei Francisco Brandão, ainda hoje os usam não só as princezas e damas de honor em actos solemnes da côrte, mas tambem todas as noivas, sejam novas ou não.

A moda pegou em Portugal, e com o tempo se foi alastrando a outros paizes.

Um seculo depois, em 1434, frei Alberto de Sarciano, religioso da Ordem Seraphica, levou á presença do principe Vincencio as murmurações do povo contra as cotas roçagantes, que tinha por immodestas e dispendiosas.

O principe ouviu o frade, e por uma lei promulgada na cidade de Este prohibiu o uso d'aquellas cotas.

Em Portugal, a innovação, não obstante ter partido do exemplo da rainha, foi recebida com ironias e chascos, e deu azo a vulgarisar-se uma alcunha ridicula para a illustre innovadora. O povo chamou a D. Brites de Gusmão a *rainha rabuda*.

Diz frei Francisco Brandão na *Monarchia Luzitana*, aonde Viterbo foi buscar o seu artigo *Rabudos*: «e como na frugalidade do nosso Portugal n'aquella idade se extranhou o trage por não costumado, deram titulo de rabuda á introductora d'elle.»

O auctor do *Elucidario* affirma, sempre encostado ao chronista cisterciense, que D. Sebastião mandou abrir, em 1569, os tumulos dos reis em Alcobaça com o fim de verificar se a rainha D. Brites teria tido effectivamente o appenso caudal, que a lenda lhe attribuia.

Isto prova que a tradição era ainda muito persistente no seculo XVI e não admira que o fosse, porque algumas circumstancias conspiraram para incutil-a no espirito publico

Por sua mãe, D. Brites descendia da casa de Gusmão, e d'esta e outras casas se contava que tinham produzido alguns descendentes com rabo, *agotes* lhes chamavam, porque seus maiores, de

origem wisigothica, haveriam tyrannisado outr'ora as provincias que senhoreavam, tornando-se por isso detestados.

Ora é certo que o ser *agote* significava, por aquella ou identica razão, a execração publica não só contra uma familia, mas até contra uma raça ou nação inteira. Arreigado a um preconceito medieval, ainda hoje o nosso povo diz: «que ós judeus téem rabo.» No mesmo sentido odioso chamavamos outr'ora rabudos aos castelhanos em geral, e assim tambem os francezes alcunhavam os inglezes, por odio antigo.

A princeza D. Brites, filha natural de Affonso o Sabio, veio para Portugal ainda muito nova. Acreditaria o povo, segundo a lenda da familia Gusmão, que o appenso caudal se encontrava n'um estado rudimentar, incipiente. Mas quando a mulher chegou a plena conformação da sua plastica, a cauda teria crescido, e seria preciso encobril-a.

Então a rainha introduzira a moda das cotas roçagantes por conveniencia propria — para disfarçar um defeito humilhante.

Como se vê, as circumstancias eram propicias ao desenvolvimento da lenda: a crença enraizou-se, a alcunha pegou.

Frei Affonso de Fala, religioso da ordem dos prégadores, assistiu ao exame feito por D. Sebastião nos tumulos de Alcobaça. E' n'elle que se apoia frei Francisco Brandão, como em Brandão se apoia Viterbo. Diz aquelle religioso que, examinado o cadaver de D. Brites, não lhe foram encontrados vestigios de cauda.

Explicou-se o caso por milagre, como era costume da epoca. «Dizem que S. Bernardo, escreve frei Affonso, lhe tirou este rabo, e mostram um manto que ella lhe deu por isso. O manto eu o vi, mas se foi dado por isso, ou não, não o acho escripto, nem menos que ella tivesse rabo, mais que affirmarem-me pessoas lidas n'estas historias, que o leram, que se chamava a rainha rabuda.»

A pobre rainha foi escrupulosamente observada no tumulo para se averiguar se tinha rabo ou não, tal era a força da lenda. Affirma frei Affonso que n'essa occasião se fizeram bem diligencias *para saber a verdade d'isto.*

Ditosos tempos!

XV

OS TRAJES DAS CLASSES VIS

Affonso IV regulamentou o vestir dos judeus e dos mouros, que, segundo as ideias do tempo, assim como deviam viver abairrados á parte da população christã, tambem deviam usar signaes que os differençassem d'ella. O poeta Affonso Giraldes, nas trovas que compoz em memoria da *Batalha do Salado*, diz referindo-se ao successor de D. Diniz:

E fez bem aos criados seus
E grão honra aos privados
E fez a todos judeus
Trazer signaes divisados;

E os mouros almexias, [1]
Que os podessem conhecer;
Todas estas cortezias
Este rei mandou fazer.

Os judeus foram illudindo o cumprimento da lei de Affonso IV, e já iam deixando de trazer os signaes por ella prescriptos. Levantaram-se queixas contra esse abuso no tempo de D. João I, o qual, na cidade de Evora, (anno de 1391) ordenou: «que todolos Judeos do seu Senhorio tragam signaes vermelhos de seis pernas (estrella) cada huu no peito a cima da boca do estamago; e que estes signaaes tragam nas roupas, que trouverem vestidas em cima das outras; e sejam os signaaes tam grandes, como o seu seello redondo; e que os tragam bem descubertos, de guisa que pareçam; e qualquer, que o nom trouver, perca as roupas, que trouver vestidas e seja preso ataa mereee d'El-Rey; e aquel que o trouver mais pequeno que o dito seello, ou ho trouver descoseito, ou a fundo da boca do estamago, ou o trouver cuberto, perca a roupa, em que o trouver, e jaça quinze dias na Cadea, etc.»

Quanto aos mouros, vimos que Affonso IV os obrigou a trazer distinctivos, *almexias;* os canones preceituavam que judeus e mouros se differençassem dos christãos por qualquer signal, sem indicar

[1] Certo signal, que el-rei D. Affonso IV mandou que os mouros trouxessem sobre os vestidos, quando não usassem dos seus proprios trajes.» *Eluc.*

qual devesse ser, o que ficava ao arbitrio dos reis.[1]

No tempo de D. Duarte (1433-38) os mouros forros da mouraria de Lisboa, quando usavam os trajes da sua raça, traziam albornozes, escapularios e balandraus. Mas o alcaide pequeno quiz defender-lhes o uso dos albornozes, e apprehender-lh'os. O rei achou que os mouros eram aggravados pelo alcaide, e permittiu-lhes continuassem a trazer albornozes ou capuzes em cima de seus vestidos, balandraus e aljubas (tunicas compridas, com mangas).

Affonso V *(Ordenações)* determinou que os mouros andassem com aljubas, devendo as mangas ser tão largas que se podesse revolver dentro em cada uma d'ellas uma alna de medir panno; que trouxessem aljubetes ou alquicés (mantos); que se quizessem trazer albornozes, os usassem cerrados e cingidos com os escapularios; e que se quizessem vestir balandraus ou capuzes, o fizessem, comtanto que o escapulario pendesse sobre as costas: *tragão sempre com elles escapullairo detras.*

Por muitas vezes houve reclamações, em côrtes, contra os abusos relativos ao vestuario de judeus e mouros.

No anno de 1451 representou-se contra o andarem uns e outros vestidos de sêda; em 1468, contra o não trazerem signal; em 1473, pediu-se que não houvesse appellação da pena contra os mouros que não trouxessem distinctivo, e que não fosse executada mais do que uma pena; em 1481, que não só os mouros e judeus, como tambem as suas mu-

[1] Frei Francisco Brandão, *Mon. Luz.*, tom. VI, pag. 113.

lheres, trouxessem signaes; em 1482, que aos judeus algibebes não fosse permittido andar pelos *montes* (casaes) usando de seus officios.

N'esta epoca principalmente (1481-1482) apparecem varios capitulos, nas côrtes de Evora, relativos ao vestir dos mouros e judeus. Um d'esses capitulos representa contra o costume das toucas usadas pelos homens, porque com ellas se occultavam facilmente os judeus e mouros, de modo que, embuçados assim, podiam facilmente commetter maleficios.

Outro capitulo pondera que «ora veemos geerallmente tam danada disullaçam amtre os judeos mouros e christaos asi no viver como nos traios e comuersaçoees que he cousa feea desonesta e abhominauell ca veemos lobas e capuzes finos com jubooees de seda espadas douradas toucas rrebuçadas jaezes e goarnimentos o que he imposiuell seerem conhecidos porque sam e emtram nas igreias e escarneçem do santo sacramento e se mesturam com as christaas em graue pecado comtra a santa fé chatollica e nacem desta tam grave disulluçom outros erros e fectos muy disformes e danosos aos corpos e allmas e o pior que he amdam sem sinaees por seerem remdeiros e atormentarem os christãos e se fazerem senhores omde naturallmente sam seruos, etc.»

D. João II respondeu que os judeus não trouxessem seda, e só vestido cerrado, e o «sinall destrella acostumado e acima da boca do estamago». E quanto aos vestidos dos mouros das mourarias, mandou que trouxessem capuzes abertos e sem mangas; e

que se abertos os quizessem trazer «que os tragam como luas vermelhas no ombro».[1]

Em 1488 pediram as côrtes que explicitamente se determinassem os trajes dos judeus e mouros, e que esses trajes não pudessem ser ricos.

D. Manoel, que subiu ao throno em 1495, mandou expulsar do reino os mouros e judeus que recuzassem baptisar-se. D. João III estabeleceu o tribunal da Inquisição, que tantos israelitas condemnou ao fogo.

Em 1563, durante a menoridade de D. Sebastião, os prelados propuzeram á regencia o seguinte capitulo: «E tambem parece para ver se será bom mandar-se que os mouros tragam algum signal; que por andarem nos taes caminhos sem differença damnam muito aos mouriscos, que já são christãos, que se lhes não estranha sua conversação.»

Nas *Ordenações Filippinas* preceituou-se que os judeus que andassem no reino, trouxessem carapuça ou chapeu amarello; e os mouros uma lua de panno vermelho, de quatro dêdos, cosida ao hombro direito, na capa e no pelote.[2]

*

D'entre as mulheres, as que faziam profissão de prostitutas («que fazem pelos homens», «mulheres de partido», segundo as expressões do tempo) não

---

[1] Visc. de Santarem — *Memorias para a historia das côrtes geraes.*

[2] Liv. v, tit. xciv.

podiam usar enfeites alguns, nem gastar por anno mais de um par de pannos da valia de trinta soldos. E haviam de trazer signaes e divisas para se distiguirem das mulheres honestas e honradas.

Estas disposições, do tempo de Affonso IV, foram sendo desobedecidas e esquecidas, pelo que as côrtes d'Elvas (anno 1361) pediram a D. Pedro I que as confirmasse, e o rei despachou nos seguintes termos:

«Item ao que diziam no decimo quinto Artigo o que nosso Padre a que deos perdoe que todalas molheres publicas aberragaadas que trouvessem seus vestidos stermados e desvairados das mulheres casadas e outro si as molheres casadas e outro si as molheres publicas que morassem nos logares apartados por razom dos grandes scandàlos e erros que delo rendiam e que ora tragiam seus vestidos e trages assi como as mulheres casadas por tal guisa que se nom conhoscem huuas das outras. E que fosse nossa mercee que mandassemos que molheres publicas morassem em logar apartado e ellas e as barregaadas trouvessem seus vestiduras e trajos porque podessem seer conhuçudas das molheres casadas e das outras que vivem honestamente.

«A este Artigoo Mandamos que tragam suas vestiduras como os poderem aver porque perderiam muito em os panos que teem feitos e nos adubos que em elles tragem.» [1]

---

[1] Visconde de Santarem, *Alguns documentos para servirem de provas á parte 2.ª das Memorias para a historia e theoria das côrtes geraes* — Lisboa, 1828 — pag. 14.

Mas no anno de 1395, reinando D. João I, a camara de Lisboa estabeleceu e o rei confirmou que *as molheres mudanaaes, que fazem pellos homes,* trouxessem véos «bem açafroados» para se differençarem da mulheres honestas, *porque esto he coussa que sse pode fazer sem custo, e que podem per ello seer conhoçudas e estremadas das outras.*

Sem embargo, as disposições repressivas do excesso de luxo no vestir das rameiras não foram respeitadas; esta classe de mulheres não observava o regimento dos corregedores a respeito dos seus trajes, como tambem sobre o viverem agrupadas em bairros especiaes.

No anno em que D. João II subiu ao throno (1481) as côrtes representaram contra o abuso dizendo:

«Item Senhor parece a vosos povoos que as molheres rameiras e qué fazem mais que por huu homem e as que stam pubricas na mamcebia mande e defemda vosa alteza que nom tragam pano que pase de pano de varas comtanto que nom seiam varas de lomdres e o mais fino seia atee comdado [1] e não tragam chapiis (chapins) nem veeos de seda nem botinas nem tragam mantilhas senom andem em corpo nem tragam mantos de berneo [2] e tragam veeos ou emxaravias [3] açafradas (açafroadas)

[1] Talvez um estofo fabricado em Franche-Comté, porque antigamente se dizia apenas *Condado*, como se vê da expressão «horlogerie de *Comté*.»

[2] «Pano fino de côr escarlata, que vem de Hibernia (Irlanda)» Moraes.

[3] Enxaravia o mesmo que beatilha (touca.)

por tall que seiam conhecidas e antre as boas molheres e ellas aia deferença o que vosa Senhoria mande guardar estreitamente sob as penas em cima declaradas e farees em esto a voso povoo muita mercee e muitas cousas que atee ora per desordem amdarom seram trazidas a seu ordem e boom Regimento perque o bem comuum sera acrecentado.»

O rei respondeu com medidas de caracter geral, repressivas do luxo no vestir, mas sem indicar especialmente as rameiras.

XVI

SANTO ANTONIO NA INDIA

Ahi pelos fins de maio, na India, estão já os campos amanhados para a cultura dos arrozaes.

Espera-se apenas, para lançar a semente á terra, que caiam do céu as primeiras aguas creadoras.

Quando nós cá, chegando o Santo Antonio, já abrazamos em calor, no Oriente vae começar a estação das chuvas,

Uma estrella, a *mirga*, como lhe chama a astronomia oriental, indica a época em que a agua das chuvas deve descer a fecundar a terra.

O lavrador da India, vendo, na primeira semana de junho, brilhar no ceu a *mirga*, entrega-lhe a prosperidade dos seus campos, confia-lhe o resultado das colheitas, o éxito dos trabalhos agricolas.

E' esse um momento de anciedade geral e de funda espectativa cheia de fé religiosa.

— Lá está a *mirga!* diz o camponez apontando para o céu. Esperemos as chuvas.

Foram certamente os hindus que ensinaram aos gregos o costume de regular a divisão das estações pela apparição de certos astros.

Os homens primitivos olhavam mais para o ceu do que nós, e deram-se bem com isso.

Segundo a tradição astronomica de Hesiodo e Homero, quando as Hyades e as Pleiades appareciam no firmamento, o agricultor sabia que tinha chegado o outomno.

Os Gemeos, Orion, Sirius annuciavam as longas noites de inverno.

Arcturus era a estrella da primavera: em ella sendo visivel, não tardavam nada as flores.

Quando na India apparece a *mirga*, e as chuvas não cahem, apenas ha um recurso, um expediente a tomar.

Invoca-se Santo Antonio, pois que só elle poderá conseguir o que a estrella deixou de fazer.

Ranchos de creanças conduzem em procissão a imagem do santo, cantando coplas em seu louvor, e recolhendo, de porta em porta, esmolas que serão applicadas á celebração de missas.

Então vozes frescas e vibrantes, perfumadas de uma simplicidade infantil, que faz lembrar o canto espontaneo das aves, passam entoando jaculatorias n'um rythmo de ladainha em lingua concani:

Sant'Antone, firingu:aló
Paussa galé Devá'ó,
Devá, saibá, pa[illegible] ci.

O que quer dizer:

Santo Antonio dos portuguezes,
Mandai-nos a chuva da casa de Deus.
Senhor Deus, dai-nos chuva.

Sant'Antone, manicheá bettantu,
Paussa gale sogleá xetantu.
Devá, saibá, paussa di.

Cuja traducção é:

Santo Antonio do bambual,
Mandai chuvas para todo o campo.
Senhor Deus, dai-nos chuva.

O concani é a lingua fallada por todos os habitantes da India portugueza, mas desde muito que não é lingua escripta, apesar de a terem cultivado com certo desvelo os frades dos primeiros tempos do dominio portuguez.

O seu alphabeto, que é o mesmo do sanscrito, em caracteres *nagaris*, tornou-se desconhecido nas escolas primarias da India, o concani foi perseguido, banido... que erro!

Os inglezes, mais praticos do que nós, seguiram systema inverso, introduziram e promoveram nas escolas o ensino das numerosas linguas e dialectos indigenas que se fallam no seu territorio.

Agora, graças ao exemplo dos inglezes, vae-se conhecendo a necessidade da cultura do concani nas escolas portuguezas, mas como a lingua esteja deturpada pelo abandono de muitos annos, torna-

se quasi impossivel restituir-lhe a sua pureza primitiva.

Quando as creanças passam, levando em charola a imagem de Santo Antonio, e cantando, os hindus acodem á porta das suas habitações para dar esmola ao santo, que fará o milagre de trazer as chuvas renitentes.

Seja qual fôr a religião dos povos da India, Santo Antonio é sempre adorado e esmolado, pois que se trata de um interesse geral — do beneficio que se deseja para as terras de todos.

Que Santo Antonio — «mande a chuva da casa de Deus para todo o campo» — eis o que se deseja e se pede.

Não só em Gôa, mas em todo o territorio do Oriente que pertenceu ás vastissimas missões do padroado portuguez, é de regosijo publico, de festas e folias, o dia 13 de junho.

Nos templos christãos cantam-se hymnos em concani, antigas canções religiosas, que ali deixaram como eterna memoria os frades que tiveram a seu cargo as egrejas da India e o ensino parochial.

E' um vestigio tradicional do primeiro perfume christão que a fé portugueza derramou sobre o Oriente.

Os casos mais assignalados da vida do santo, os seus mais notaveis milagres, taes como o de, estando a pregar n'uma egreja de Italia, ter apparecido em Lisboa para salvar da forca seu proprio pae, são rememorados n'esses hymnos, que a metrificação logrou entalhar com agrado na memoria dos povos.

S. Antonio amonchó
Uzuvadd Hespanhãchó
Onôd Portugalachó.

Não vale a pena traduzir, pois que ha n'este momento em Lisboa um exame de orientalistas, segundo o pregão das gazetas...

O Santo Antonio da famosa capella de Gôa, hoje em ruinas, tinha a patente de capitão do regimento de artilharia, e vencia o respectivo soldo.

O barão de Sabroso, governador geral que foi da India, achou esta despeza superflua.

Como Santo Antonio não fazia serviço, bastaria conservar-lhe as honras de capitão, supprimindo o soldo.

E, de uma pennada, deixou Santo Antonio de espada á cinta, mas sem mealha na algibeira.

Em geral, na India, foi este acto mal recebido, suspeitou-se que traria castigo, receiou-se pelo futuro.

Ora, no dia de Santo Antonio, sahiu o governador a passeio, de carruagem, como costumava.

Ao pé do palacio tombou-se a carruagem, e da quéda que o governador então deu veio a resultar-lhe a morte.

Castigo! castigo!

Restituiu-se ao milagroso capitão o soldo que se lhe havia tirado, e Santo Antonio, já outra vez mais desafogado de meios, continuou a florescer, vencedor, como capitão de artilharia, alfenim por nascimento.

Com o feriado do dia 13 de junho tambem ia acontecendo na India outro caso interessante.

O governador visconde de Villa Nova de Ourem quiz abolil-o.

Mas, tendo cahido o cavallo que montava, e sabendo do que havia acontecido ao seu antecessor barão de Sabroso, desistiu da ideia, continuando Santo Antonio a ter, não só o soldo de capitão, mas tambem um feriado privativo.

Passaram tempos, chegou á India outro governador, o contra-almirante Caetano de Albuquerque, e aboliu o feriado.

D'esta vez Santo Antonio quiz mostrar-se generoso, tanto mais que sabia que breve lhe restituiriam o que lhe haviam levado.

Restituir o perdido, eis uma prerogativa d'este santo milagroso. Aviso aos que perderam alguma coisa...

Em verdade, pelo que respeita ao feriado, o visconde de Paços d'Arcos, hoje conde do mesmo titulo, restabeleceu-o quando ali esteve depois governador geral.

Capitão de artilharia em Goa, Santo Antonio é patrono da egreja de Siolim no concelho de Bardez; tem confrarias da sua invocação em Benantim, Chandor, Deussua, Majorda, Margão, Mormugão e Rachol, no concelho de Salcete; em Guirim, no concelho de Bardez; além de numerosas capellas publicas e particulares n'estes e n'outros concelhos.

E' tambem *gauncar* honorario de varias communidades agricolas da India, e o seu nome está inscripto em logar de honra no catalogo dos *gauncares* d'essas associações. Vence o respectivo dividendo annual. Nas communidades onde a renda li-

quida é distribuida *per capita*, recebe o seu *jono* (quota parte). *Jono* deriva da palavra concani, *zanna* (pessoa). Nas communidades onde a repartição do dividendo se faz por acções *(langas, melgas, arequeiras)* cabe-lhe a importancia correspondente ás acções que desde tempos remotos estão averbabas em seu nome.

Como em Postugal, celebra-se na India a trezena de Santo Antonio, e no seu dia, tão popularmente festivo, os recemcasados solemnisam o primeiro anno do casamento dando jantares e folias, onde a alegria, cheia de encanto tradicional e de esperança no futuro, sacode das azas sorrisos, canções e brindes.

Quando estas festas de familia são acompanhadas pela chuva que cae nos campos, quando a *mirga* faz o seu dever e as nuvens passam borrifando a terra, então a alegria é completa e os recemcasados podem esperar tranquillos a visita do primeiro *baby*, porque haverá fartura no lar, rupias na arca, e a creança será bem-vinda.

Dá certo orgulho vêr como chegaram ao Oriente, levadas pelos portuguezes, através de *mares nunca d'antes navegados*, as tradições mais queridas que a nossa devoção e o nosso patriotismo téem afagado e mantido.

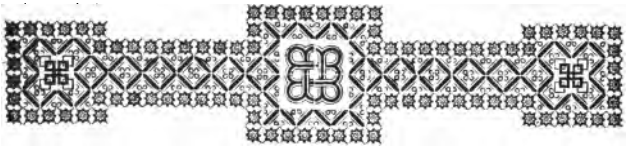
E' como um desdobramento da nossa antiga alma, ao mesmo passo heroica e simples, que permitte vêr reproduzidos os nossos costumes e crenças no culto dos santos e dos heroes sob o profundo céu longinquo da India.

Toda a simplicidade da fé primitiva se reflecte

na superstição ingenua de interessar Santo Antonio como *gauncar* nos rendimentos das communidades agricolas.

Ahi está, n'esse mesmo facto, como que a infancia religiosa de um povo, que julgava os santos tão ambiciosos como os heroes, tão interesseiros como os potentados da terra.

Mas não se sente a gente tão só, na vastidão do mappa-mundi, quando sabe que ás suas canções e folias respondem através dos mares, n'uma distancia enorme, as folias e as canções de outros povos, cujo coração emocionou ha seculos pelo contacto das suas crenças, dos seus costumes e das suas tradições.



XVII

VINHO DO PORTO

Tenho aqui deante dos olhos um interessante opusculo publicado em francez pela empreza do *Commercio do Porto* e destinado á exposição de Bruxellas. Intitula-se *Le vin de Porto* e, alem de numerosas illustrações, contém rapidas mas exactas informações sobre o paiz vinhateiro do Douro, o trabalho das vindimas, o transporte das pipas para Villa Nova de Gaya, o commercio do vinho do Porto, sua exportação desde 1800, casas exportadoras, opiniões e juizos criticos.

Este album, em que as illustrações dão uma viva impressão do real, representa um grande serviço de divulgação e propaganda, tanto mais que se lhe seguirão traducções em inglez e allemão conducentes a levar aos principaes mercados da Europa a fama do nosso vinho do Porto, tão combatida por

adversarios interessados em esmagar-nos pela concorrencia.

Como quasi sempre acontece quando se está defronte de uma publicação illustrada, entretive-me a vêr primeiro as estampas do que o texto. E resurgiu aos meus olhos, n'uma verdade flagrante, essa região ardente do Douro, onde a vinha, apesar de enfermiça pela invasão de successivos parasitas, resiste ainda como a vegetação de um oázis açoitada pelo simoun do dezerto.

Vi correr, em mais de uma pagina, o famoso rio de aguas torvas e margens alcantiladas, que dá nome á provincia, navegado pelos barcos rabellos, de larga vella enfunada, e espadella longa e esguia estirando-se ao lume d'agua como a cauda de um cetáceo.

Vi, contornando-se no segundo plano das margens, os vinhedos dispostos em amphitheatro, escalonados em calços ou geios, separados por valleiras, que os aguentam solidamente.

Vi as casas de quinta, brancas e solitarias, alvejando a meio da encosta, fazendo lembrar a camisa de um carrejão, que tivesse ás costas um outeiro plantado de vinhas.

Vi desenrolar-se o trabalho da cultura e a festa das vindimas, que principiam a 15 de setembro, e são a epoca mais alegre de uma provincia, triste e severa, onde a vida é dura e sobria, e a lide contínua e pesada.

Vi o aspecto geral de Villa Nova de Gaya, a grande adega de Portugal, cujos toneis, barbaramente arrombados durante o cêrco do Porto, des-

pejaram sobre o rio tamanha quantidade de liquido, que as aguas correram rubras como sangue durante algumas horas.

Vi, finalmente, resurgir toda essa longa campanha da vinificação, trabalho anonymo e rude, que aproveita á humanidade, mas de que a gente não costuma lembrar-se quando saborea um excellente copo de vinho do Porto, que brilha como ouro liquifeito através do crystal.

O Douro, a provincia alpestre que produz a vinha, e onde ella é cultivada como uma tradição religiosa, adorada como um Deus que patrocina a riqueza e a abundancia, é tão modesto na sua tarefa, tão simples no seu animo, que nem sequer reivindica para si o nome por que o vinho ali creado é conhecido em todo o mundo.

Logo que as pipas que o contéem são carregadas no barco, que as ha de trazer aos vastos armazens de Gaya, o vinho deixa de ser do Douro, e passa a ser *do Porto*, sem que os cultivadores protestem contra a uzurpação de um titulo, que certamente lhes daria honra.

Fez-se o caminho de ferro, e suppunha-se que inutilisaria o tráfego do rio. Não aconteceu assim. Vinha de geração em geração o habito de conduzir o vinho em barcos pelo Douro abaixo, correndo perigos na passagem dos *pontos*, quédas de agua que téem dado causa a naufragios celebres, e a tradição manteve-se, a navegação fluvial não morreu, o caminho de ferro não conseguiu aniquilar o rio.

Viajam em caminho de ferro — e que pittoresca linha que é! — os passageiros. Mas o Vinho, pas-

sageiro primacial, argentario que traz na algibeira centenas de contos de réis, desce do Alto Douro ao Porto dentro de um barco, como outr'ora, tripulado por marinheiros tostados do sol, magros e rijos, vestindo apenas uma camisa e uns calções brancos.

Quando o barco se péga na areia, porque as differenças de profundidade são enormes no rio Douro, os marinheiros tão depressa encostam a vára ao peito, a ponto de sentir-se ranger as costellas n'um esforço athletico, como saltam dentro d'agua pára metter hombros ao barco ou puxal-o á sirga, cortando a corrente e marinhando pelas penedias que eriçam ambas as margens.

Anoitece. Os marinheiros sabem muito bem onde ha fontes d'agua fresca, manando da rocha viva ou da areia loira. E' ahi que amarram o barco até que volte o sol. Vão á fonte encher a sua cantara, accendem a fogueira para assar o bacalhau ou a sardinha salgada, e com esse sóbrio alimento e duas goladas d'agua se dão por fartos e satisfeitos. Depois adormecem facilmente, rodeados por altas penedias silenciosas, onde só de longe a longe a voz da coruja quebra funebremente o silencio da solidão.

Nascido o sol, recomeça a faina da navegação dura e aspera, o trabalho á vára ou á sirga, e o perigo na passagem dos *pontos*, que os marinheiros procuram vencer invocando a protecção de Deus ou de Nossa Senhora, carapuças fóra da cabeça, mãos erguidas, rostos morenos virados para o ceu.

O vento, que poupa o trabalho, é saudado com

alegria, porque chega a parecer um auxiliar que a Providencia envia ao encontro dos marinheiros.

— Lá vem elle! grita o arraes, alegremente, de cima do palanque da espadella.

— Deus o mande! respondem os marinheiros porejando camarinhas de suor.

E' do vento que se trata.

Olha a gente para um e outro lado, e não vê agitar-se uma folha nem enrugar-se a superficie do rio.

Entretanto os marinheiros armam promptamente a vella, içam a verga para desfraldal-a, um homem senta-se á pôpa para aguentar a escóta, e de repente o panno enfuna cheio de vento, bojando ás vezes quasi até sobre a prôa, e os marinheiros sentados nas pipas ou na borda do barco limpam o suor descançando, porque o vento, que Deus manda, trabalha por elles.

Quando abicam a Villa Nova de Gaya, contentam se apenas em dar dois momentos de attenção ao Porto, que fica defronte. Se entram na cidade, é para comprar algum genero alimenticio ou um lenço ou uma vara de chita (porque o metro não existe para elles) que levam á mulher ou ás filhas, de presente.

Comem e dormem dentro do seu barco, e á hora da maré estão promptos a partir, para recomeçar essa lide ingente e obscura, a que só a morte porá fim.

O agricultor do Douro emigra quando a familia cresce e os annos são máus. O barqueiro não emigra, porque a vida do rio é uma religião, a das

aguas, que já os etruscos professavam. Dedica-lhe, consagra-lhe a sua vida toda. O Douro é para elle mais do que uma profissão, é um «numen», como o Tibre para os romanos, que ao seu rio chamavam «Pater Tiberinus».

Pode dizer-se que o barqueiro vive entre a agua do Douro, que o ajuda a viver, e o vinho do Porto, que aliás não bebe. Entre estes dois liquidos decorre a sua vida trabalhosa, mas resignada.

Duas publicações, ambas recentemente feitas, refiro me ao album publicado pelo *Commercio do Porto* e aos estudos de ampelographia portugueza, publicados pelo sr. José Taveira, falam da nossa riqueza vinicola.

O livro do sr. Taveira, estampado em edição official, é um trabalho sobremodo curioso, o vasto inventario dos nossos vinhedos, em que tudo inspira interesse, até a variegada nomenclatura das castas de uvas.

Que linda tarefa seria a de investigar os motivos por que se deu tal nome a determinada casta, sendo que alguns d'esses motivos se explicam facilmente pela forma, pela côr, pela qualidade das uvas.

Foi á morphologia, por exemplo, que o *Dedo de dama* foi buscar a sua denominação.

Mas que investigação a fazer a respeito da filiação historica de *Dona Branca*, *Dona Maiorra*, *Donzellinho Branco*, *Donzellinho Gallego*, *Fernão Pires*, *Gonçalo Pires*, etc.!

Voltando, porém, ao album publicado pelo *Commercio do Porto*, direi que, depois de examinadas

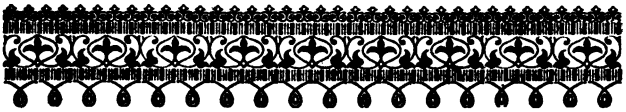
as illustrações, percorri rapidamente o texto, e que me demorei com interesse a ler a estatistica da exportação do vinho do Porto durante quasi um seculo.

Em 1800 sahiram do paiz 55:896 pipas; em 1892, 114:659 e em 1896, 104:097.

O mercado inglez é o principal consumidor do nosso vinho do Porto, assim como as principaes casas exportadoras são tambem inglezas.

Leu a gente a descripção das pomposas festas realizadas em Inglaterra por occasião do jubileu da rainha Victoria. Perante tamanha magnificencia, qualquer outra nação poderosa chegaria a sentir-se vexada, quanto mais nós, nação pequena e pobre.

Mas ao menos, pela nossa parte, uma consolação nos deve resignar: a lembrança de que, nos banquetes dos principes, dos lords, dos almirantes, o vinho do Porto faria de certo melhor figura do que o couraçado *Vasco da Gama* na revista naval de Spithead.



XVIII

OS ESTUDANTES DE COIMBRA

De vez em quando — sempre tem sido assim — os estudantes de Coimbra fazem lembrar que ainda lá estão...

Não é porque sejam de gêsso, mas porque, volta e meia, vê-os a gente em Lisboa, no Martinho, na Avenida, em S. Carlos, graças á facilidade da viagem, que permitte alongar as ferias... antes e depois.

Mas, a bem dizer, Coimbra não faz sentido fóra de Coimbra. O estudante da Universidade, quando passeia em Lisboa, não traz comsigo a capa e a batina, nem a *cabra* tremenda — tão tolo seria elle! — nem os sinceiraes do Mondego, nem os verdeaes e bedeis, nem o Penedo da Saudade, nem as tradições da sociedade do *Raio*. E' um rapaz como outro qualquer, em Lisboa; mas em Coimbra tem de ter côr local, de ser poeta e revolucionario, de escutar

contemplativo os rouxinoes do Choupal e de soprar de annos a annos ás cinzas quentes do *Raio*, que levantam logo uma fumarada de mil demonios.

Eu, que não sou ainda do tempo dos affonsins, lembro-me de duas grandes bernardas academicas, em que figurou o nome de Vieira de Castro. Uma foi a campanha contra o reitor visconde de S. Jeronymo; parece-me que ainda agora estou lendo, no ardor dos 13 annos, a *Carta* de Vieira de Castro: *Academicos de 1862, meus contemporaneos de hontem e de todo sempre amigos.* Outra foi a insurreição de 1864, contra as auctoridades militares de Coimbra, que determinou o éxodo de toda a academia para o Porto. Tambem me parece que ainda estou ouvindo, no theatro Baquet, trovejar emphatica a voz de Vieira de Castro: *Sr. presidente, nós vimos dos sinceiraes do Mondego ás ribas do patrio Doiro*, etc.

Não tem, portanto, a gente motivo para extranhar que de vez em quando se levante em Coimbra uma tempestade, como ellas lá costumam rugir, com todo o scenario que lhes é proprio, — nuvens negras, trovões, vendavaes, coriscos... de eloquencia revolucionaria.

E' Coimbra, como sempre foi, como sempre tem sido e ha de ser.

E eu não creio que saia d'ali um grande abalo social pela razão muito simples de que a mocidade passa, e os cursos vão se renovando emquanto outros entrelhes [illegible]

Acho que os republicanos [illegible] ão

os que se criam á Porta Ferrea. Os perigosissimos são os monarchicos desilludidos, que sem proclamarem a republica se vão queixando a frio da monarchia, um dia e outro. Quando uma pessoa grita a plenos pulmões — Viva a republica — deve ficar extenuada para muito tempo. E' o que em geral succede aos rapazes, depois de se terem formado em Coimbra.

Antigamente — uma antiguidade que aliás não é das mais remotas ainda — tinha-se a noção de que o republicanismo dos rapazes era um sarampo politico, proprio da idade. Rodrigo da Fonseca Magalhães dizia que Deus o livrasse de homens que não tivessem sido republicanos em rapazes. Casal Ribeiro, respondendo na camara a uma insinuação, confirmou que fôra republicano em Coimbra, porque a sua mocidade não podia ser differente da dos outros. E esse famoso bispo de Vizeu, o da *Janeirinha*, que foi a mais completa personificação do ultimo portuguez antigo, teve artes de receber uma deputação de academicos, que vinha peticionar não sei o quê, sem lhes dizer que sim e sem lhes dizer que não.

Os estudantes mandaram pedir uma audiencia ao ministro do reino, que era então o bispo de Vizeu. Prompto: concedida. Chega a hora marcada: comparecem os academicos. Entram no gabinete do ministro.

— Olá, rapazes! exclama o bispo. Podem sentar-se. Alegra-me vel-os, porque me lembro ainda do meu tempo.

— Nós vimos á presença de v. ex.ª...

—Já nós lá vamos! Temos tempo. Então o que estuda o sr.?

—Ando no quinto anno de direito.

—Bravo! Caminhou depressa. Está ainda uma creança! O seu professor mais exigente não é o doutor Fulano?

—E', é.

—Exigente até á ferocidade! Mas, em compensação, os outros são uns pobres diabos.

E o bispo, demorando o olhar n'um dos rapazes da deputação, apostrophou sorrindo:

—Aquelle maganão tambem é quintanista?

—Não, sr. Ando no segundo anno.

—Está atrazadote! Por que foi isso?

—Estive doente.

—Diacho! O tempo não vae para estar doente; as vidas são curtas. Ora diga-me uma coisa: como se dão por lá com o doutor Beltrano?

—Menos mal.

—E' um grande ratão, esse doutor. Vou contar-lhes uma partida d'elle, que nunca me pode esquecer.

Uma voz interrompendo:

—Nos vinhamos á presença de v. ex.ª...

O bispo atalhando:

—Primeiro vae a anecdota; isso, depois.

E contou a anecdota, com todos os pormenores, espraiando-a o mais que pôde.

—Olá! aquelle tem corôa! E' cá dos meus. Então como se dá com essa theologia?

—Menos mal.

—O que é preciso, meus amigos, é estudar sem-

pre, ainda que seja pouco de cada vez. Pois muito gostei de vel-os, porque tambem fui rapaz, e sei bem o que isso é. A's vezes ainda me dá vontade de o ser.

Sentiu-se ranger a porta do gabinete.

Outro estudante apressa-se a dizer:

—Nós tinhamos vindo á presença de v. ex.ª...

Entrou o conselheiro Luiz Antonio Nogueira, director geral, com um maço de papeis debaixo do braço.

O bispo:

—Olá, Nogueira: entre. Vamos a despachar. Os senhores, felizmente, não sabem que estopada é esta. Adeus, rapazes, ficamos entendidos. Até á vista; até sempre.

Os estudantes levantam-se. Um d'elles, no meio da casa, ainda tenta dizer:

—O nosso fim, ex.mo sr...

E o bispo:

—O' Nogueira, traz ahi aquelles papeis da Arruda? Adeus, rapazes; ficamos entendidos. Até á vista; até sempre. Contem comigo. Adeus.

O bispo de Vizeu rezava ainda pela cartilha antiga: aquillo era um sarampo; havia de passar. A melhor medicina seria não fazer medicina nenhuma.

Lembro-me agora de outro caso acontecido com um lente da Universidade, que eu conheci muito bem em Lisboa.

Era o dr. Mamede, de mathematica, calvo, cara de saude, alegre, com uns olhos arrevesados que denunciavam sagacidade.

Lembro-me de o vêr presidir á camara dos depu-

tados, tendo como primeiro secretario o Moita e Vasconcellos, que era um dos espiritos mais finos que eu tenho conhecido. A opposição parlamentar, por melhores manobras que emprehendesse, não entrava com aquella mesa... finoria.

Pois estava de uma vez o dr. Mamede em Coimbra regendo cadeira.

Tinham de passar ali, em viagem para o Porto, el-rei D. Luiz e a rainha D. Maria Pia.

A academia empoleirou-se logo nas suas tamancas republicanas, reuniu no Theatro Academico, e resolveu receber as magestades com respeito e frieza.

Qualquer proposta de suborno teria sido repellida com indignação pela academia; nem os processos do tempo eram esses.

Parece que os lentes encarregaram o dr. Mamede de vêr se podia conseguir com artificios fazer revogar a resolução dos estudantes.

Uma tarde, na estrada da Beira, o dr. Mamede encontrou-se com o academico Manuel Vargas, que é hoje um engenheiro distinctissimo.[1]

—Olá, Vargas, disse-lhe o lente, não ha remedio senão refrescar a gente o espirito tomando a fresca da tarde. O que ha de novo?

—Não sei nada.

—E eu sei o que sabe toda a gente: que passam ahi dentro de poucos dias as magestades.

—E' verdade.

---

[1] Actualmente ministro das obras publicas.

— Mas o diacho não é isso.

— Ha alguma coisa importante?

— Pois não sabe?! Um grupo de estudantes resolveu ser menos amavel com a rainha. Diz-se mesmo que se planea uma desconsideração. Ora, politica á parte, a rainha é uma senhora, e os rapazes sempre costumaram ser gentis com as damas. Era a tradição seguida até hoje. Ainda se comprehendia qualquer azedume contra o rei. Mas contra a rainha!... uma senhora!

— Isso não pode ser. A academia deshonrava-se!

— Pois, infelizmente, é. E não se lembram esses mal-avisados rapazes de que teem mães e irmãs, que são senhoras tambem, e que se alguem as desconsiderasse, seriam elles os primeiros a vingal-as! Uma senhora! Que nodoa para a academia!

— Mas isso ha de evitar-se.

— Eu sei lá! Os rapazes, quando se apégam a uma ideia, seja boa ou má, não a largam facilmente.

— Hão de largar.

— Eu estimava, porque esse desacato pertence ao numero dos que se não perdoam. Pode desculpar-se a paixão politica; mas a quebra de respeito para com uma senhora ultrapassa os limites da tolerancia.

— Eu vou tratar d'isso; vou já tratar d'isso.

— Adeus, meu Vargas, aproveite a tarde, que está deliciosa.

O estudante Vargas foi logo d'ali tocar a capitulo. O caso era grave: a academia de Coimbra ia deshonrar-se com um desprimor feito á rainha. Qu

não, que não podia ser; que seria indelevel mancha, concordaram todos, incluindo os mais exaltados republicanos.

Dentro d'algumas horas abriu-se uma subscripção: foram casacos e livros para o *prégo* Encommendaram-se foguetes; contrataram-se musicas. Quando o comboio real chegou á estação de Coimbra, dizia-me ha dias Manuel Vargas, tocaram cinco philarmonicas, cinco! nem menos de cinco! A academia victoriou enthusiasticamente a rainha. Foi um delirio.

Os discolos não appareceram, pela razão de que ninguem tinha pensado em desconsiderar a rainha.

O dr. Mamede, rezando pela cartilha antiga, sem discutir e sem pedir, conseguira contrariar a resolução da academia, que deliberara ser respeitosa, mas glacial.

Desenganem-se d'isto os que governam: a cartilha antiga é ainda a melhor. Agua na fervura. E quanto a republicanos, insisto na minha, acho que o sr. Eduardo de Abreu, o sr. Manuel de Arriaga, e outros republicanos que vieram de Coimbra, teem sido menos prejudiciaes á monarchia do que os monarchicos que, desilludidos, sem falar em republica, vão dia a dia contando as suas desillusões, os aggravos proprios e alheios, os desgostos de que muitos se queixam, talvez com razão.

Esses é que são os perigosos, porque falam verdade as mais das vezes...

XIX

NOITES DE VERÃO

Lisboa, no estio, faz lembrar um retrato, que se não parece nada com o original.

E' ella — e não é ella. As feições são decerto as mesmas, mas a expressão da physionomia está alterada por um não sei que de melancolia e cansaço, de doença talvez, que inspira dó.

O Terreiro do Paço affigura-se um vasto deserto, no qual apenas se descobre a mancha sombria de um pequeno oazis... de bronze. El-rei D. José, fundido de um jacto com o respectivo cavallo, entende-se com elle amigavelmente no sentido de dar alguma sombra aos ouzados peoneiros, que fazem a travessia d'aquelle deserto. Ninguem poderá dizer, collocando-se ao abrigo do monumento, se recebe protecção do rei ou do cavallo.

A rua dos Capellistas, solitaria e ardente, dá a

impressão do *melaj*, bairro dos judeus em Marrocos, á hora em que todas as familias hebraicas estivessem dormindo a sésta.

Nem viv'alma. Apenas um corpo vivo, com uma arma ao hombro, fazendo sentinella á papelaria do Banco de Portugal.

Nas outras ruas da Baixa, as lojas de commercio, muito abandonadas, deixam ver caixeiros somnolentos, em cuja testa as moscas estonteadas vão marrar teimosamente. E como os caixeiros accordem a momentos, e agitem a mão para sacudir o inimigo, não se chega a perceber bem se o gesto que fazem é de protesto contra as moscas ou contra a semsaboria da ociosidade.

No Rocio, D. Pedro IV faz lembrar uma augusta castanha assada pelo sol, sobre uma alta columna de marmore.

Sente-se rechinar o imperador como se estivesse ao lume, e cuida a gente ouvir uma voz bradar lá de cima: «Quente e boa, Carta Constitucional, quem quer?»

Ninguem, que já não vae o tempo para castanhas constitucionaes.

A Avenida, com os seus predios fechados d'alto a baixo, e um brazeiro d'insolação na rua central, dorme a somno solto, vigiada apenas pela mulher de uma guarita de refrescos, em frente ao largo da Annunciada. Abrindo ora um olho, ora outro, essa fatigada sentinella, cabeceando, parece resmungar por dever de officio:

Dorme que eu vélo, seductora imagem.

Em S. Pedro d'Alcantara, ao anoitecer, o aspecto da cidade é de confranger o coração.

Uma poeira cinzenta vai cahindo sobre a casaria do bairro oriental, apagando os contornos do Castello, da Graça e do Monte. Vê-se que é uma cidade que se prepara para recolher-se com as gallinhas, burguezmente, de barrete de algodão na cabeça.

Trinta ou quarenta cidadãos aborrecidos fazem a digestão nos bancos, em plena liberdade, abrindo o collete, e arrotando rijo.

Dez ou doze creanças, de vestido de chita, algumas de chinellos, despejos da prolificação das familias pobres do Bairro Alto, encadeam as mãos, cantando de roda, n'um rythmo plangente, como se fosse uma necrologia posta em musica de cego andante:

Olha a triste, olha a triste viuvinha:
Ella diz, ella diz que quer casar.
Ella não, ella não tem que vestir;
Nem o noivo, nem o noivo que calçar.

Esta simples cantiga põe a descoberto toda a vida miseravel da capital. A «sociedade d'amanhã», como diz o letreiro do carro das creanças no cortejo do 1.º de maio, é aquillo; aquellas são as mulheres do povo que no futuro hão de habitar as casas abafadiças e escuras do Bairro Alto. As suas canções já são tristes, como se viessem de almas envelhecidas pelo soffrimento, gastas pela desillusão.

A historia da «Triste viuvinha» é a historia de todas. Depois do primeiro casamento com um homem rapidamente devorado pelo vinho, pela sy-

philis e pela tuberculose, achar-se-hão livres para procurar um segundo marido. Mas esse novo idyllio, pallido e instantaneo clarão de uma felicidade aguada pela miseria, será um supplicio a dois, porque

> Ella não, ella não tem que vestir;
> Nem o noivo, nem o noivo que calçar.

Então o futuro sombrio virá continuar o sombrio passado: ella continuará a lavar casas; elle a trabalhar de sapateiro, e talvez aproveite a faca do officio para a assassinar por ciume, se ella tiver o bom juizo de não querer casar com elle.

Um corpo morto, embrulhado n'um lençol, irá para a valla commum, depois de autopsiado: o corpo d'ella.

Elle, preso por assassino, dirá na esquadra, no Governo Civil, na Boa Hora, com um fatalismo inconsciente, que os moiros parece terem deixado cá: «Então? São destinos.»

A noite vai descendo, o relogio de S. Roque dá sete e meia, toca a sineta no Jardim para expulsar os ociosos retardatarios, a fim de que possam entrar as «serpentes» do *Eden*,[1] vestidas de branco; e as creanças, na Alameda, mãos encadeadas, esgotada a «Triste viuvinha», mudam de cantiga sem mudar de tom, o mesmo tom plangente, que faz tristeza:

---

[1] Havia então, no jardim de S. Pedro de Alcantara, o «Eden Concerto», muito frequentado por *cocottes*.

Aquelle rapaz
De calça amarella
Já me perguntou
Se eu era donzella.

Se eu era donzella,
Donzella eu sou,
Aquelle rapaz
Já me perguntou.

Esta nova cantiga revela outro aspecto da vida popular: refere-se a uma phase anterior ao primeiro casamento.

Ficam a descoberto, não menos evidentemente, as miserias da vida real, a duvida de que a mulher do povo possa conservar-se honrada no mèio social em que vive, entre a pobreza e a tentação, entre a virgindade, que não lhe dá vintem, e o chapelinho *canotier*, que lhe pode ganhar a vida... depois.

Já me perguntou
Se eu era donzella.

Mas a resposta foi prompta, porque uma pessoa, que quer desembaraçar-se do lar paterno, onde a pobreza assentou arraiaes, é como um preso que só pensa em fugir da cadeia — todos os meios lhe servem, comtanto que consiga o seu fim:

Se eu era donzella,
Donzella eu sou.

E é da bôcca de creanças, que devia abrir-se como rosa perfumada de innocencia, que a gente

ouve a historia d'esta negociação matrimonial, em que o comprador, antes de pagar, deseja saber ao certo se a mercadoria está avariada ou não.

Aquelle rapaz
De calça amarella
Já me perguntou
Se eu era donzella.

Ali se encontra todas as tardes, em S. Pedro de Alcantara, este auspicioso programma de uma geração feminina, que ha de amanhã bater o pé aos governos para arrancar-lhes a emancipação da mulher com as regalias concomitantes.

A noite desceu entretanto, e sobre o monte do Castello surge escarlate o disco da lua, como um rosto acobreado de febre, pondo nos espiritos um presagio sinistro.

Insensivelmente nos assalta a lembrança de que a peste bubonica está no Porto e pode estar amanhã em Lisboa.

E então parece desabar, sobre a melancolia do verão n'uma cidade deserta, mais um pesadêlo e uma calamidade: o bacillo.

Toda a vertente oriental de Lisboa, mal illuminada, com grandes sombras intercalladas de candieiro a candieiro, faz pensar no que poderia ser esta bella cidade de marmore e granito se a luz electrica tornasse brilhantes as suas amenas noites de paiz temperado.

Uma banda de musica annuncia que vão principiar as diversões do *Eden Concerto*. Formigueiros de hespanholas, pisando leve, queimando os me-

lhores cartuchos do seu *salero*, vão descendo para o Jardim de S. Pedro de Alcantara, bufarinheiras do amor ambulante, apregoando o seu genero.

As creanças do Bairro Alto, arrebanhadas pelas mães, que as chamam da esquina das travessas, recolhem a casa mal humoradas, resmungando, tendo vontade de dizer: «Quem nos dera poder ir com as hespanholas lá para baixo!»

—Vamos, meninas, que são horas. O pae já veio da fabrica e quer ceiar, gritam as mães.

E as pequenas, parando ainda a vêr as «salerosas» que véem chegando, insistem certamente no seu pensamento occulto:

—Deixa estar que um dia...

Toda a cortina de ferro, sobranceira ao Jardim, enche-se logo de espectadores borlistas, que fazem muralha compacta.

Em baixo, pouca gente. Em cima, «casa á cunha.»

Attestado de pobreza de uma população miserável, que não tem um tostão para divertir-se nas noites de estio.

Pelintraria nacional, que precisa roubar ás vezes um pão para comer e que, por maioria de razão, precisa roubar a musica se a quer ouvir.

Em baixo, no Jardim, a platéa tem o ar de se aborrecer *à la belle etoile* n'uma visita de etiqueta. Não é uma *verbena*, nem um «baile campestre,» muito mais animados por certo. E' um porão aberto, carregado de hespanholas, que precisam suffocar o riso petulante para não violar a rigorosa disciplina lusitana.

Bate meia noite em S. Roque. A sineta do *Eden* dá o signal de sahida. As hespanholas debandam com os parceiros de occasião, filhos familias, pouco endinheirados. Espera-as uma ceia de sete tostões, muito estudada na lista, resolvida como um problema grave: nem mais vintem, nem menos vintem.

Não ha dinheiro; eis a questão.

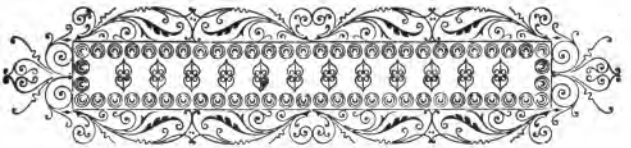
Nas casas infectas do Bairro Alto as cantoras da «Triste viuvinha» sonham com as hespanholas e com o futuro...

Os alfacinhas maiores de meio seculo, depois de terem fechado a janella, onde bocejaram refrescando-se, pensam, com o egoismo proprio da velhice, nos bubões que podem vir do Porto e trazer a Morte.

Os velhos que são paes dizem comsigo mesmos, lembrando-se de que o filho ainda não recolheu:

— Lá me está elle a arruinar com alguma hespanhola.

E, como um contagio maior que o da peste bubonica, toda a gente se sente arruinada, profundamente triste, irremediavelmente perdida.



XX

ANDAR ÁS VOZES

Assumpto novo, em materia de superstições, não é facil encontral-o.

Aquella de que vou fallar-lhes é conhecida e está generalisada tanto no continente como nos Açores A ella se referem D. Francisco Manuel, Theophilo Braga, Julio Cesar Machado e varios outros.

Mas o que pretendo contar é o modo como eu proprio recebi na infancia essa superstição popular, de que conservo ainda uma viva impressão pessoal.

A locução *Andar ás vozes* exprime o facto de qualquer pessoa vaguear pela rua á escuta do que os outros dizem, para tirar agoiro do que elles disserem. E, segundo o que ouvir, esperará boa ou má fortuna no negocio que traz no pensamento.

Castilho, no *Amor e melancolia*, alludiu a esta

tradição relacionando-a apenas com a noite festiva do Santo Precursor:

> Qual com bochecho na bôcca
> applicando attento ouvido,
> espera que á meia noite
> seja um nome proferido.

Não é outra coisa senão o costume de *andar ás vozes*, mas unicamente sob uma intenção amorosa, por isso que a noite de S. João reveste para os namorados um caracter fatidico.

Comtudo a superstição não se restringe áquella noite; é extensiva, na crença do povo, a qualquer dia do anno.

Com ou sem bochecho na bôcca é costume *andar ás vozes*, e tomar como se fosse para nós o que os outros vão conversando em voz audivel.

O bochecho, difficultando a respiração, torna-se incompativel com as grandes distancias.

Mas já não acontece o mesmo na vespera de S. João, em que os namorados, tendo ido beber a *agua da meia noite*, ficam por algum tempo junto das fontes á espera que venham pessoas conversando, para ouvirem o que ellas dizem.

No Porto, porém, accresce á tradição o costume de, quando alguem *anda ás vozes*, se dirigir, como em silenciosa romagem, á capellinha da Senhora das Verdades. Tal é o pittoresco especial da *versão* portuense.

Crê-se que a Virgem d'aquella invocação fará com que as pessoas que encontrámos pela rua, nos

revelem involuntaria e inconscientemente o porvir, dizendo *verdades* que o tempo confirmará.

Eu fui muitas vezes, quando era pequeno, á referida capellinha, para acompanhar uma pessoa da minha familia, que acreditava na tradição de que pelas *vozes* se ficava sabendo a verdade futura.

Sahiamos de casa depois das nove horas da noite e iamos atravessando a cidade, sem dizer palavra, em direcção á Sé.

A capella da Senhora das Verdades fica por traz do Paço Episcopal, junto ás escadas d'aquella mesma denominação, as quaes dão sahida para outras escadas que descem ao Codeçal e Barrêdo.

Houve, na antiga cêrca da cidade, uma pequena porta ou postigo encimado, como era costume, por um oratorio, dentro do qual estava a imagem de *Nossa Senhora das Verdades* ou do *Postigo*.

Demolida esta porta, o conego Nicolau de Parada fez á sua custa, ahi perto, uma capella para onde transferiu a imagem, que tinha sido apeada com a porta.

A imagem é de pedra, e de boa esculptura, se se attender a que será porventura tão antiga como a primeira e acanhada circumvallação do burgo portuense.

Tanto a capella como o predio contiguo pertenceram a uma senhora da familia Calheiros, de Ponte do Lima, por compra que fez aos herdeiros do conego Parada.

Na parede do côro lê-se ainda hoje uma inscripção que diz: «Foi mandada reedificar esta capella

por D. Angela Jacome do Lago e Moscoso, no anno de mil oitocentos e quarenta e trez.»

O actual proprietario do predio e da capella é o sr. general Calheiros, par do reino. [1]

Ambos os edificios foram muito damnificados pela metralha no tempo do cerco. Ha algumas balas cravadas na parede da casa, e estragos causados pela artilharia nas varandas de ferro. E' uma memoria historica, que tem sido respeitada. Ainda bem.

Toda a propriedade ficava exposta á pontaria das baterias miguelistas de Villa Nova de Gaya, por estar situada no monte da Sé.

O actual jardim da casa entésta com a ponte *D. Luiz I*, em frente da Serra do Pilar.

A Senhora das Verdades conserva-se, no altar-mór, dentro de uma maquineta, tendo de cada lado outras imagens, como a fazerem-lhe cortejo.

No tempo da reedificadora havia missa todos os dias, e festa annual, não só em honra do orago, como de Nossa Senhora da Conceição, á qual é dedicado um altar que fica do lado esquerdo.

Ha muitos annos, porém, que não se diz ali missa, nem se celebra a festa solemne.

A porta principal (porque a capella tem mais duas portas) é de madeira, com dois ralos, por onde os devotos podem ver a imagem da Senhora das Verdades.

Muitas vezes a vi, de noite, á luz da lampada que

---

[1] Já hoje fallecido.

pendia deante do altar-mór. Eu e a pessoa que eu acompanhava ali, ajoelhavamos no degrau da porta quando chegavamos ao termo da nossa silenciosa romagem. Sabe Deus com que amargura essa querida pessoa, que a morte levou ha sete annos, pediria a Nossa Senhora das Verdades que não viessem a realizar-se as funestas prophecias, que teria ouvido. Com que amargura e com que fé!

Eu era então uma creança e não dava, por isso, valor aos negocios de familia, aos assumptos domesticos, por mais momentosos que fossem. Chegava a aborrecer-me aquella maçada de atravessar em silencio a cidade, do bairro occidental para o bairro oriental, desde a rua *16 de maio* até á Sé. Se eu estava na edade em que se falla sempre! Custava-me fazer tão longa jornada silenciosamente, como se levasse na bôcca uma forte mordaça.

Apenas me distraía com os olhos e pelos olhos, sem me importar com as *vozes*. Gostava de passar pelas lojas de commercio, porque offereciam alguma variedade devida ás pessoas, de differente categoria social, que as frequentavam.

Nas lojas dos Clerigos, por cuja calçada desciamos, havia sempre mais ou menos senhoras, que faziam as suas compras, porque n'aquelle tempo as damas portuenses sahiam pouco durante o dia.

Nas lojas da rua do Loureiro, por onde, em caminho da Sé, subiamos á rua Chã, era certo haver algum padre de capote, que conversava, bocejando, com o dono do estabelecimento.

E' de notar que n'estas lojas ainda hoje se fabricam e vendem vestimentas sacerdotaes, especial-

mente casulas e estolas: fica assim explicada a presença de algum padre n'aquellas lojas.

Logo que entravamos na rua Chã, todo o ruido da cidade cessava. O antigo burgo episcopal era morto, solitario. Ali começava eu a entristecer, e a compenetrar-me algum tanto do sentimento religioso, que tinha inspirado a nossa romagem.

Quando já perto de mim negrejavam as paredes da Sé, na solidão e no silencio, a minha tristeza, mixto de enfado e terror, augmentava, a ponto de me fazer tremer ás vezes.

Era convulso, agitado, que eu ajoelhava, ao chegar á capella da Senhora das Verdades, no degrau da porta, com as mãos postas e o boné debaixo do braço.

Não sei se rezava nem o que rezava, emquanto essa querida pessoa orava fervorosamente com os labios collados a um dos ralos, como se estivesse fallando com Nossa Senhora para dentro da ermida.

Todo o meu desejo era ver-me d'ali para fóra o mais depressa possivel, poder quebrar o silencio, desforrar-me, com uzura, de tão longa e forçada mudez.

Mas a pessoa que eu acompanhava, ao voltarmos para casa, vinha quasi sempre preoccupada, a revolver na mente as *vozes*, agradaveis ou desagradaveis, que tinha ouvido.

Pobre e crédula creatura, ante-gostava a felicidade que lhe tinha sido annunciada, ou vergava ao peso de alguma prophecia sinistra, de algum aviso aziago, acreditando, por egual, uma ou outra cousa.

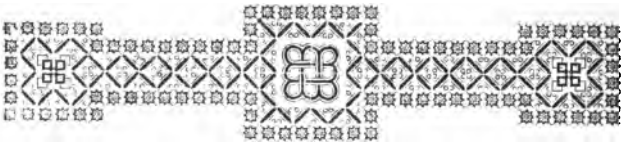
Aqui está, pois, como, segundo a *versão* do Porto, a capella de Nossa Senhora das Verdades é o termo tradicional do *andar ás vozes*, o limite obrigado d'essa silenciosa romagem que os supersticiosos fazem cheios de fé, com ou sem bochecho na bôcca.

Como é do estilo não fallar quando se *anda ás vozes*, algumas pessoas, por evitar o descuido de não guardar silencio (o que estragaria a romagem) sujeitam-se ao incommodo do bochecho. Mas por isso mesmo que é incommodo, a maior parte da gente dispensa-o, cerrando os dentes uns contra os outros e pondo toda a sua attenção em não dizer palavra.

Só os namorados, na noite de S. João, se resignam a esse sacrificio, mas durante pouco tempo.

Vinha aqui a proposito um latinorio: *Omnia vincit amor*. O amor, para vencer, soffre tudo: até o ter agua na bôcca quando ha fogo no coração.

E no amor, como em tudo o mais, melhor é ter agua na bôcca do que ficar a fazer cruzes na bôcca.



XXI

O BRAZIL

Antigamente toda a gente que era pobre pensava no Brazil, o paiz d'onde vinha a riqueza dentro de uma carta, de uma algibeira ou de um testamento.

As nossas aldeas, especialmente as do Minho, golphavam ondas de emigrantes para bordo dos navios de vela ou dos paquetes.

A tentação do ouro arrastava os visinhos uns após outros para esse paiz extraordinario, onde a fama contava que nos lôdos do rio Jequitinhonha os diamantes appareciam em tanta abundancia como estrellas no céu.

Citava-se o caso de um enorme diamante, que pesava 244 quilates, e a que foi dado o nome de *Estrella do Sul*, por ser digno rival d'aquelle que recebeu o nome de Koh-i-Noor (montanha de luz) e servira outr'ora de ornato ao throno de Lahore.

Os velhos contavam, atiçando a ambição dos novos, que no tempo do principe regente D. João circulava tão copiosamente o ouro em pó, colhido em Minas Geraes, Matto Grosso e Goyaz, que foram publicados successivos alvarás ordenando a sua substituição por moedas de ouro, prata e cobre, para evitar o extravio e as fraudes, então muito frequentes.

Paiz dos diamantes e do ouro, como a tradição memorava, o Brazil exercia uma attracção magnetica sobre os espiritos ambiciosos, que, cégos pela cubiça, rompiam voluntariamente todos os laços que os prendiam á patria e á familia, para emigrar em cata de riqueza.

O regresso dos camponezes que voltavam opulentos e commendadores, e faziam construir no sitio da sua antiga choupana um palacio com vistosa platibanda, em cujos angulos cães de louça pareciam guardar raivosos um horto de pomos de ouro, não era certamente a menor das tentações que seduziam o coração ambicioso dos visinhos e conterraneos.

Viajando no Minho, quando a gente avistava um palacete d'esse genero, pintado a ocre ou verdegaio, escusava perguntar a quem pertencia. Havia uma resposta de *cliché:*

— E' do *brazileiro.*

Na egreja reconstruida de fresco, ás vezes na escola edificada recentemente, descobria-se ainda a mão dadivosa do *brazileiro,* que fizera voto de reedificar, se voltasse rico, a matriz onde fôra baptisado, e que sendo já commendador, por cá ou por

lá, desejava, praticando actos de repetida philantropia, ser barão de si mesmo ou da sua terra

Fontes Pereira de Mello disse uma vez no parlamento que não cessaria a abundante emigração para o Brazil emquanto de lá voltassem ricos os que de cá tinham partido pobres, porque eram o *allegro* do ouro cantado aos ouvidos do proximo.

A palavra *brazileiro* tornou-se synonyma de capitalista, pessoa abastada, que trazia chapeu do Chili, grande annel no fura-bolos, corrente com enormes berloques, e bengala de unicornio com castão de ouro.

Eduardo Garrido, definindo os homens pelas bengalas, escreveu:

> Bengala de unicornio, castão de ouro,
> Ricaço, pé-de-boi, homem feliz,
> Que vem gosar tranquillo as largas sommas,
> Que soube amontoar n'esses Brazis.

Esses Brazis, dizia-se, para dar a impressão de um vasto e opulento paiz, que abrangia metade da America do Sul e era dezeseis vezes maior que toda a superficie da França.

Que enorme campo aberto á ambição do mundo inteiro! Que farta mina de ouro para dessedentar a cubiça da humanidade toda!

Por isso se succediam, de semana a semana, as levas de emigrantes portuguezes, que partiam vestidos de cotim, chapeu braguez na cabeça, com a unica bagagem de uma caixa de pinho contendo a roupa branca e os retratos da familia.

Eu vi muita vez, na Foz do Douro, sairem hiates e barcas que levavam a seu bordo centenas de rapazes do Minho.

Os paes vinham da sua terra acompanhal-os até ao Porto, para lhes darem o ultimo adeus, e quando o navio levantava ferro corriam á Foz para de cima do paredão da Meia-Laranja ficarem acenando por muito tempo com o lenço branco, n'uma angustiosa tortura de saudade, até que a embarcação desapparecia no horisonte.

Então, levantando grande clamor, as mães dos emigrantes retiravam para o Porto, e ao passarem na Cantareira os barqueiros diziam-lhes compassivamente que se calassem, porque «o rapaz havia de voltar muito rico».

E a prophecia quasi sempre sahia certa.

Outras vezes nem era preciso ir ao Brazil para enriquecer. O Brazil encarregava-se de vir trazer o seu dinheiro a Portugal dentro de uma carta em que se annunciava a morte e a herança de um tio rico.

Os emigrantes eram tão numerosos, que toda a gente tinha pelo menos um *brazileiro* na familia, e as heranças eram tão importantes, que frequentemente chegavam para enriquecer os herdeiros e os intermediarios, a que se dava então por eufemismo o nome de «procuradores» ou «correspondentes».

Alguns, não poucos, locupletaram-se á sombra dos tios... dos outros.

No Brazil, paiz fabulosamente rico, onde toda a região do *Serro do frio*, uma bagatella de 16 leguas contadas de norte a sul, produzia diamantes,

e onde nada menos de trez provincias forneciam ouro em pó, que se poderia fungar como rapé, havia apenas um espectro perseguidor que apavorava os emigrantes: era a febre amarella.

Mas n'esse paiz do ouro e dos diamantes até a febre era amarella... da côr do ouro!

O dinheiro parecia não ter ali valor, a não ser em grandes quantidades. Qualquer pequeno objecto custava sommas fabulosas. Conta-se que estando no Rio, como secretario da legação portugueza, o illustre poeta Antonio Feijó, entrara um dia n'uma loja para comprar um barrete de dormir.

Estava tão habituado a ouvir fallar de preços excessivos, que perguntou ao lojista:

— Quantos contos de réis custa este barrete?

Os emigrados portuguezes, a despeito do espectro da febre amarella, attraíam ao Brazil os paes, os tios, os irmãos, que tinham ficado na terra.

E os bons minhotos, que jamais haviam confiado demasiadamente na segurança dos caminhos de ferro, aventuravam-se a embarcar n'um navio de vela, sujeito aos perigos do mar, para ir ganhar dinheiro no Brazil.

Poderia haver excepções, mas eram poucas. Uma seria o dr. Damasio, lente de theologia em Coimbra, que morreu ha dias, e que gostando de viajar não quiz nunca confiar a sua pessoa á viação accelerada. Era um partidario ferrenho da anachronica locomoção em sege, e assim vinha de Coimbra a Lisboa e Evora, gastando dias no caminho.

Mas o dr. Damasio, antigo alumno da Casa Pia de Evora, não tinha parentes, como declarou em

seu testamento, e ainda que os tivesse, e elles o attraissem ao Brazil, não deixaria talvez de partir... comtanto que lhe mandassem dizer o meio de chegar lá... de carruagem.

Rodaram annos, não muitos — porque todos nós nos lembramos como isso foi — e o Brazil, outr'ora o paiz do ouro e dos diamantes, começou a entrar n'um periodo do difficuldades financeiras.

O cambio tornou-se um espectro muito mais para temer do que a febre amarella.

Brazileiros que viviam magnificamente em Portugal, e que todos nós conheciamos da Havaneza por fumarem charutos de tostão, contrariados pelo mau estado do cambio que lhes não permittia mandarem vir os seus rendimentos, tiveram de voltar de novo ao Brazil para não passarem pelo vexame de retroceder ao charuto de vintem, por onde talvez haveriam começado.

Ao mesmo tempo, alguns emigrantes, que tinham recentemente embarcado ainda na fé da lenda antiga, recolhiam a Portugal famintos e nús, e iam em peregrinação ao governo civil de Lisboa pedir que lhes abonasse a passagem para as terras da sua naturalidade.

O facto, que a principio causou extranheza, tem-se repetido ultimamente coincidindo com a depressão dos cambios.

O typo do *brazileiro*, que tanto alimentou os romances de Camillo, parece ser agora uma mina esgottada, como os lodos do rio Jequitinhonha e as areias auriferas de Goyaz e Matto Grosso.

Por acaso se tem visto chegar ultimamente al-

gum brazileiro, d'aquelles antigos chibantes que na sua terra eram recebidos com foguetorio e fungágá?

Qual! Pelo contrario, muitos dos que por cá havia téem-se safado á formiga, deixando quasi solitaria a Casa Havaneza em Lisboa e a Praça Nova no Porto.

Ha tempos a esta parte não se vende em Portugal um charuto de tostão, a não ser dividido em cinco... de vintem!

Quando a lenda do Brazil já estava abalada por estes e outros factos, que são do dominio publico, chegou esta semana um telegramma, que acabou de lhe vibrar o golpe de misericordia.

Pelo porta-voz da Havas ouviu-se resoar em toda a velha Europa esta noticia de sensação:

«A casa Rothschild, de Londres, contratou firme com o governo brazileiro um supprimento de 2:000:000 libras, em ouro, por um anno, garantido pelas receitas das alfandegas do Rio de Janeiro.»

O quê?! O opulento Brazil, o antigo paiz dos diamantes pretos e do ouro em pó, reduzido a empenhar como nós, como toda a gente, que tem de ir ao *prégo* uma vez por outra?!

Então esse rico negociante em relações com todo o mundo, esse poderoso banqueiro que se chamava o Brazil, tem de ir pendurar por um anno, na casa Rothschild de Londres, as alfandegas do Rio — como nós já tinhamos pendurado alguma receita das nossas?!

Que mal que se hão de dar as alfandegas de um paiz quente como o Brazil em quarentena de doze mezes n'um paiz frio como a Inglaterra!

E accrescentam os jornaes que tambem os caminhos de ferro estão ameaçados de hypotheca.

Os velhos camponezes do Minho, se souberem isto, que naturalmente saberão, hão de agarrar as mãos na cabeça, e gritar que é chegado *o fim do mundo.*

Porque o mundo, este em que por ora vamos estando, não é outra cousa mais do que o dinheiro, tudo dinheiro, apenas dinheiro...

Quando já era difficil obtel-o cá, dentro do nosso paiz, ainda havia a esperança de o ir buscar ao Novo Mundo.

E talvez por esta razão, visto que o que mais se procura no mundo é o dinheiro, talvez por esta razão, e não pela data do seu descobrimento, foi que se deu á America o cognome de *Novo Mundo*...

Les dieux s'en vont. E' uma triste verdade. E o ultimo Deus que faltava ir era o Dinheiro, que lá se vae agora de escantilhão, como o elevador do Lavra, levando de cambulhada o Brazil, que era outr'ora o paiz dos diamantes, do ouro em pó e dos tios ricos.

Isto até dá vontade de morrer... aos pobres.

XXII

IMPERADOR DO ESPIRITO SANTO

Tempo de sol, tempo de festas, de romarias e arraiaes.

No inverno, o povo está alapado na sua toca. Faz-se formiga, trabalha e arrecada. Vem o estio, canta como a cigarra, gasta e baila. Cada domingo traz nova folgança. Com as flores de maio véem as primeiras romagens, semi-pagãs. Chega junho e as festas englobam-se em rocadas como as cerejas:

Santo Antonio é a treze,
S. Pedro a vinte e nove,
S. João a vinte e quatro
Por ser a festa mais nobre.

Não estamos em anno de fartura, a estiagem tem esterilisado as searas; em quinta feira da Ascen-

ção as pedras ficaram enxutas, o que é de mau agoiro, segundo a sciencia prophetica dos camponezes:

Se chover em quinta feira d'Ascenção,
As pedrinhas darão pão.

Não choveu. Mas a escassez das colheitas, que é já mais do que uma ameaça, quasi certeza, esquece-se n'um dia de romaria, é um pesar que se enxota bailando á sombra dos ulmeiros no adro de uma capellinha branca.

As pedras ficaram sêccas na quinta feira da Espiga? Paciencia. O povo atira as pedras para traz das costas, como Deucalião. E vai-se divertindo confiado em Deus.

Correspondencias de Braga annunciavam no fim da semana que já a floresta do Bom Jesus do Monte começava a animar-se para a festa do Espirito Santo. «Amanhã os comboyos devem trazer grande quantidade de romeiros.» *(Commercio do Porto*, de sabbado).

Grande romaria — das mais afamadas do norte.

Dura trez dias e é, effectivamente, prodigioso o numero de romeiros que ali concorrem povoando o monte Espinho, todo vestido de galas para os receber. Armam-se tendas e botequins nas avenidas e terreiros. As estatuas dos escadorios engrinaldam-se de flôres. Mastros com bandeiras resurgem d'entre as arvores. Levantam-se arcos triumphaes. A' noite, lanternas multicôres esmaltam a floresta, e as candeias com que se allumiam os ranchos dos

romeiros, installados sobre a relva, estrellam como pyrilampos as sombras do arvoredo.

No sul, as maiores festas do Espirito Santo eram d'antes as de Alemquer. Uma das invenções caracteristicas do Pentecostes n'aquella villa consistia na figuração do *Imperador*, que se attribuia á rainha santa e ao rei Diniz.

Lá o escreve frei Manoel da Esperança na *Historia Seraphica*: «A muitas cousas notaveis, em que teve boa parte a rainha Santa Izabel, fez lugar a velhice d'esta casa. Hua he a solemnidade do Imperio, do qual *ella e seu marido*, para celebrar a festa do Espirito Santo, *forão inventores primeiros.*»

Parece tambem a frei Francisco Brandão, na *Monarchia Lusitana*, que a santa rainha instituiu em Cintra a mesma piedosa invenção, a qual se celebrava na sala dos infantes nos paços da villa.

Não está ainda completamente obliterado o costume da apparição do *Imperador* nas festas do Pentecostes; mas está decadente.

Durante quatro seculos o Espirito Santo de Alemquer teve fama em todo o reino. Por 1750 já havia perdido muito do seu primitivo esplendor. Presentemente, informa um escriptor moderno, ha annos em que as festas se não fazem.

No domingo de Paschoa sahia da casa do Espirito Santo a bandeira da antiga irmandade, e era levada por um homem nobre. Um pagem das principaes familias da terra empunhava uma espada nua, curta e sem copos, que se dizia ter sido de D. Diniz. Outro pagem conduzia sobre uma ban-

deja uma coroa de prata doirada. Danças e trebelhos ao uso antigo, virgens vestidas de branco, muito povo, empunhando cannas verdes completavam o luzido cortejo, que era acompanhado por um capellão da casa.

Dirigiam-se processionalmente á egreja de S. Francisco, onde um sacerdote, paramentado de capa de asperges, coroava o homem nobre. Finda esta cerimonia, as donzellas executavam varias evoluções choreographicas. E o prestito recolhia á egreja do Espirito Santo, tomando ahi o *Imperador*, já coroado, logar debaixo de um docel, como se á *sagração* se devesse succeder a *posse*. Por ultimo, no átrio do templo, realizava-se um banquete, composto de doces, fructas, vinho e agua, sendo o *Imperador* servido á mesa por quatro dos principaes da villa.

Eram tantos os gastos a que o banquete obrigava, que el-rei D. Manoel ordenou que a nenhuma das pessoas presentes fossem distribuidas mais de — *duas fruitas*.

Repetia-se a cerimonia todos os domingos desde a Paschoa até ao Espirito Santo, em cuja véspera o *Imperador* tornava a sahir, pela mesma ordem, ladeado por dois *reis*, com corôas de prata na cabeça, para dirigir-se á egreja de Triana, d'onde, feita a oração, recolhia ao templo de que tinha sahido.

Esta procissão era nomeada — da *candea*, e d'ella fôra tambem auctora, segundo o depoimento de frei Manoel da Esperança, a rainha santa.

Quando a procissão ia sahir, atava-se á chave do

sacrario um rolo bento, que dois homens nús da cintura para cima, em guisa de selvagens, desenrolavam durante todo o percurso, e que tambem na egreja de Triana prendiam na chave do sacrario.

Este rolo — madeixas de cêra benta, como lhe chama um chronista — era fornecido pela camara, e não constituia uma tradição privativa de Alemquer, pois que tambem em Braga se dava volta á cidade com um rolo, destinado a arder em dia de S. Lourenço.

No domingo do Espirito Santo as festas do *Imperio* acabavam já de noite, pelo que se chamava — dos fogareos — esse domingo.

Se o principe herdeiro do reino estivesse em Alemquer no Pentecostes, a elle cumpria levar a corôa sobre a bandeja.

Tambem na villa de Eiras, ao norte de Coimbra, fizeram antigamente os moradores voto solemne, por se livrarem de uma grande peste, de crear a cerimonia do *Imperador do Espirito Santo*, cargo que, por eleição annual da camara, costuma recair n'um homem dos melhores do povo.

O cortejo dirige-se ao mosteiro de Chellas, onde a abbadeça offerece refrescos ao *Imperador* e sua comitiva; visita a capella do Espirito Santo, que fica perto de Chellas, e recolhe a Eiras, onde se realizam corridas de éguas, sendo os donos das que mais correm premiados com carneiros e fogaças.

E já que falei em — fogaça — quero dizer que esta palavra significa a piedosa offerenda de um

bolo, que as raparigas costumam ir depôr n'um altar em dia de romagem.

Thomaz Ribeiro chamou *fogaça* á portadora da offerenda, quando disse no *D. Jayme*:

> Como festiva *fogaça*
> N'um dia de romaria.

Mais propriamente se deveria chamar *fogaceira* á portadora da fogaça; mas o uso tem tornado extensivo á pessoa e ao objecto o mesmo vocabulo, como acontece em Thomar.

Quer-me parecer que logrei atinar com a origem da palavra.

Em tempos remotos caiu sobre a villa de Pombal uma praga de gafanhotos. Apegaram-se os habitantes com Nossa Senhora do Cardal, e prometteram fazer-lhe uma grande festa, se os libertasse da praga.

Foram ouvidos, e por memoria do facto uma illustre dama, de nome D. Maria Fogaça, tomou a seu cargo as despezas da festa. Para maior luzimento mandou fazer dois grandes bolos, que queria offerecer ao parocho.

Ao entrar no forno, ficaram tortos, motivo por que um criado da fidalga, invocando a Senhora do Cardal, se metteu ao fogo para os compôr, e sahiu illeso.

Como lembrança do successo todos os annos, pela festa do Cardal, entra um homem n'um forno para este fim construido.

E em memoria da offerta dos bolos, feita por

D. Maria Fogaça, creio eu que se ficaria chamando *fogaças* a todos os outros bolos de identica applicação piedosa.

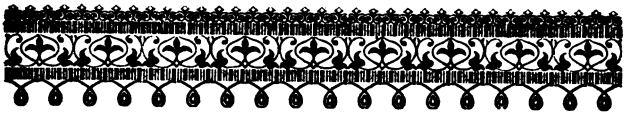
Isto digo eu, e não faço finca-pé na descoberta. O que dizem os diccionaristas não sei, porque não estou de maré para os consultar.

Bodos, descantes e outras folias não faltam em Eiras por occasião da festa do *Imperador*. Os bodos são tantos e tamanhos, que oito dias antes trabalham todos os fornos a cozer pão, pelo que este oitavario é lá chamado *dos fermentos*.

Para as bandas de Cintra, sem que eu me lembre ao certo do nome da localidade, subsiste ainda o costume de figurar o *Imperador* nas festas do Espirito Santo, talvez por tradição, que Brandão refere, deixada no concelho pela rainha santa.

Em Lisboa, onde o marmore e o granito se ufanam de civilisados, não ha nada d'isto, que é o pittoresco dos costumes velhos do nosso povo. Mas ha touros em que um cavalleiro, a bem dizer, não deixa de andar por muito longe de um *Imperador* fingido.

Tudo são representações ao vivo, havendo apenas differença nos nomes.



XXIII

ALHOS

Durante a semana li n'um jornal do Porto esta pequenina informação expedida pelo seu correspondente em Lisboa:

«De Hespanha téem chegado ultimamente muitos vagons com alhos.»

Certamente se não trata aqui dos *alhos* de chapeu alto, que são cada vez em maior quantidade, como se por exportação todos os paizes productores os fossem despejando sobre este paiz pequeno.

Ha cada vez mais *alhos*, d'esses, que se propõem passar a vida embrulhando o mundo nas *cascas* de si mesmos.

E a fallar verdade o que elles mais téem do que em verdade são... é o *dente* — para comer e morder.

No empenho de realizar o seu fim mettem os pés pelas mãos, fallam em alhos quando se trata de bu-

galhos, põem grandes *barbas* para disfarçar a pequenez da *cabeça*, e todo o seu gosto seria entrançar a humanidade n'uma só *réstea*, atiral-a para os quintos de Madrid e ficarem senhores do mundo inteiro, na sua propria *vinha* d'elles, em conserva eterna.

Mas não é d'esses que certamente se trata.

O que a Hespanha nos mandou esta semana é o alho authentico, planta hortense, da familia das liliaceas, porque na botanica — não sei se já repararam n'isto — não ha expostos da Santa Casa, cada individuo tem a sua familia.

Comtudo o leitor ha de desculpar-me a digressão, que foi um pouco demorada, mas que se justifica pela parecença que ha entre o alho e o homem.

Lá diz a adivinha popular:

Tem dentes e não come
E tem barbas como o home.

Não admira nada que Portugal precise importar o alho hespanhol em tamanha quantidade, porque só Lisboa deve consumir todos os annos uma boa porção d'elles.

Lisboa, cidade de marmore e açorda, rainha do oceano, tu és a primeira entre as cidades que vivem do alho.

E é talvez ao alho que deves ainda a tua existencia, não só porque elle dá sabor ás tuas crassas migas de pão, mas tambem porque possue qualidades bemfazejas, que livram de enfermidades e maus olhados.

Em sanscrito o alho é *bhutagna*, que significa aniquilador de monstros, porque, segundo a crença geral, dá cabo dos inimigos da humanidade.

E' claro que não me refiro aos «libertarios», nova especie de alhos sociaes, que vieram muitos seculos depois do alho das hortas.

Mas os nossos lavradores não saiem de casa pela manhã sem trincar um dentinho de alho para ficarem livres da perseguição das bruxas e do diabo.

E é crença tão seguida por esse mundo fóra, que no poema de Macer Floridus, *De viribus herbarum*, se encontra menção d'este costume:

Allia qui mane jejuno sumpserit ore.

Imaginem os senhores um idyllio matutino de dois camponezes das nossas provincias. Encontram-se pela manhã n'um atalho ou junto á fonte, quando ambos partem para o trabalho. Sentam-se n'uma pedra, as mãos enlaçadas, os corpos inclinados um ao outro. São electricidades de sexo differente... é de presumir que o trovão do amor rebente presto. E estala entre as duas boccas um beijo ardente. Sabem os senhores o que é esse beijo? E' o encontro de dois alhos, pois que ambos os namorados se preveniram logo de manhã contra as infelicidades e maleficios que poderiam querer assaltal-os durante o dia.

E ás vezes esta aventura pode vir a cheirar ao alho...

Mas o que importa isso, se o alho vale por si mesmo uma botica para livrar de doenças do espirito e do corpo?

Cura de lombrigas, de febres palustres, de scorbuto, de ictericia, e, segundo Plinio, tambem tem a propriedade de curar a loucura.

Sob este ponto de vista o hospital de Rilhafolles não é senão um grande alho dirigido pelo sr. Bombarda.

Vide Plinio e o Almanach Commercial.

Uma vez, no Minho, estava eu passando alguns dias de verão n'uma quinta, onde havia dois caseiros, pae e filho. Engordavam um porco para vender.

Pelo S. Miguel annunciaram-me que iam leval-o á feira. Era o acontecimento do dia: cheguei á janella para vêr partir o porco, que conduzia em si mesmo a respectiva bagagem: umas sete arrobas de peso.

Fez-me inveja aquelle porco!

Tiraram-n'o da córte para o páteo, que estava delicadamente alfombrado de tojo.

E' o tapete macio do Minho.

E ahi, no páteo, os dois caseiros, pai e filho, começaram a friccionar o suino, possantemente, cada um com seu dente de alho.

O porco não gostava da fricção, e grunhia. Era como o contribuinte quando sente no corpo a escôva rija do fisco.

Mas os camponios rezavam pela cartilha de Mazarino: grunhe? não importa — elle o pagará. E zás que zás, esfregando sempre.

— Para que é isso? perguntei eu.

O caseiro velho parou um momento, e arregalou os olhos para mim.

— O que é que o senhor pergunta!

— Para que serve isso?

— Ora essa! serve para livrar o porco de mau olhado e para lhe dar felicidade na feira.

Gastos os dois primeiros dentes de alho, os caseiros metteram as mãos ao bolso e tiraram outros dois.

Começou nova fricção, com maiores protestos de grunhido por parte da victima.

E, por fim, o filho do caseiro deu ainda uma ultima untadella no cevado com um quinto dente de alho.

— O seu pae cansou-se? perguntei eu.

O rapaz sorriu desdenhosamente, e respondeu por cortezia:

— Não, senhor. E' que não fazia a conta.

— Porque?

— Porque se não fôr numero *pernão* (impar) não tem virtude nenhuma.

E ali estava talvez a receita para curar o nosso paiz das desgraças que o perseguem. Cada ministerio compõe-se de sete ministros — numero impar.

Cada ministro munia-se de um dente de alho, e começava a esfregar o paiz muito bem esfregado.

E o enguiço ir-se-ía embora, seja segundo a theoria do povo ou a theoria de Plinio, porque parece que a maior desgraça de Portugal é a sua propria doudice.

Lisboa, principalmente, não teria que extranhar muito. Ella já está habituada ao alho por dentro; soffreria facilmente o alho por fóra.

E era um remedio.

Tambem não seria mau que cada ministro da fazenda recemchegado pozesse debaixo do travesseiro uma cabeça de alho.

Na Sicilia é costume usarem as mulheres d'essa precaução na occasião do parto.

Assim, por extensão, os ministros da fazenda aproveitariam as qualidades beneficas do alho para dar á luz com felicidade as suas medidas financeiras.

Eram duras? A gente já sabia. E' que cheiravam ao alho.

Eu não desconheço que o alho, que livra toda a gente, não se tem livrado elle proprio de inimigos. Quem os não tem! Um d'elles, e dos mais encarniçados, foi o poeta Horacio, que o descompoz n'uma ode.

Mas esse ataque revela de algum modo nobreza. Tomára eu que toda a gente me descompozesse em odes, porque sempre lhe dava algum trabalho isso, e eu ficava bem vingado.

Horacio descompoz o alho como poeta, em bellos versos, dirigidos ao seu amigo e protector o ex.mo sr. Mecenas, pai de outros que valem muito menos que o seu progenitor.

Tenho aqui á mão de semear a traducção d'essa ode famosa por Cabral de Mello, açoriano, o qual, bem como o visconde de Seabra, deu fóros de portuguez a Horacio.

O poeta romano abre a valvula do seu rancor ao alho, e atiça-lhe esta descomponenda:

Se alguem com impia mão do pae idoso
A garganta afogar, o alho coma
Mais ainda nocivo que a cicuta.
Ó estomagos duros dos ceifeiros!
Que férvido veneno
As entranhas me abrasa?

E, por fim, como conselho a Mecenas, para que não mastigasse o alho em jejum quando tivesse empreza amorosa:

Se tal comida, jovial Mecenas,
Cubiçares, eu peço que teus osculos
Co'a mão afaste a nympha,
E no leito repouse.

Tambem Galeno deu sua ferroada no alho chamando-lhe a triaga dos camponezes.

Mas os dois grandes homens, Galeno e Horacio, passaram — e o alho ficou.

E até subiu de cotação quando um medico do Porto o preconisou como antidoto contra a hydrophobia, antes da famosa descoberta de Pasteur.

Que no animo do povo não era preciso tanto; o alho já lhe merecia muita fé.

Vão lá dizer a um italiano de Bolonha que o não compre na manhã de S. João!

Nem fallar n'isso, porque n'essa manhã tem o alho uma virtude especial: garante contra a pobreza durante todo o anno. Ha em Italia um proverbio que diz pouco mais ou menos:

Na manhã de S. João
Quem não se munir d'um alho
Todo o anno é pobretão.

Nós, os portuguezes, devemos ao alho o favor de ter enriquecido o nosso vocabulario com um grande numero de locuções metaphoricamente pictorescas.

D. Francisco Manuel, na *Feira de anexins*, não as aproveitou todas.

Nem eu posso mencional-as n'esta pagina de um livro, que vae a todas as mãos.

Se não fosse tal consideração, remataria esta réstea de alhos com duas cabecinhas de uns certos que téem um nome muito vivo.

E offerecel-os-ía aos meus Horacios, meus e do alho, para seu regalo e consolo.

Ah! Mas hão de entender-me, porque todos elles são... uns alhos.

FIM DO 1.º VOLUME

INDICE DO 1.º VOLUME

INDICE

Razão do titulo..... V
I — Chá e torradas..... 7
II — O palito..... 15
III — Tradição de um officio..... 23
IV — Zé Preira..... 32
V — Os grillos..... 41
VI — A candeia..... 49
VII — Rosas e morangos..... 58
VIII — O S. João de Braga..... 65
IX — S. Roque e S. Carlos..... 72
X — Na côrte de D. Maria II..... 80
XI — Carta para o outro mundo..... 87
XII — Os penteados..... 94
XIII — Os regalos..... 108
XIV — Vestidos de cauda..... 115
XV — Os trajes das classes vis..... 120
XVI — Santo Antonio na India..... 128
XVII — Vinho do Porto..... 136
XVIII — Os estudantes de Coimbra..... 143
XIX — Noites de verão..... 151
XX — Andar ás vozes..... 159
XXI — O Brazil..... 166
XXII — Imperador do Espirito Santo..... 174
XXIII — Alhos..... 181

8783

RETURN TO → **CIRCULATION DEPARTMENT**
202 Main Library

LOAN PERIOD 1 **HOME USE**	2	3
4	5	6

ALL BOOKS MAY BE RECALLED AFTER 7 DAYS

Renewals and Recharges may be made 4 days prior to the due date.

Books may be Renewed by calling 642-3405.

DUE AS STAMPED BELOW

AUTO DISC FEB 06 '91		

FORM NO. DD6

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, BERKELEY
BERKELEY, CA 94720

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes publicados

1 — Tristezas á beira-mar, por Pinheiro Chagas.
2 — Contos ao luar, por Julio Cesar Machado.
3 — Carmen, trad. de M. Level.
— A Feira de Paris, por Iriel.
5 — O direito dos filhos, por George Ohnet.
— John Bull e a sua ilha, trad. de P. Chagas.
7 — Esgotado.
8 — A lenda da meia noite, por M. Pinheiro Chagas.
9 — A joia do vice-rei, por P. Chagas.
10 — Vinte annos de vida litteraria, por A. Pimentel.
11 — Honra d'artista, trad. de P. Chagas.
12 — Esgotado.
13 e 14 — A aventura d'um polaco, trad. de Maria A. Vaz de Carvalho.
15 — Os contos do Tio Joaquim, por R. Paganino.
16 — Esgotado.
17 — Noites de Cintra, por Alberto Pimentel.
18 e 19 — Esgotado.
20 e 21 — A irmã da caridade, por Emilio Castellar, trad. de L. Q. Chaves.
22 — Migalhas de historia portugueza, por P. Chagas.
23 — Esgotado.
24 — Contos, por Affonso Botelho.
25 — Esgotado.
26 — Esgotado.
27 — O naufragio de Vicente Sodré, por Pinheiro Chagas.
28 — Vida airada, por Alfredo Mesquita.
29 — O bacharel Ramires, por Candido de Figueiredo.
30 e 31 — Esgotado.
32 — As netas do Padre Eterno, por A Pimentel.

33 — Contos, por Pedro Ivo.
34 — O correio de Lyão, por Pierre Zaccone.
35 — Vida de Lisboa, por Alberto Pimentel.
36 — Historias de frades, por Lino d'Assumpção.
37 — Obras primas, por Chateaubriand
38 — O exilado, por Mauricia C. de Figueiredo.
39 — Poema da Mocidade, por Pinheiro Chagas.
40 e 41 — A vida em Lisboa, por Julio Cesar Machado.
42 e 43 — Espelho de portuguêses, por Alberto Pimentel.
44 — A fada d'Auteuil, trad. de Pinheiro Chagas.
45 — A volta do Chiado, por E. de Barros Lobo.
46 — Séca e Méca, por Lino d'Assumpção.
47 — Ninho de guincho, por Alberto Pimentel.
48 — Vasco, por A. Lobo d'Avila.
49 — Leituras ao serão, por A. X. Rodrigues Cordeiro.
50 — Luz coada por ferros, por D. Anna A. Placido.
51 — Esgotado.
52 — Relampagos, por Armando Ribeiro.
53 — Historias rusticas, por Virgilio Varzea.
54 — Figuras humanas, por Alberto Pimentel.
55 — Dolorosa, por Francisco Acebal, trad. de Caïel.
56 — Memorias de um fura-vidas, por A. de Mesquita.
57 — Dramas da côrte, por Alberto de Castro.
58 — Os mosqueteiros d'Africa, por Mendes Leal.
59 — A divorciada, por José Augusto Vieira.
— Phototypias do Minho, por J. Augusto Vieira.
— Insulares, por Moniz de Bettencourt.
63 — Historia da civilisação na Europa, trad. do Marquez de Sousa Holstein.
64 — Triplice alliança, de Raul de Azevedo.
65 — Retalhos de verdade, por Caïel.
66 — A pasta d'um jornalista, pelo Visconde de S. Boaventura.
67 — Os argonautas, por Virgilio Varzea.
68 — Fitas de animatographo, por Alberto Pimentel.
69 e 70 — Poesias do Abbade de Jazente, annotadas por Julio de Castilho.
71 — Aspectos e sensações, de Raul d'Azevedo.
72 — Contos e narrativas, por P. W. de Brito Aranha.
73 — Quadros e letras, historias e romancetes, por Sanches de Frias.
74 — Individualidades, por Henrique das Neves
75 — Alfacinhas, por Alfredo de Mesquita.
76 — Patria amada, pelo Visconde de S. Boaventura.
77 — Historias e romancêtes, por Sanches de Frias.
78 — Esbocetos individuaes, por Henrique das Neves
79 — Recordações da mocidade, por Adolpho Loureiro.
80 — Sorrisos, novellas e chronicas, por A. Campos.
81 — Lucta de sentimentos, por Maria O'Neill.
82 — Do Rocio ao Chiado, por P. de Vasconcellos.
83 — A dança do destino, por Luthgarda de Caires.
84 — Um drama de ciume, por Maria O'Neill.
85 e 86 — Resumo da origem de todos os cultos, por C. F. Dupuis.
87 — Vencido, romance por F. A. M. de Faria e Maia.
88 — Elogio da loucura, critica de costumes, por Erasmo.

90 1 1

Pimentel, Alberto, 1849-
... Terra de Santa Cruz.
Paris, 1901.
8°. (Hist-Lit)
Maria Pereira - no.20-21)
Series title also at head

678674

Azev

Diccions
raneo
2.ª ed
extren
Gramma
Gramm
aprend
tre.
Lições
france
Ollend
apren
(2 vol

Carval

Ao corr
Arte de
Aventu
mes).
Cerebro
Chronic
Coisas
Contos
Em Por
Figuras
Heroisn
Impress
No meu
Nossas
Pelo mu
Raphael, trad. de Lamartine, (ed. de luxo).

Ao sol e á chuva.
Grande (A) Chimera.

UNIVERSITY OF CALIFORNIA LIBRARY

PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA-EDITORA
50-52. Rua Augusta. 52-54
LISBOA